



Ana Beatriz Zimmermann Guimarães

**Sobre o sintoma histérico e
o que dele escapa ao pai**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
graduação em Psicologia do Departamento de
Psicologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Marcus André Vieira

Rio de Janeiro
Março de 2015



Ana Beatriz Zimmermann Guimarães

**Sobre o sintoma histórico e
o que dele escapa ao pai**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora a baixo assinada.

Prof. Marcus André Vieira

Orientador
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Andréa da Silva Vilanova

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Profa. Maria Inés Sotelo

Universidad de Buenos Aires - UBA

Profª. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 23 de março de 2015.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Ana Beatriz Zimmermann Guimarães

Graduou-se em Psicologia na PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) em 2009. Especialização em Clínica Psicanalítica. Instituto de Psiquiatria – IPUB/UFRJ em 2012.

Ficha Catalográfica

Guimarães, Ana Beatriz Zimmermann

Sobre o sintoma histérico e o que dele escapa ao pai / Ana Beatriz Zimmermann Guimarães; orientador: Marcus André Vieira. – 2015.

122 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2015.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Histeria. 3. Satisfação. 4. Pai. 5. Corpo. 6. Psicanálise. 7. Freud. 8. Lacan. I. Vieira, Marcus André. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

Ao João, com amor, pelo vivo da vida.

Agradecimentos

Ao Marcus André Vieira, por me apresentar, há dez anos, o mundo da psicanálise. Por tudo que me ensina, pela parceria de trabalho, e por dar lugar ao meu desejo de viver a psicanálise em Buenos Aires.

A Leonardo Gorostiza, por me ajudar a ir para além da história, levando-me a experimentar uma psicanálise inédita para mim.

A minha mãe, por me ensinar, com amor, o valor do trabalho e da presença.

Ao meu pai, pelo carinho e sensibilidade.

Ao Daniel, pelo amor, parceria e humor.

A Rossana Schneider, pelo carinho de uma mãe postiça.

Ao CNPQ e PUC-Rio, pelo incentivo. À Marcelina, pela prontidão generosa.

A EBP-Rio, por sentir que encontrei o lugar da minha formação. Pelos vivos momentos de ensino.

A Bruna Correa, Gabriela do Amaral, Priscila Trigueiro e Juliana Costa, irmãs escolhidas, por estarem.

A amiga Silvina Molina, pelas conversas fundamentais, pela parceria psicanalítica e nos idiomas.

A Guillermo Belaga, pela precisão psicanalítica e por tudo que me ensina sobre a psicanálise.

A Nestor Rozenberg e Silvina Bragagnolo, pela preciosa transmissão lacaniana e pela amizade e carinho que ficam.

A María Inés Sotelo, pela abertura, pela transmissão ensinante e entusiasmante da psicanálise.

A Leticia Acevedo, pelas orientações psicanalíticas, pelo apoio e acolhida especial em outro país.

A Andrea Vilanova, pela leitura fina deste trabalho e pelas inúmeras conversas enriquecedoras.

A Ana Luiza Braga, Daniela Galeão, Marianna Oliveira, Kelly Siqueira, Alexandra Tavares e Mariana Costa, pelos momentos alegres e pelos projetos compartilhados.

A toda a equipe da PAUSA, pelo valor dado à singularidade, pela *dura docilidade* e por me mostrar um novo horizonte.

A equipe do Hospital Central de San Isidro, pela acolhida carinhosa, pela seriedade no trabalho compartilhado.

A Escuela de Orientación Lacaniana (EOL), por abri-me las puertas y presentarme de nuevo, de una manera nueva, el psicoanálisis.

A equipe do Digái Maré, por me mostrar que sempre é possível se reinventar.

A equipe do ambulatório de saúde mental de Pendotiba, pela leveza e compromisso que me entusiasmaram.

A Bruna Guaraná, Clarice Arantes, Maria Eduarda Pereira, Julia Aboim e Camila Padrão, companheiras das alegrias e desafios ao longo do mestrado.

A Maria Ines Gaya, Daniel de Koning, Vanessa Carolina e Ivan Klos, pela amizade do lar portenho.

Aos queridos amigos portenhos: Fernando Rivas, Ursula Tanoni, Magali Rodriguez, Julia Goldberg, Carolina Kohan, Soledad Puccio e Carla Koryto, pelos sorrisos fundamentais.

A Buenos Aires, pelo encontro com a nova língua, por me apresentar lindas pessoas e pela nova forma a minha formação analítica.

Gracias e obrigada...

Resumo

Guimarães, Ana Beatriz Zimmermann; Vieira, Marcus André (Orientador). **Sobre o sintoma histérico e o que dele escapa ao pai.** Rio de Janeiro, 2015. 122p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação tem como objetivo destacar os elementos de satisfação presentes na neurose histérica, considerando que há um núcleo ligado a essa satisfação que, desde Freud, está para além da organização da novela familiar enredada pelo Complexo de Édipo. Para isso, é fundamental retomar o caso Dora, paciente atendida por Freud, propondo esta perspectiva: de que há um material de satisfação estranho, sem sentido, no sintoma histérico, que escapa à ordem prometida pelo pai. Essa questão será aprofundada no quarto capítulo deste trabalho, onde será trabalhada a histeria em nossos tempos. A interpretação paterna, que organiza uma vida, através de sentidos compartilhados, pode vir em um segundo tempo. Obviamente não está em questão retirar a importância que o complexo paterno, especialmente a identificação ao pai, possui em relação ao sintoma histérico. Nesta direção esta investigação se propõe a evidenciar e trabalhar a seguinte tensão: se ao mesmo tempo em que há uma satisfação no sintoma histérico, que é remetida ao pai como mensagem que busca uma resposta, há também uma parte da satisfação que não quer dizer nada, que porta um indizível, e ao mesmo tempo opera em cada sujeito, marcaram os corpos falantes com uma escrita que não é compreensível, mas que orienta um estilo de viver. A dissertação ainda aponta para o desafio que a clínica atual lança aos psicanalistas na medida em que hoje o Outro, uma certa alteridade, não está facilmente localizável, o que gera consequências clínicas, inclusive para a função do analista como aquele que supostamente saberia algo a respeito do sofrimento do sujeito.

Palavras-chave

Histeria; Satisfação; Pai; Corpo; Psicanálise; Freud; Lacan.

Abstract

Guimarães, Ana Beatriz Zimmermann; Vieira, Marcus André (Advisor). **About the hysterical symptom and what from it escapes the father.** Rio de Janeiro, 2015. 122p. MSc Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation has the purpose to detach the satisfaction elements presents in hysterical neurosis considering that there is a nucleon connected to this satisfaction that since Freud is beyond the arrangements of the family novel entangled by the Oedipus Complex. In order to achieve that is essential to resume Dora' case, patient attended by Freud, proposing the perspective that there is a strange and meaningless material of satisfaction in the hysterical symptom that escapes the order promised by the father. This matter will be deepened on the forth chapter of this essay where the theme of hysteria in our times will be wrought. The paternal interpretation which organizes a life through shared meanings can come on a second time. Obviously it is not in concern withdraw the importance that the paternal complex has in relation with the hysterical symptom specially regarding the identification with the father. In this direction this research proposes itself to point and work over the following tension. If at the same time exists a satisfaction in the hysterical symptom that is referred to the father as a message that seeks for an answer there is also a part of the satisfaction that does not mean anything carrying an unspeakable at the same time that operates in each subject, marked their speaking bodies, with a writing that is not comprehensible yet guides a way of living. The present dissertation also points the challenge launched by the contemporaneous clinic to the psychoanalysts as in nowadays the Other, a certain otherness, it is not easily located which generates clinical consequences including to the function of the analyst as the one that is supposed to know something regarding the subject's suffering.

Keywords

Hysteria; Satisfaction; Father; Body; Psychoanalysis; Freud; Lacan.

Sumário

Introdução	11
1. A histérica e o mestre	15
1.1. Romance e corpo: o sintoma conversivo	15
1.2. O pai do amor: mestre castrado	21
1.3. Do pai do amor ao pai perverso	23
1.4. Questões sobre o Édipo feminino	26
1.5. Uma leitura de: “A <i>Intervenção sobre a transferência</i> ”	29
1.6. O discurso do mestre e o discurso analítico	32
1.7. A estranheza do gozo	38
2. Sobre a oralidade e o objeto <i>a</i>	43
2.1. Complacência somática e a oralidade de Dora	43
2.2. A oralidade, a fixação oral	48
2.3. Oralidade de Dora com Lacan	50
2.4. Fragmentos de corpo	54
2.5. Alienação e Separação	55
2.6. Pai e objeto <i>a</i>	60
2.7. O paradoxal objeto <i>a</i>	63
2.8. Objeto oral, como resto	66
2.9. Retorno à Dora	69
3. A dimensão de impossível do objeto e a anorexia	72
3.1. Um recorte da psiquiatria sobre a anorexia	72
3.2. Sobre a anorexia do lado da psicanálise	73
3.3. A anorexia do ponto de vista lacaniano e o objeto nada	75
3.4. O objeto nada: uma vinheta clínica	81
3.5. Outro (edípico): um curto-circuito?	84
3.6. Anorexia: o nada, o falo e o corpo	87
3.7. Anorexia e o sexual	91
3.8. Anorexia: um fragmento clínico	93
4. O pós-moderno e a histeria rígida	97
4.1. Introdução à pós-modernidade	97
4.2. Eclipse do pai	98
4.3. Eclipse do Édipo	98
4.4. Anorexia e o Édipo	99
4.5. Histeria rígida	101
4.6. A histeria e o Nome-do-Pai no contexto atual	106
5. Conclusão	115
6. Referências bibliográficas	118

Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha. Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma.

Manoel de Barros

Introdução

Este trabalho pretende realizar uma investigação a respeito da noção da satisfação pulsional na neurose histérica abordada por Lacan a partir do seu conceito de gozo. Para isso, partiremos do caso de Dora, paciente atendida por Freud, como eixo condutor do nosso estudo. Nossa hipótese é que, na histeria, desde Freud, há tanto uma satisfação pulsional, que é direcionada ao âmbito paterno, buscando nele uma significação, como uma satisfação que não se endereça, que prescinde do sentido; se apoia no corpo como lugar privilegiado onde são marcados pontos de satisfações, que delimitam posteriormente um caminho.

Antes de nos aprofundarmos na faceta sem sentido dessa satisfação, que orienta uma maneira de viver, torna-se fundamental discutirmos algumas noções conhecidas, muito comentadas, a respeito da perspectiva da histeria enredada pela novela familiar, onde o pai é pivô, central para a construção do Complexo de Édipo.

Posto isso, no primeiro tempo deste trabalho, iremos retomar alguns pontos da história familiar de Dora, em que o amor ao pai se apresenta claramente na posição da jovem, por exemplo, quando ela adoece da mesma doença do pai. Temos o intuito de demonstrar, não de maneira oposta, mas simultânea, que há uma satisfação de Dora que está fora do sentido do pai, e que irá se concentrar no erotismo especialmente direcionado no ato de chupar. Nesse sentido, o conceito de complacência somática e oralidade serão centrais para desdobrarmos essa ideia.

Nessa direção, nos deteremos na seguinte virada: do corpo como todo a um fragmento corporal. O fio teórico que nos permitirá sustentar essa passagem é o conceito de objeto *a*, fundamental invenção lacaniana, onde podemos encontrar sua concretização teórica no *Seminário 10* (1962-63).

O objeto *a* condensa em si uma contradição, a qual nomearemos como paradoxo, no sentido de que é um objeto recortado do corpo, onde se produz um resto, o qual não possui em si uma essência, e se circunscreve a partir da presença do Outro como alteridade, que marca os orifícios corporais como zonas erógenas.

Trata-se de um paradoxo, pois não é simples delimitar, em um segundo tempo, o que corresponde ao sujeito e o que corresponde ao Outro.

Há uma tensão nessa operação, que nos será útil, sobretudo no último capítulo, onde abriremos uma discussão a respeito da histeria em nossos tempos e o manejo do analista nesse contexto. Se existe a discussão, para além dessa dissertação, da serventia do objeto *a* em nossos tempos, o que é certo dizer é que o paradoxo que ele compreende nos serve certamente, já que o tempo de hoje justamente aponta para a existência do Outro, que não é bem localizável, o que gera consequências em relação à função do analista na clínica.

A partir da noção de oralidade, com a pulsão oral, chegaremos ao objeto oral, como o objeto que, por excelência, porta um vazio, que condensa um gozo. A anoréxica é quem melhor nos ensina, na medida em que ela separa, ou tenta, o alimento da satisfação. Nessa dinâmica, veremos que ela aposta em distanciar-se do Outro, edípico. Dessa forma, o movimento da anorexia é apreender esse gozo que não se compreende a partir da referência paterna, tão valorizado na cena contemporânea.

O Outro, aquele que oferece a comida, da tradição, em referência ao pai, ficará assim curto-circuitado. Dessa forma, a anorexia nos ajudará a pensar o estatuto do Outro hoje, que parece não mais se dirigir ao pai.

Lacan aborda a anorexia a partir de um objeto que formula como “nada”. Conforme ensinou Lacan, no comer o “nada” não está em jogo uma negação do comer, trata-se do contrário, de um movimento ativo da anoréxica, que se alimenta, paradoxalmente de alguma coisa que não tem sentido, que se aproxima do gozo que não se compreende em referência ao pai.

Discutiremos em detalhe a ideia de que todo objeto *a* porta uma presença e uma ausência e talvez possamos pensar que a presença está mais ligada a uma apresentação do gozo, sem sentido em que escapa ao pai, enquanto que a faceta da ausência se relaciona com a falta, em que há uma busca de saber sobre o que não se sabe, uma suposição que a organização edípica supostamente poderia fornecer. Pode esclarecer algo em relação ao gozo, mas não tudo.

Podemos dizer que há algo do gozo que é sem sentido, especialmente em relação à ordem paterna, mas que não possui menos valor: marca de maneira única o corpo dos seres falantes, imprimindo um certo modo de laço com a vida,

na vida. Essa marcação fixa um estilo próprio de cada um estar na vida e a proposta de uma análise é justamente poder isolar essa marcação própria, que não é fora da linguagem, mas que está para fora do complexo paterno. Essa marcação está ligada mais a um encontro contingente, que orienta ou desorienta, se circunscreve nesse encontro das palavras com os corpos.

Focaremos, da leitura lacaniana, o conceito de objeto *a*, por nos parecer ser a abordagem que nos permite introduzir esse gozo que está fora do pai de maneira evidente. Porém, nosso esforço será demonstrar que já em Freud, especialmente em Dora, mas não apenas, ao mesmo tempo que a referência ao pai era central e organizava o sentido dos seus sintomas, havia igualmente acontecimentos corporais que excediam a essa referência, que, como veremos, sublinhou Lacan.

Nessa vertente, pretendemos resgatar na Dora de Freud o gozo no corpo como central, o que não quer dizer que o amor ao pai também não possua um lugar importante na gramática pulsional histórica. Entretanto, o recorte desse gozo, sem sentido, tem muito a contribuir para não só os casos que chegam ao final de uma análise onde o passe é o maior exemplo, como também para os que estão começando uma análise, guardadas as devidas diferenças. Isso porque a maneira que se apresenta o sofrimento hoje está diferente: conta-se menos com o mito que arma um discurso e mais com alguns nomes, que em si não querem dizer nada. Assim, um ponto de interrogação ao longo da dissertação será: há algo desse gozo enigmático que passa pelo pai? Ou mesmo: é possível que seja desprendido inteiramente do Outro?

Para interrogarmos o lugar dos casos de histeria hoje e o que a psicanálise tem a ver com isso, nos debruçaremos sobre a noção de “histeria rígida”, proposta por Lacan no *Seminário 23* (1975-76). Iremos nos apoiar para tanto nas indicações do psicanalista Éric Laurent. Essa noção possui uma função em nosso estudo na medida em que coloca em primeiro plano, de maneira subversiva, que mesmo que a constituição subjetiva não esteja fundamentalmente referida ao pai, ainda podemos considerar que podemos lidar com nossos pacientes a partir do conceito freudiano de histeria. O que garante que estamos lidando com a histeria no sentido freudiano? Por que não inventar um novo conceito, para além de histeria, que terminaria com essa possível contradição? Essas serão nossas questões.

A *histeria rígida* será justamente um convite, uma tentativa de formalização, com relação a um gozo que tanto se refere ao pai como está fora do âmbito paterno. Neste sentido ela evidencia que o Nome-do-Pai é apenas uma das formas de apreender algo do gozo, não necessariamente a única. Para discutirmos a noção de histeria rígida, contaremos com a peça Retrato de Dora, produzida por Hélène Cixous, em que o caso Dora é encenado.

Lacan se impressiona com a peça e diz que na obra a maneira pela qual os atores se apresentam tem muito a instruir aos analistas. O que intriga Lacan é que os atores transmitem uma realidade, “material”, que está para além do texto. A Dora de Cixous não está incomodada com seu sintoma, é o seu entorno que está. A peça destaca claramente que há um gozo com o seu sintoma que curto-circuita a dinâmica familiar.

O que podemos já ter certeza é que pensar a histeria que está fora do Nome-do-Pai nos exige um esforço clínico e teórico.

Levando em conta o que já comentamos – que hoje a busca de uma resposta no Outro não se evidencia claramente – o que faria com que histéricas ainda busquem um tratamento, apostando de alguma maneira que haveria um saber que explicaria o seu sofrimento? Em última instância seria uma busca ao pai, o que Lacan nomeou de Sujeito Suposto Saber. Haveria algum outro lugar ao analista que não o de Sujeito Suposto Saber? Talvez sim. Veremos.

1

A histórica e o mestre

1.1

Romance e corpo: o sintoma conversivo

Nesta dissertação de mestrado iremos de saída recapitular algumas noções bastante conhecidas do caso Dora, paciente atendida por Freud, com o intuito de destacar os elementos pulsionais que estavam presentes em Dora. Nossa investigação ao longo desse trabalho vai justamente ao encontro desses elementos que permearam o escrito e as intervenções de Freud que estão por fora do romance familiar de Dora.

Freud recebeu Dora durante três meses, período curto, entretanto de muito trabalho. Em 1901 Freud iniciou a escrita do caso, entretanto só decidiu publicá-lo quatro anos depois, já que a publicação para ele não era qualquer ato, estava atrelada às dificuldades, relativas à própria técnica analítica e ao fato de revelar intimidades da vida psicosssexual de sua paciente. Dora, uma moça de 18 anos, chegou à análise depois de quatro anos após seu pai ter procurado Freud, por conta de uma crise confusional, sintomas de paralisia e algumas perturbações psíquicas.

Quanto à Dora, segundo Freud, a jovem desde os oito anos já apresentava sintomas neuróticos, como dispneia crônica. Aos 12 anos sofreu de enxaquecas, assim como tosses nervosas. O sintoma da enxaqueca cedeu, entretanto, a tosse prevaleceu e quando Dora encontrou Freud, motivada pela intervenção de seu pai, a jovem levou com ela o sintoma da tosse, chegando a ficar em alguns momentos sem voz. Após a morte de sua tia, no início do tratamento, Dora entrou em um quadro de apendicite. Quando não se queixava de fadiga, desânimo e falta de concentração, se interessava por ouvir conferências para mulheres e estudar. Possuía uma relação difícil com sua mãe e uma atitude inamistosa em relação ao pai.

A partir de uma carta que os pais de Dora encontraram onde a moça se despedia da vida e o posterior ataque de perda de consciência de Dora, seu pai

decidiu por ajudá-la a chegar ao tratamento com Freud. Nas palavras de Freud, tratava-se de um caso de “‘petite hystérie’ com os mais comuns de todos os sintomas somáticos e psíquicos: dispnéia, tussis nervosa, afonia e possivelmente enxaquecas, junto com depressão, insociabilidade histérica e um *taedium vitae*” (1901/1905, p.30).

Os sintomas de Dora não se caracterizam apenas a partir de um mau funcionamento “orgânico”, havia, na aposta de Freud, uma causalidade psíquica associada aos sintomas que tinham relação com o enredo familiar que Dora participava. Entretanto, Freud não se limitou à trama familiar.

Em paralelo ele localizou elementos pulsionais que apareceram no contexto do enredo familiar, porém não se deviam unicamente ao romance familiar e, portanto, enfatizar essa questão é o objetivo de nossa dissertação. Iremos privilegiar neste trabalho a satisfação pulsional da histérica, destacando o caso Dora, que escapa ao discurso familiar e ao sentido que captura a família.

Quanto à família, a de Dora possuía uma amizade importante com outra família, Sr. e Sra. K., atores importantes na leitura desse caso. A Sra. K. cuidou do pai de Dora durante sua longa enfermidade, e a quem ele tinha uma grande gratidão. O Sr. K., por outro lado, possuía atitudes amáveis com Dora e sempre que estavam na mesma cidade levava à moça para passear. Dora por sua vez possuía cuidados quase maternos com os filhos dos K.

Uma virada no comportamento amável de Dora em relação ao Sr. K. e Sra. K. foi a partir de uma cena, sinalizada por Freud em seu escrito, a qual destaca o momento que o pai da jovem se preparava para viajar e, Dora, naquele momento, declarou subitamente que iria acompanhá-lo. Após alguns dias, a moça conta à mãe para que esta transmitisse ao pai o que era o pano de fundo de seu comportamento: o fato do Sr. K. ter lhe feito uma proposta amorosa durante um passeio que fizeram em um lago. A partir disso, o Sr. K. começou a lançar suspeitas sobre Dora, que, segundo soubera pela Sra. K., só mostrava interesse pelos assuntos sexuais (...) (Freud, 1901/1905, p.32). Essa cena evidencia o enredo familiar que girava em torno de Dora, onde ela era atuante e a mesma contava com alguns atores que circunscreviam seu drama familiar.

O pai de Dora colocou na conta dessa cena o posterior abatimento, irritabilidade e ideias suicidas de sua filha. Já Dora tentava convencer o pai a

romper com os K., proposta que não encontrou eco. De acordo com Freud, em relação à construção do sintoma histérico em Dora: “a experiência de Dora com o Sr. K. – suas propostas amorosas a ela e a conseqüente afronta a sua honra – parece fornecer, no caso de nossa paciente, o trauma psíquico que Breuer e eu declaramos, no devido tempo, ser a condição prévia indispensável para a gênese de um estado patológico histérico” (FREUD, 1901/1905, p.33).

Além disso, há outra cena importante neste caso que Freud também destaca: quando Dora tinha 14 anos o Sr. K. combinou com ela e sua esposa de se encontrarem em uma loja e depois irem a uma festa religiosa. Porém, o Sr. K. fez um arranjo para que sua esposa não fosse e assim encontrou sozinho com Dora e, na loja, quando teve uma oportunidade, deu um beijo em Dora. Dora não ficou entusiasmada e, ao contrário, este ato lhe despertou uma repugnância e, então, saiu da loja. Dora guardou segredo do acontecido, mantendo de alguma maneira a relação com os K., tendo feito essa revelação apenas posteriormente, no tratamento com Freud.

A partir dessa cena, de acordo com a concepção da montagem histórica realizada por Freud:

Nessa cena (...) o comportamento dessa menina de quatorze anos já era total e completamente histérico. Eu tomaria por histérica, sem hesitação, qualquer pessoa em quem uma oportunidade de excitação sexual despertasse sentimentos preponderantes ou exclusivamente desprazerosos, fosse ela ou não capaz de produzir sintomas somáticos. Esclarecer o mecanismo dessa inversão do afeto é uma das tarefas mais importantes e, ao mesmo tempo, uma das mais difíceis da psicologia das neuroses (1901/1905, p.35).

A partir também dessa cena vemos como a região da boca, o próprio Freud assinalou, é de extrema importância no desenvolvimento psicosssexual de Dora, o que tem tudo a ver com o conceito de zona erógena, que iremos desdobrar no próximo capítulo. O tema da oralidade desempenhará um papel essencial em nossa investigação e também o aprofundaremos no capítulo seguinte.

Freud ainda complementou que para caracterizar o caso Dora era preciso um passo a mais:

O caso de nossa paciente Dora ainda não fica suficientemente caracterizado acentuando-se apenas a inversão de afeto; é preciso dizer, além disso, que houve aqui um *deslocamento* da sensação. Ao invés da sensação genital que uma jovem sadia não teria deixado de sentir em tais circunstâncias, Dora foi tomada da

sensação de desprazer própria da membrana mucosa da entrada do tubo digestivo – isto é, pela repugnância (1901/1905, p. 35).

A repugnância não foi um sintoma que se sustentou, entretanto, foi algo importante, como veremos a seguir. Dora também passou a alimentar-se mal e a possuir aversão aos alimentos, além de sentir na parte superior do corpo a pressão do abraço do Sr. K. O ato do Sr. K. produziu algo no corpo de Dora? O que é possível dizer é que o sinal somático do seu estado de excitação em seu corpo, que apontava para uma satisfação de Dora, se fez presente.

Para Freud foi a associação de três sintomas: a repugnância, a sensação de pressão na parte superior do corpo e a evitação dos homens em conversa afetuosa, que foi responsável pela formação dos seus sintomas. Dessa forma, o corpo de Dora não ficou de fora, pelo contrário, entrou na cena: “A pressão do membro ereto provavelmente levou a uma alteração análoga no órgão feminino correspondente, o clitóris, e a excitação dessa segunda zona erógena foi fixada no tórax por deslocamento para a sensação simultânea de pressão” (IBID, p. 36). Nessa cena outro importante encontro com o corpo de um outro sucedeu.

Como vemos, com Freud, o caso de Dora não se resume apenas a um sofrimento ligado ao familiar, envolve um tocar o corpo em que algo escapa à dimensão do dizer. Determinados toques no corpo circunscrevem algumas partes do ambiente corporal como zonas erógenas, que promovem uma satisfação pulsional, o que iremos debater com o merecido destaque no capítulo seguinte.

Em relação à noção de repugnância Freud chega a uma derivação desse sintoma no corpo, quando formula que a sensação de nojo da cena do beijo ocorrido na loja está associada à reação ao cheiro e visão dos excrementos.

Os órgãos genitais, e em especial o membro masculino, podem lembrar as funções excretoras, porque aqui o órgão, além de desempenhar a função sexual, serve também à da micção. Na verdade esta é a primeira das duas a ser conhecida, e é a única conhecida durante o período pré-sexual. É assim que a repugnância se inclui nas manifestações afetivas da vida sexual (IBID, p.37).

Com a Sra. K., Dora aprendeu que era possível ganhar alguma coisa com a presença dos próprios sintomas. Os sintomas corporais de Dora, como por exemplo, as tosses, dores de estômago, se endereçaram ao Sr. K.: ela se adoentava no mesmo período em que ele estava de viagem. Assim, Freud concluiu que “com

suas doenças, portanto, ela demonstrava seu amor por K., tal como a mulher dele demonstrava sua aversão” (IBID, p. 44).

Em relação à construção psíquica de Dora, no momento em que ficava com o ânimo exasperado, chegava à concepção que foi entregue ao Sr. K. como um objeto, como “prêmio pela tolerância dele para com as relações entre sua mulher e o pai de Dora” (p.40); e por trás da ternura e docilidade de Dora pelo pai podia-se pressentir sua fúria por ser usada dessa maneira neste romance familiar.

Entretanto, durante vários anos anteriores à cena do lago, Dora fizera o possível para favorecer a relação do pai com a Sra. K., tornou-se cúmplice e foi contra os sinais que poderiam revelar a real natureza dessa relação. Dora era estreitamente ligada a Sra. K. e não queria saber de nada que prejudicasse esse afeto, ao mesmo tempo em que possuía um afeto pelo Sr. K.

Em relação ao sintoma histérico Freud interroga a respeito de sua causalidade. São de ordem somática? Psíquica? Por outra via, ele mesmo apontara que esse questionamento não era adequado, já que as opções que seriam possíveis como respostas deixariam algo de fora, “não cobrem a essência real dos fatos” (IBID, p.45). Que essência real dos fatos seria essa? O que nos parece, uma hipótese, é que essa “essência real dos fatos” se relaciona com uma quota libidinal de Dora - presente não só em Dora, mas na histeria - não contemplada pelo arranjo familiar, ao contrário, escapa à novela, todavia compondo de alguma maneira a cena.

Sobre o estatuto do sintoma histérico, Freud afirmou:

Até onde posso ver, todo sintoma histérico requer a participação de ambos os lados. Não pode ocorrer sem a presença de uma certa *complacência somática* fornecida por algum processo normal ou patológico no interior de um órgão do corpo ou com ele relacionado. Porém não se produz mais de uma vez – e é do caráter do sintoma histérico a capacidade de se repetir – a menos que tenha uma significação psíquica, *um sentido*. O sintoma histérico não traz em si esse sentido, mas este lhe é emprestado, soldado a ele, por assim dizer, e em cada caso pode ser diferente, segundo a natureza dos pensamentos suprimidos que lutam por se expressar. (IBID, p.45).

Embora Freud nesse momento pareça contentar-se com a formulação sobre o sentido, a significação psíquica, ou mesmo histórica, como uma solução para a não repetição na histeria, o mesmo Freud, um pouco mais adiante, se apoiará ainda mais na noção da complacência somática para dizer o que está em jogo na

histeria, como veremos na próxima citação. Para falar do que é central na histeria, Freud, portanto, sublinha essa complacência somática, a qual não engendra um sentido.

Para Freud em um primeiro momento, em uma análise, os determinantes mais importantes são os fornecidos pelo material psíquico acidental e os sintomas assim seriam “dissolvidos” quando encontrada a causa psíquica. Entretanto, na histeria, no caso de Dora inclusive, no que se relaciona à tosse e afonia, Freud vai para além da interpretação, apontando que por trás da interpretação há o fator “orgânico” que partiu a “complacência somática”, que possibilitou Dora não apenas expressar sua afeição pelo Sr. K., o qual se ausentava temporariamente, mas também a dar algum lugar a uma satisfação singular da jovem.

Vale destacar que Freud não se refere ao organismo em si, algo que supostamente seria inato e surgiria no nascimento da criança. Embora Freud tenha utilizado essa expressão “orgânico”, provavelmente o sentido que quis empregar era outro: considerou as manifestações inconscientes, construídas em uma vida, em seu encontro com o corpo. Este corpo como uma saída para as manifestações psíquicas e, assim, se produz uma mobilização do ser.

Nessa linha, em um segundo momento, a “chave do problema da histeria” para Freud, não estava em uma labilidade das moléculas nervosas ou em uma susceptibilidade dos estados hipnóticos, mas na complacência somática. (p.46). A partir dessa constatação Freud formulou:

Os processos psíquicos em todas as psiconeuroses são os mesmos durante um extenso percurso, até que entre em cena a ‘complacência somática’ que proporciona aos processos psíquicos inconscientes uma saída no corporal. Quando esse fator não se faz presente, surge da situação total algo diferente de um sintoma histérico (...) (IBID, 46).

Em suma, Freud traduz a noção de complacência somática não reduzindo-a ao órgão corporal em si, e sim nomeia de complacência somática o investimento libidinal inconsciente em um pedaço do corpo. A ideia de complacência somática se refere ao somático ser complacente a algo que escapa do somático, dele próprio. Há fenômenos inconscientes de uma vida que se impõem ao corpo orgânico, parasitando-o, que fazem do corpo um pouso, tornando-o vivo, marcando-o através da linguagem. Esta noção está posta para todos os seres falantes. Lacan irá retomar essas questões, portanto, com o intuito de frisar que

não é exatamente do fator orgânico que se trata, como veremos no segundo capítulo dessa dissertação.

1.2

O pai do amor: mestre castrado

Freud – ao falar do estatuto do sintoma histérico que inclui a complacência somática dita acima – menciona existir um objetivo para a doença. Em Dora, por exemplo, Freud afirmou que um dos objetivos com a “sua doença” era fazer com que seu pai se afastasse da Sra. K. A jovem, através da explicação e argumentos não obteve sucesso ao dirigir esse pedido ao pai, mesmo o pai sendo apegado a ela. Assim, lançar-se na doença era uma possibilidade de surpreender o pai e conseguir sua compaixão. Mas isso, como veremos, não era tudo, interrogar o pai era apenas um movimento que se apresentava em Dora.

Ainda no que se refere ao pai, complementou a princípio Freud: “Eu estava plenamente convencido de que ela se recuperaria imediatamente se o pai lhe dissesse que tinha sacrificado a Sra. K., em prol da saúde dela” (IBID, p.46-47). Com esse fragmento podemos afirmar que havia um direcionamento do sintoma de Dora ao amor do pai, ao supor algo nesse pai, ao menos no olhar de Freud, o que circunscrevia o sintoma histérico, pelo menos o de Dora, de uma determinada maneira. O que é diferente de dizer que todas as manifestações ligadas à histeria, evidenciadas por Dora, se resumiram ao amor do pai.

Acrescentou Freud: “Em geral, esses estados patológicos se destinam a uma determinada pessoa, de modo que desaparecem quando ela se afasta” (...) No caso de Dora, esse objetivo era claramente o de sensibilizar o pai e afastá-lo da Sra. K. (IBID, p.49-50). Mas será que isso era tudo para Freud? Parece que era tudo, mas não é. Freud não se limita a essa concepção. Ao contrário, ele atravessa essa noção paterna para nos advertir de outra coisa: havia algo da dimensão de um sexual que é mais amplo do que o chamado ao pai.

Freud, em 1923, ainda nessa obra, em uma nota de rodapé, acrescentou que a noção que Dora se recuperaria se o pai a escolhesse em detrimento da Sra. K. não se sustentara já que apontou que o motivo para adoecer está atrelado à obtenção de algum ganho. Ou seja, estar na condição de doente, embora seja algo

paradoxal, também propicia uma satisfação. Nas palavras subsequentes de Freud nos deparamos com essa ideia: “(...) em todo adoecimento neurótico deve-se reconhecer também um lucro primário. Em primeiro lugar, o adoecimento poupa uma operação psíquica, emerge como a solução economicamente mais cômoda em caso de conflito psíquico” (IBID, p.47).

Com essa colocação, podemos afirmar que Freud ressalta a ideia da existência de um prazer no próprio sofrimento, o que Lacan nomeará de gozo, conceito que iremos desdobrar mais adiante. Assim, há algo de uma suposta solução na realidade, ou melhor, no entorno familiar - o pai ficar com Dora e não com a Sra. K. - que não resolveria a questão de Dora. Ao falar de ganho, Freud marcou uma diferença entre ganho primário e secundário, distinção essa que não iremos aprofundar nesse trabalho.

Freud, em seu escrito, destacou que um dos significados do sintoma é representar uma fantasia sexual. Posto isso, Freud pontua para Dora sua contradição em relação à posição do pai: ao mesmo tempo em que ela frisava a existência das relações do pai com a Sra. K., ela apontava que seu pai era impotente, sendo assim, incapaz de intensificar esse relacionamento. Para Freud, Dora em algum lugar sabia dessa contradição e também que há mais de uma maneira de obter satisfação sexual já que ela consentiu quando ele interrogou se haveria outros órgãos – para além dos genitais – como pontos propensos de satisfação.

Freud ensinou, que antes que o analista empreenda o tratamento de um paciente histérico, “é preciso estar convencido da impossibilidade de evitar a menção de temas sexuais, ou pelo menos estar disposto a se deixar convencer pela experiência” (IBID, p.52). Essa citação é de grande valia em duas vertentes: uma por destacar a presença da pulsão no sintoma histérico e ao mesmo tempo ressaltar a importância da experiência para o tratamento analítico, não apenas no sentido de que o analisando se coloca em uma experiência de discurso, mas também que do lado do analista, é preciso que ele se submeta, ou melhor, dê lugar às contingências que a experiência com cada caso, a cada encontro, não apenas na histeria, proporciona. A psicanálise é a própria experiência.

1.3

Do pai do amor ao pai perverso

Millot (1988) destaca de saída a existência de duas figuras para o pai: a do pai morto, que estaria impotente para barrar o gozo e a do pai perverso, o sedutor, “abusador”, aquele que goza, através do qual surge o escândalo. A autora aponta que essas duas figuras estão presentes na leitura freudiana, especialmente em *Estudos sobre a Histeria*, quando Anna O. e Elizabeth Von R adoecem depois da morte de um pai amado de quem investiram cuidados. (FREUD, 1893-1895, p. 152).

Em *Estudos sobre a Histeria* o traumatismo da histeria parece constituir-se a partir da morte do pai, o que nos textos posteriores, sobretudo na carta de Freud a Fliess de 52, a etiologia traumática da histeria se associava à sedução por parte do pai. De acordo com Freud “é certamente o pai que promove a neurose” (FREUD, carta 64).

Anos mais tarde, Freud coloca seu foco mais na construção de uma fantasia – aquilo que permite com que cada um se situe na vida - do que propriamente no trauma em si e a sublinha no caso Dora. Na carta de 69 a Fliess, Freud mencionou *não acreditar mais em sua neurótica*. A partir disso ele continua trabalhando, refazendo seus tijolos e passa a não atribuir tanta importância ao fato e sim ao relato, às associações, o que cada um faz com aquilo que lhe marcou, como cada um se vira com sua própria história. Nesse âmbito o conceito de realidade psíquica, em que é a verdade do inconsciente que precisa ser destacada ao invés de uma suposta verdade a partir da realidade, ganha tônica.

As associações de Dora durante as sessões se referiam ao pai e sabemos que o pai para Freud é um depósito de identificação, como no Édipo. É em torno do pai que convergem suas queixas e ela as direcionou em um segundo momento, na transferência, a Freud, o que permitiu guiá-lo em direção ao reconhecimento do desejo¹ que sustentava as suas queixas. Porém, podemos dizer que não é apenas do pai do amor de que se trata, o qual promoveu as associações da jovem.

¹ Em relação ao desejo, como sublinhou Millot “O desejo nasce da tensão da diferença, bem como do desequilíbrio entre o que é desejado e o que é obtido, e a condição de sua manutenção reside na própria discordância da satisfação atingida em relação àquela que era buscada”. (MILLOT, 1988, p.26-27). Essa diferença que permite um lugar ao pai ideal, em que se supõe um endereçamento,

A figura do pai perverso, presente não apenas no caso Dora, presentifica um gozo um pouco sem lugar que, no entanto, está lá, que o pai perverso tenta representar, por exemplo, com a presença corporal do Sr. K. Sobre esse investimento libidinal Dora quis pouco saber, não o colocou em discurso, através de associações, por exemplo.

Como ensinou Miller, o pai, podemos dizer aqui o perverso, na histeria surge como ponto de estancamento das associações significantes, apontando assim um limite para aquilo que pode ser dito. É a função desse pai que propicia um ponto limite para o pensamento, um ponto de resistência à dialética do discurso. Ao mesmo tempo em que o pai, só pensarmos na figura do pai do amor, promove um endereçamento e um enlace com o Outro, cria um enigma para a histérica em relação ao desejo do Outro. Portanto, no que concerne à função do pai, essa ambiguidade é significativa, existe essa tensão que merece um destaque especial.

Em suma, em um primeiro tempo, o pai na dinâmica da histérica é quase quem representa tudo o que ela supostamente tem, ou seja o que a histérica apresenta possui relação direta com o pai, esse pai foi o que chamamos de pai do amor. Entretanto o “quase” da frase anterior é importante, já que sabemos que o pai não recobre todo o gozo da menina. Como ilustração a aquilo que é identificável ao pai do amor temos alguns dos sintomas conversivos que Dora apresentou quando estava doente, os mesmos sintomas do pai. Nesse momento a identificação de Dora com o pai sustenta a relação edipiana.

Ainda sobre esse ponto, do pai idealizado ou pai do amor, vale introduzirmos a visão de Lacan, já que este retoma o caso Dora em alguns momentos e, em pelo menos um deles, pôde clarear um pouco mais o que seria esse pai idealizado. Lacan parte do pai de Dora apontando que ele era um homem castrado, impotente no sentido sexual, como dito anteriormente. Para além do sentido literal do sexual, classificá-lo como deficiente em relação a uma função é atribuir-lhe uma destinação simbólica. Isto é, o pai não é só o que ele é, tem algo que foi marcado e exerce função simbólica, como *ex combatente – ex genitor* (1969-70, p.100).

está colocada nas manifestações da histeria hoje? A hiância entre a satisfação buscada e a atingida, que se circunscreve o desejo, se apresenta nas manifestações clínicas dos sintomas históricos atuais?

Sobre especialmente o pai do amor, Lacan, no Seminário *O Avesso da Psicanálise*, acrescenta:

Ele é pai, como ex-combatente, até o fim de sua vida. Significa implicar na palavra pai algo que está sempre, de fato, em potência de criação. E é em relação a isto, nesse campo simbólico, que temos que observar que o pai, na medida em que desempenha esse papel-pivô, maiúsculo, esse papel-mestre no discurso da histórica, é isto precisamente que chega a sustentar, sob esse ângulo de potência de criação, sua posição em relação à mulher, mesmo estando fora de forma. É isto que especifica a função de onde provém a relação com o pai da histórica, e é precisamente isto que designamos como o pai idealizado (IBID, p.100).

Entretanto, retornando a Freud, há em um segundo tempo uma abertura nessa parceria da jovem com o pai na medida em que o pai deseja outra coisa: outra mulher, por exemplo, na história do caso Dora, a Sra. K. Assim, o gozo aparece aqui mais claramente. Esse pai, que se interessa por Dora, ao mesmo tempo em que se dirige, com seu desejo, a outra mulher, pode ser chamado de pai perverso, ou pai sedutor. Esse pai sedutor é quem “segura” esse gozo, que dá, paradoxalmente, alguma representação, um lugar a ele fora da representação. Só que essa montagem pulsional não se esgota aí, não é algo tão simples.

Há um núcleo de gozo que não é colonizado pelo pai sedutor e permanece como excedente nessa montagem, fica de fora, ao mesmo tempo em que sustenta a cena. Esse gozo é presentificado pela pessoa da Sra. K., o que faz Dora se endereçar a ela. Em outras palavras, temos, portanto, uma parcela de gozo, essa presença de um extra, que produz sofrimento e ao mesmo tempo prazer, que não é paterno. Basta aqui se atentar para os momentos em que Dora se captura pela Sra. K., quem justamente não está disponível ao pai.

A senhora K. é quem sustenta o desejo do pai idealizado, “mas também conter em si o fiador (...) e disso ao mesmo tempo privar Dora, que se encontra assim duplamente excluída de sua presa” (IBID, p.101). É o desejo do pai de Dora pela Sra. K. que divide Dora, na medida em que uma pergunta se coloca para Dora sobre o que o pai quer, seu desejo. Interessa-se por mim, mas se dirige a outra coisa? Dessa forma, ela não sabe como se conduzir nisso. E sua resposta é: ora se identifica com o pai, querendo ser ele, ora se identifica com o objeto de amor do pai, a Sra. K. Portanto, nesse momento da identificação Dora por vezes é objeto, em outros momentos sujeito. Trata-se de uma identificação complexa, ambígua, confusa, como é a própria identificação no Édipo feminino.

Dora, a partir da morte do pai, ilustra a importância da dimensão do saber na cena, onde busca o dicionário, para buscar um saber, através do sentido, sobre o sexual. O dicionário, nessa via, é um substituto do pai. “Assim, marca com nitidez que o que lhe importa, para além mesmo da morte de seu pai, é o que ele produz de saber. Não qualquer saber - um saber sobre a verdade” (IBID, p. 102). Porém, existe uma dimensão de opacidade, de sem sentido do próprio gozo, que o saber não elimina, que não encobre o ponto de não saber, fora do sentido, que o sexo engendra. Essa última ideia será melhor desenvolvida no próximo capítulo, a partir do conceito de objeto *a*, inventado por Lacan.

1.4

Questões sobre o Édipo feminino

A partir do que foi desenvolvido até então, podemos articular que embora Freud tenha dado ênfase ao pai no que se relaciona à histeria – o pai é um depósito privilegiado de identificação assim como no Édipo - vemos também no próprio Freud a noção de complacência somática que legitima o gozo de outra maneira: sem que a figura do pai seja preeminente. É importante retomar que é a partir da falta do pai que a histérica se divide, não sabendo muito bem para onde se dirigir, e dessa forma, a identificação vacila, tornando-se polêmica.

O que está em jogo na complacência somática é um atravessamento do inconsciente no corpo, um material pulsional se dirige ao corpo, fazendo dele um corpo que goza, vivo. Esse gozo é restringido e possui a qualidade de incluir algo estranho, dessa forma, não sendo da ordem da compreensão ou sentido, que pode ser criado apenas em um a posteriori.

Para tornar-se mulher, a menina² precisa realizar um trabalho psíquico, não é algo dado. Esse trabalho psíquico, como mencionou Freud em *A*

² Outra consideração, de alguma forma digressão, sobre o Édipo feminino é em relação à menina não receber de sua mãe o signo simbólico, que seria um traço que daria suporte à identidade feminina. Essa falta no Outro, com a qual a menina precisa se confrontar no momento da partilha dos sexos, está atrelada à inexistência de uma identidade propriamente feminina, o que Lacan formulou como *a Mulher não existe* (Lacan, 1974-75, p.109). A feminilidade se relaciona, então, mais a um tornar-se mulher do que a ser mulher. De acordo com André “(...) Para Freud, um certo número de meninas jamais se tornam mulheres, mas são, ou permanecem, homens, simplesmente, no plano psíquico. A mulher deve ser praticamente fabricada através de um longo trabalho psíquico” (André, 2011, p.225). A histérica, de acordo com a autora, está pronta para

sexualidade feminina (Freud, 1931) se relaciona com a menina poder trocar de objeto de amor, da mãe em direção ao pai e também trocar de sexo, substituindo o clitóris pela vagina, processo este que não é natural. Que lugar representa a vagina para além de um orifício no organismo? Trata-se de uma área da sexualidade que porta a indefinição própria desse gozo, onde é difícil localizá-lo, que tem algo de estranheza ao mesmo tempo em que é íntimo.

A ordem simbólica, responsável pela sexuação, se mostra falha para fundar a relação sexual devido à falta de um significante próprio que designaria o feminino. Como mencionou Millot trata-se de uma “fraqueza que assume a figura do abandono pelo pai, imputado a sua impotência ou a uma sedução que a lança numa sexualidade fora-de-lei, ou seja, naquilo que, da relação entre os sexos, escapa à simbolização” (1988, p. 43). Esse ponto é relevante na medida em que reafirma o lugar desse pai perverso, e é por conta do encontro com esse pai que a histérica fica confusa: uma hora ela quer agradá-lo, outro momento ela quer ser ele, em outro ela quer o que supõe que ele quer e assim temos um cenário identificatório nada arrumado. Esse pai, no caso Dora, por exemplo, é o Sr. K. Lembrando também que o pai é muito mais a função paterna do que o pai da realidade.

Em outras palavras, nos aproximamos de uma ambiguidade em relação à posição do pai, um paradoxo que é importante demonstrar: ao mesmo tempo em que o pai do amor contempla algo do significante mestre que orienta de alguma maneira a histérica, orientador presente no discurso, atrelado ao falo, o pai perverso destaca a dimensão de um gozo sem sentido, não incorporado, que também conta na cena.

É importante introduzirmos um ponto relevante, o da insatisfação, na economia histérica. A insatisfação perpassa de forma privilegiada a montagem histérica, entretanto está para além dela, já que seu alcance está para todos que habitam a linguagem. A demanda implícita em toda a palavra demarca a discordância entre o que está na origem da mensagem e o que responde ao seu apelo: “não é bem isso”. A histérica com sua queixa é a ilustração dessa afirmação.

pagar com sua pessoa para fazer existir o pai ideal (IBID, p. 47), em outras palavras, o pai do amor.

Em *A Interpretação dos Sonhos* com o sonho da Bela Açougueira, analisado por Freud, podemos dizer, a partir de Freud, que a histérica possui necessidade de se sustentar em um desejo insatisfeito. (Freud, 1900). Mais importante que darmos relevo ao desejo insatisfeito, algo do desejo que não se diz, o que está em questão nesta investigação é o gozo da histérica, um excesso de gozo, um extra, não dialetizável em discurso.

Com Lacan, essa ideia pode ser melhor desdobrada a partir da separação das lógicas de demanda³ e desejo, em que o desejo se origina a partir da demanda fracassada e se manifesta através das manifestações do inconsciente: lapsos, atos falhos, sintomas, sonhos, em que consequências se apresentam à histérica.

É a separação destes dois registros, da demanda e do desejo, que traria problemas para a histérica, separação operada normalmente pela metáfora paterna e pela satisfação fálica que ela engendra, a saber, a simbolização pelo fato daquilo que, do desejo, é irreduzível à demanda (MILLOT, 1988, p.66).

Iremos explorar um pouco mais essa ideia posteriormente, no terceiro capítulo, a partir do que ensina a anoréxica.

A partir dos sintomas históricos atuais é possível afirmar que hoje estamos mais próximos da satisfação absoluta prometida pela demanda do que do enigma que o desejo carrega? Com a histeria rígida, ideia que será desenvolvida no quarto capítulo, parece que hoje há uma amarração tal que não há espaço para que o desejo advenha. Iremos aprofundar melhor essa questão no quarto capítulo.

André (2011) retoma Lacan em O Seminário *Mais, ainda*, para dizer que este Seminário religa dois termos que a priori seriam contrários: o significante e seu efeito de significado (função fálica) por um lado, e o gozo por outro lado. É no entre desses dois conceitos que a questão da histeria se circunscreve. Na continuação do debate, André enfatiza que O Seminário sobre a *Ética* deveria ser revisitado sob a ótica da noção de gozo.

“É o gozo que faz barreiras ao saber, é ele que *funda* o ‘nada quero saber disso’. De onde surge uma questão: existe um saber possível sobre o gozo? Mas de que gozo se trata, e de que saber?” (IBID, p.248-249). Existe uma inutilidade

³ A demanda porta a busca de um significante ideal que daria conta de uma satisfação absoluta e o Nome-Do-Pai, por outro lado, institui a proibição do incesto, o que inclui a impossibilidade de satisfação da demanda. A significação fálica confere lugar ao desejo, o qual preserva lugar ao equívoco, ou mesmo, ao vazio do sentido.

na dimensão do gozo, nas palavras de Lacan: “o gozo é aquilo que não serve para nada” (1985, p. 11).

A questão sobre a opacidade do gozo, além de ser atual tanto em diversas investigações teóricas como na clínica, é presente nas históricas, pois sempre há um gozo cujo elas não dão conta, mas a atravessam de alguma maneira. No teatro de Dora, o que parece é que é a Sra. K., como causa do desejo do pai, que condensa esse a mais de gozo, que a Dora não pode se apropriar, não sabe o que fazer com ele. Portanto, aquilo que o pai deseja, a Sra. K. em alguma medida, é o nome para esse gozo que não cabe.

1.5

Uma leitura de: “A *Intervenção sobre a transferência*”

Lacan, em seu texto *Intervenção sobre a transferência* (pronunciado no Congresso Dito de Psicanalistas de Língua Romântica, de 1966) lança mão de questões importantes que tocam o tema da transferência, manejo do analista e algumas das diferenças entre psicologia e psicanálise. Além disso, é um texto chave para prosseguirmos em nossa investigação.

De saída, fazendo um parêntesis, o autor aponta que a psicanálise é uma experiência, que se baseia em alguns princípios, e um deles é a transferência. Nas palavras de Lacan “a psicanálise é uma experiência dialética, e essa noção deve prevalecer quando se coloca a questão da natureza da transferência” (1988, p. 88).

Nesse texto Lacan parte do caso Dora para mostrar que o analista não é neutro, ao contrário, ele participa, há um impuro em relação ao desejo do analista. O caso Dora também toca na questão da transferência, conceito, como dito, chave para a psicanálise. Entretanto, nosso trabalho não será teorizar, nesse momento, sobre as questões mais gerais da transferência, sem desconsiderar toda a sua importância quanto ao processo do tratamento analítico.

O cerne aqui é outro: Lacan mostra que as intervenções de Freud também apontaram para esse gozo estranho que é o avesso do pai do amor, e a cada vez que isso foi feito no trabalho de Freud, um novo sentido ao gozo foi criado, como se o gozo ganhasse um novo lugar. Outro paradoxo, portanto: sentido novo criado ao mesmo tempo em que se preserva o sem sentido intrínseco ao gozo.

Lacan acrescenta que o caso Dora foi exposto por Freud levando em conta algumas reviravoltas dialéticas, as quais Lacan desdobra mais detalhadamente, emprestando assim a sua visão e acrescentando à ideia de obstáculo, já dita por Freud, em relação à transferência, ao encontrar-se no trabalho com Dora.

Uma primeira reviravolta dialética que Lacan extrai do caso Dora é a partir da frase que ela dirige a Freud em relação à parceria amorosa da Sra. K. com o seu pai e ao endereçamento que o Sr. K. faz a ela. Disse Dora que os fatos estavam lá, eles pertenciam à realidade e não a ela mesma. A pergunta que Freud fez a Dora, implicando a paciente em seu sofrimento, foi qual era a sua própria parte na desordem da qual se queixava. (1988, p.91). A partir da posição de Dora apontada acima podemos perceber o lugar de objeto que Dora se coloca em relação ao romance familiar, tentando, inconscientemente, excluir a sua parcela de gozo no enredo que participa. O trabalho de Freud nesse ponto foi convocá-la no sentido de interrogá-la qual era a sua participação na trama mais além de sua queixa.

Uma questão importante foi em relação ao ciúme de Dora dirigido ao pai que entrou em cena. O que significou esse ciúme? Aqui se coloca a segunda reviravolta dialética privilegiada por Lacan: o ciúme se circunscreve em outra lógica, diferente da conhecida pelo senso comum. O verdadeiro motivo do ciúme não é o objeto pretense do ciúme e sim um interesse pela pessoa do sujeito-rival, o que é ilustrado pelo fascínio que Dora sentia pela Sra. K., por exemplo, pela brancura maravilhosa de seu corpo, pelas confidências que trocavam. Afirmou Freud: “Quando Dora falava sobre a Sra. K., costumava elogiar seu ‘adorável corpo alvo’ num tom mais apropriado a um amante do que a uma rival derrotada” (1901/1905, p. 63).

Freud fica com a importante questão de como Dora não detestaria a Sra. K., levando em conta os acréscimos de traição e sua relação com o pai de Dora. O que Dora ganhava mantendo a relação com a Sra. K.? Havia um gozo que sustentava a relação de Dora com a Sra. K., por exemplo, quando Dora fica fisgada pela brancura da pele da Sra. K. A brancura, melhor dizendo, marca o lugar desse gozo, que não é paterno. A Sra. K. representava justamente a falta do pai, aquilo que o pai de Dora buscava. Trata-se de uma parte do gozo do ser que não é recoberta pela instância paterna.

Em relação à feminilidade de Dora, nas palavras de Lacan, “para ter acesso a esse reconhecimento de sua feminilidade, ser-lhe-ia preciso realizar essa assunção de seu próprio corpo, sem o que ela permanece aberta à fragmentação funcional, que constitui os sintomas de conversão” (1988, p. 94). Para que pudesse ter acesso à feminilidade, ao seu modo de satisfação, é preciso lembrarmos de Dora na matriz primordial ao puxar a orelha do irmão mais velho com uma de suas mãos enquanto que com a outra chupava o dedo. Cena esta muito importante na história, a qual iremos desdobrar no próximo capítulo.

Lacan demonstrou que na transferência Freud encarnou diversos pais para Dora: em um primeiro tempo um pai bom, representado pelo pai do amor, aquele que buscava compreender, e em um momento posterior Freud se aproximou do Sr. K., o cheiro de fumaça foi o traço que os ligou. Isso tudo para dizer que Freud na transferência é uma ilustração que marca essa figura híbrida, estranha, que o pai comporta em alguma medida: para além da dimensão do amor há a dimensão de um gozo. E é na dialética da transferência que é possível desvelar esse gozo.

Na visão de Lacan, um ponto que se mantém em relação ao olhar de Freud sobre o caso, é que o retorno à reivindicação apaixonada ao pai representou uma regressão no que concerne às relações esboçadas com o Sr. K. Como acrescentou Lacan “Mas esta homenagem da qual Freud entrevê a potência salutar para Dora, não poderia ser recebida por ela como manifestação do desejo, a não ser que ela se aceitasse ela mesma como objeto do desejo, isto é, após ter esgotado o sentido do que ela procurava na Sra. K.” (IBID, p.94 -95).

Podemos acrescentar a partir dessa citação que tinha algo na Sra. K. que capturava Dora, e que nem mesmo ela sabia do que se tratava e, dessa forma, o sentido que ela buscava na Sra. K. não se esclareceu. Embora a Sra. K. fizesse parte de um contexto edipiano ou mesma estivesse mais ou menos referida a uma função paterna, ela era a figura que representava um gozo que se relacionava ao pai perverso, mas ela não é pai, ela é justamente a faceta de gozo que o pai não dá conta.

A questão que Lacan levanta em relação à Dora e a posição feminina é a dificuldade de Dora ter podido estar no lugar de objeto de desejo do homem, e esse foi o enigma que motivou o endereçamento de Dora a Sra. K.

Uma possível terceira reviravolta dialética, pontua Lacan, teria sido se Freud tivesse mostrado a Dora o lugar que a Sra. K. ocupava para ela, o que a Sra. K. representava para ela, e assim talvez um outro caminho pudesse ter sido aberto e destacado: orientado mais ao gozo.

1.6

O discurso do mestre e o discurso analítico

No Seminário *O avesso da psicanálise*, na lição *O mestre Castrado*, Lacan inicia seus comentários promovendo um debate sobre o discurso do mestre, apontando de saída que este discurso inclui tudo, procura dar sentido a tudo, inclusive o que seria uma revolução. “O discurso do mestre realiza sua revolução em outro sentido, no de giro que se completa” (1969-70, p.91).

Um contraponto ao discurso do mestre seria o discurso analítico. Esse contraponto se dá a partir de um ponto de simetria entre os dois discursos que faz com que o discurso psicanalítico se encontre no polo oposto ao discurso do mestre.

Na lição sobre *Édipo e Moises e o pai da horda*, Lacan continua com essa ideia apontando que o discurso analítico se apresenta aparentado ao discurso do mestre. Em outras palavras, por estar escamoteada a verdade do discurso do mestre é que a análise torna-se relevante.

Lacan destaca uma diferença importante entre o discurso do mestre e o analítico, dizendo que o primeiro consiste em ser unívoco, enquanto que o segundo não considera que o sujeito – advindo entre dois significantes – seja unívoco. Em relação ao sujeito ele “é posto diante desse *vel* que se exprime pelo *ou não penso, ou não sou*. Ali onde penso, não me reconheço, não sou - é o inconsciente. Ali onde sou, é mais do que evidente que me perco” (IBID, p. 108).

Embora Lacan aponte que o discurso do mestre seja unívoco, até ele, ou melhor, o próprio mestre não está sempre presente. O que se mantém é o imperativo categórico de: continua a saber. É mais uma institucionalidade simbólica, do que a concreta presença do mestre. Em nossos tempos, levando em conta a configuração histórica atual, esse mandamento do empuxo ao saber, ou melhor, de que em algum lugar há uma solução, se sustenta?

A noção de verdade, sempre não-toda, meio dizer, se difere do enigma, que é algo que nos pede resposta e nisso inclui um perigo. A verdade possui outro estatuto, se aproxima da divisão do sujeito. “Se onde não está, ele pensa, se onde ele não pensa, está, é precisamente porque está nos dois lugares” (IBID, p.109). E, assim, paradoxalmente, o sujeito participa do real, por se aparentemente impossível. Entretanto será que a verdade não-toda não se relaciona com o enigma, na medida em que a partir dela o sujeito se aproxima da dimensão do enigma?

Lacan esclarece que no discurso psicanalítico encontramos alguns termos que são orientadores, e um deles, por exemplo, é o pai. Entretanto, nosso trabalho nesta dissertação é tentar demonstrar que há um núcleo de satisfação que está fora do paterno, do sentido edipiano. A respeito do pai quando revisitamos a infância, nos encontramos com uma contradição.

Quando retornamos a Freud (1921), na obra *Psicologia das massas e análise do eu*, é possível perceber que a identificação primeira da criança é com o pai e não com a mãe, e isso é uma contradição para a leitura de muitos psicanalistas e do que se coloca para o senso comum. Lacan sustenta que essa tensão, especialmente neste ponto, promovida pelo discurso freudiano a psicanálise é importante para revelar que é impossível manter uma ordem no discurso analítico, a não ser lembrando-se disso.

Dando um passo a mais, Lacan marca nessa lição que nosso esforço enquanto psicanalistas é também na via de uma “colaboração reconstrutiva” ao analisante, a quem apostamos que ao enveredar pelo seu caminho possa extrair as consequências da própria experiência do viver e não podemos esquecer que “a configuração subjetiva tem, pela ligação significante, uma objetividade perfeitamente localizável, que funda a própria possibilidade da ajuda que trazemos sob a forma de interpretação” (1969-1970, p.93).

O que nos parece é que há outra intervenção que o analista pode realizar para além da interpretação, visto que existe alguma dimensão do sintoma histórico, mais próximo do real (conceito que será desdobrado mais abaixo) que escapa à própria interpretação. Nessa linha, fazemos referência a uma importante pergunta formulada por Gorostiza: “O que seria uma prática, como da psicanálise, que não opera de outra maneira que através da palavra, quando o real é concebido

como o que escapa a palavra mesma, como aquilo que é rebelde a seus poderes e que, fundamentalmente, exclui o sentido? (2014, p.40).

Em relação à “ligação significativa” citada anteriormente é no jogo de S1 com S2, que uma falha pode acontecer e um sujeito, uma posição de sujeito do inconsciente, pode se produzir. A respeito do inconsciente, Lacan o aproxima a um saber disjuncto, a um resto que promove a divisão subjetiva.

Esse saber disjuncto, tal como o reencontramos no inconsciente, é estranho ao discurso da ciência. Por isso, justamente, é assombroso que o discurso do inconsciente se imponha. (...) Por mais besta que seja esse discurso do inconsciente, ele corresponde a algo relativo à instituição do próprio discurso do mestre. É isso que se chama de inconsciente. Ele se impõe a ciência como um fato (1969-70, p.95).

O que Lacan nomeia de novo nesse cenário é que o significante mestre, “ao ser emitido na direção dos meios do gozo que são aquilo que se chama o saber, não só induz, mas determina a castração” (IBID, p.93). Este ponto é importante, pois é necessária uma alienação ao significante mestre para que a operação da castração se configure. Porém há algo de gozo que escapa aos nomes atribuídos, aos significantes mestres, não sendo contemplado pelo dizer.

A nosso ver, o que é relevante ao falarmos em significante mestre, é que de saída eles não estão pré-determinados, demarcados, o que aponta para o novo que caminha ao lado dos sujeitos falantes, atravessados necessariamente pela dimensão linguajeira. É com a história de cada, levando em conta um contexto singular, que os significantes são criados. De acordo com Lacan, no próprio significante mestre há uma dimensão que não se representa:

De início, seguramente ele não está. Todos os significantes se equivalem de algum modo, pois jogam apenas com a diferença de cada um com todos os outros, não sendo, cada um, os outros significantes. Mas é também por isso que cada um é capaz de vir em posição de significante-mestre, precisamente por sua função eventual ser a de representar um sujeito para outro significante. (IBID, p.93).

A partir dessa citação podemos dizer que é dessa forma que Lacan o definiu, se aproximando mais de uma disposição de lugares do que de uma determinação anterior fechada. Partindo da delicadeza de Lacan é relevante lembrarmos que o sujeito representado por dois significantes não é unívoco, já que é no paradoxo de ser representado e não ser representado que ele se constitui.

Dessa maneira, de acordo com Lacan, algo fica oculto em relação ao mesmo significante.

É esse oculto que permite uma abertura para o novo, para aquilo que escapa à representação, ao sentido que se supõe saber. Como o analista opera com esse núcleo novo que ao mesmo tempo preserva a dimensão do clássico, do enigma? É nessa ambiguidade, nesse jogo que comporta algo de dialético, que a prática analítica se circunscreve, já que a psicanálise é necessariamente uma experiência de fala, tecida pelo estilo que cada analista imprime. Como disse Lacan, “a função do significante pode significar tudo, salvo, certamente, a si mesmo” (IBID, p. 95).

Em outras palavras, sustentar essa tensão é importante - uma dobradiça que faz diferença na clínica – que se relaciona com o fato de preservar o lugar do clássico ao mesmo tempo do novo, na medida em que se atribui lugar a alguma coisa que é dita em paralelo com algo da ordem do obscuro, o qual não necessariamente possui uma mensagem a ser decifrada.

Lacan formulou que há sempre uma escolha que pode ser feita quanto ao que se trata de “esclarecer” já que quando dizemos alguma coisa de uma certa maneira existe um outro pedaço de dizer que permanece não dito, irreduzível, obscuro. Portanto, há uma vivacidade que se relaciona há um espaço de manobra que pode ser realizado por parte do sujeito.

Em relação ao discurso da histérica, Lacan (1969-70) considerou que ele tem o mérito de manter no discurso a pergunta sobre o que vem a ser a relação sexual, como se esta existisse, de como um sujeito a sustenta ou não. Em outras palavras, coloca a pergunta sobre o que vem a ser o desejo do Outro. Para Lacan, a resposta ao que vem a ser o sexual está do lado do Outro, onde se deixa a palavra ao Outro, como o lugar do saber recalcado. E esse Outro não é necessariamente o pai encarnado enquanto pessoa.

Entretanto, o mais importante, ainda com Lacan, é que o discurso da histérica destaca a relação do discurso do mestre com o gozo do sujeito dado que o saber vem ali no lugar do gozo. Sobre o gozo trata-se de um núcleo estranho ao sujeito ao mesmo tempo em que, de maneira singular, é o seu estilo de satisfação na vida.

Ensinou Lacan:

O próprio sujeito, histérico, se aliena do significante-mestre como aquele que esse significante divide – *aquela*, no masculino, representa o sujeito -, aquele que se recusa a dar-lhe corpo. Fala-se, a propósito, da histérica, de complacência somática. Embora o termo seja freudiano, não podemos perceber que ele é bem estranho, e que trata-se antes de recusa do corpo? Seguindo o efeito do significante-mestre, a histérica não é escrava (IBID, p.98).

Em relação ao saber atrelado de alguma forma à figura do mestre, a histérica não o entrega, faz uma espécie de greve. Como elucidou Lacan “ela desmascara a função do mestre com quem permanece solidária, valorizando o que há de mestre no que é o Um com U maiúsculo, do qual se esquia na qualidade de objeto de seu desejo”. (IBID, p. 98-99). Ao mesmo tempo em que ela o desmascara, permanece solidária. Essa operação está em jogo na função que Lacan denominou de pai idealizado, ou em outras palavras, pai do amor como já dito anteriormente.

Por outra via, no que tange a relação de Dora com o Sr. K., Lacan complementa que o que atrai a atenção de Dora em relação ao Sr. K., em um primeiro momento, é um elemento terceiro, é que ele tem o órgão, em outras palavras, o falo. Mas aqui uma diferença se faz necessária: o órgão não serve a Dora para que ela faça dele a sua felicidade e sim para que uma outra a prive dele.

A posição de gozo de Dora não é em torno da joia – fazendo menção ao sonho da caixa de joias (que não será aprofundado neste trabalho) –, por outro lado, é com a própria caixa, com o que contorna a joia. Nesse contexto o Sr. K. presenteia Dora não com a joia, mas com a caixa, já que a joia é a própria Dora, a joia dele.

A frase do Sr. K. “Minha mulher não é nada para mim” promove uma virada importante para Dora, na medida em que é neste momento que o gozo do Sr. K., do Outro, fica à disposição dela, se oferece a ela, e ela não sabe o que fazer com ele. Ela não o quer, porque o que de fato quer é o saber como meio de gozo, mas para que ele possa servir à verdade, à verdade do mestre que ela encarna, enquanto histérica, enquanto Dora. “É essa verdade, para dizê-la de uma vez, é que o mestre é castrado” (IBID, p.101).

O pai na qualidade de morto é quem interdita o gozo, e essa operação circunscreve um limite, dialoga com a dimensão do impossível, que está articulada com o conceito do real, proposto por Lacan. Conforme acrescentou Lacan em um determinado momento de seu ensino sobre o real: “(...) O real é

impossível. Não na qualidade de simples escolha contra o qual quebramos a cara, mas de escolha lógica daquilo que, do simbólico, se enuncia como impossível. É daí que surge o real" (IBID, p.130).

Entretanto, é relevante lembrar a questão que está em relevo neste trabalho: menos a castração do pai e mais o gozo do pai perverso, aquele que embaraça Dora. Por exemplo, como dito no parágrafo mais acima, quando a jovem fica sem saber o que fazer quando escuta do Sr. K. que sua mulher não é nada para ele. Esse pai que evidencia e presentifica um gozo, mais além da sedução, Lacan o chamou de pai real.

A respeito do pai real, Lacan acrescenta que trata-se de um operador estrutural, que traz à cena a dimensão do gozo, ou mesmo do impossível e, dessa forma, caminha por fora do falo, do mito do Édipo e do sentido. Postulou Lacan:

Aí reconhecemos, com efeito, para além do mito do Édipo, um operador, um operador estrutural, aquele chamado de pai real – com a propriedade, eu diria, de também ser ele, na qualidade de paradigma, a promoção, no coração do sistema freudiano, do que é o pai do real, que coloca no centro da enunciação de Freud um termo do impossível (IBID, p.130).

Posteriormente Lacan cita que o pai real é o agente da castração, o que não quer dizer que seja o castrador. O pai real como um efeito de linguagem (IBID, p.134) que marca o gozo no corpo do outro. Esse pai, segundo Lacan, nos escapa e por isso recorremos ao pai imaginário, como uma dependência estrutural. Lacan acrescenta que é a posição do pai como impossível que faz com que o pai seja imaginado como privador, aquele que castra.

Sobre a castração, Lacan frisa: “Para nós a castração não passa de uma fantasia, vocês sabem. Mas não. A castração é a operação real introduzida pela incidência do significante, seja ele qual for, na relação do sexo. E é obvio que ela determina o pai como esse real impossível que dissemos” (IBID, p.135). Qual o estatuto dessa castração? Lacan confere a ela um valor importante ao formular que sem ela não há objeto causa de desejo.

O pai real, se é cabível tentar restituí-lo a partir da articulação de Freud, articula-se propriamente com o que só concerne ao pai imaginário, a saber, a interdição do gozo. Por outro lado, o que o torna essencial está ressaltado, é, a saber essa castração que eu apontava há pouco dizendo que havia ali uma ordem de ignorância feroz, quero dizer, no lugar do pai real (IBID, p. 144).

Lacan, quanto ao gozo de Dora, sublinhou: “Ela sabe muito bem gozar com isso por si mesma, como atesta a importância decisiva que nela tem a masturbação infantil, (...) que tinha alguma relação com o que chamarei de ritmo fluido, escorrente, cujo modelo está na enurese” (IBID, p. 100). Esse último ponto do comentário de Lacan é importante já que destaca a posição de gozo de Dora “por si mesma”, em seu corpo, por exemplo, na masturbação infantil, fazendo eco, portanto, com a ideia da presença de um movimento – “ritmo fluido” – de gozo, que é menos paterno, em Dora.

Para Dora, a enurese não foi apenas uma circunstância em sua vida, seu irmão, um ano e meio mais velho, já tinha passado por esse acontecimento, o que talvez nos permita falar em uma identificação de Dora com o irmão a partir desse traço, que não é tanto paterna comparada à novela familiar com os K.

Todavia, a enurese não se resume à identificação, o próprio ritmo fluido e escorrente aponta para um gozo que transborda e vai mais além da identificação.

1.7

A estranheza do gozo

Lacan destaca que em relação ao discurso do mestre, este exclui o conceito de fantasia, deixa-o de fora. “E é isto exatamente que faz dele, em seu fundamento, totalmente cego” (IBID, p. 114). É no cumprimento da sua função de mestre, de senhor, que ele perde alguma coisa, o gozo fica interditado e nas palavras de Lacan “cata-se as migalhas do gozo” (IBID, p. 114).

De que forma o significante mestre se relaciona com o pulsional? Como elucidou Lacan: “Primeiro, a linguagem, mesmo a do mestre, não pode ser outra coisa senão demanda, demanda que fracassa. Não é de seu êxito, é de sua repetição que se engendra algo que é uma outra dimensão, que chamei de perda – a perda de onde o mais-de-gozar toma corpo” (IBID, p. 130). Isto é, a perda onde algo do gozo no discurso do mestre ganha o corpo, ou mesmo, faz um corpo. Essa ideia de perda será cuidadosamente desdobrada no capítulo seguinte a partir da noção de objeto *a*, inventado por Lacan.

Na visão de Otoni a partir de uma entrevista com Laurent:

Na sua clínica, os psicanalistas têm a experiência de ver como os sujeitos, um por um, podem encontrar a solução própria, para além dos grandes discursos identificatórios, do prêt-à-porter comum que cada um encontra na sociedade, nas identificações que lhes são transmitidas pela família, que lhe transmitiu o destino. Na experiência da cura, o sujeito busca uma solução viável ao exercício de seu direito ao gozo (2012, p. 31).

A partir da citação acima, de acordo com os autores, é essa experiência que cada analista poderá transmitir - a partir do desejo que causa cada um - a outras disciplinas e discursos com o intuito de flexibilizar as amarras e categorias comuns e torná-los sensíveis a acolherem, ao menos não rejeitaram, os impasses do gozo que se apresentam em uma dimensão totalmente inédita e contingente no século XXI. Para isso, é preciso primeiramente, que os analistas possam suportar não atribuir todos os nomes aos fenômenos atuais que ainda não possuem balizas conceituais e teóricas suficientes.

Nessa via não se trata de desconsiderar as categorias comuns, ou mesmo os significantes mestres. A perspectiva de afrouxá-los, flexibilizá-los, pode ser a forma pela qual uma abertura ao gozo sem sentido seja possível; a dimensão do pulsional ganhe não apenas relevo, mas possibilitar a cada indivíduo um fazer algo diferente com o gozo e que isso possa produzir ressonâncias no social.

Foi a partir do desejo da histérica que Freud pôde extrair seus significantes-mestres. Freud considerou a pergunta O que quer uma mulher? Dessa forma, interroga o desejo da histérica, o convoca, e coloca o significante-mestre em segundo plano.

O que foi possível para Freud dizer naquele momento com algum destaque é que o desejo da histérica era endereçado ao mestre, mas como vimos, não inteiramente a ele. Lacan (1969-70), nessa linha, sublinhou:

O que a histérica quer (...) é um mestre. Isto é completamente claro. A tal ponto, inclusive, que é preciso indagar se a invenção do mestre não partiu daí. (...) Ela quer que o outro seja um mestre, que saiba muitas e muitas coisas, mas, mesmo assim, que não saiba demais, para que não acredite que ela é o prêmio máximo de todo o seu saber. Em outras palavras, quer um mestre sobre o qual ela reine. Ela reine, e ele não governa (IBID, p. 136).

Atualmente como se tece a identificação na histeria? O que parece configurar-se no contexto atual é que o sintoma histérico se apresenta sem que seja possível endereçar alguma suposição de solução no Outro, o que parece implicar uma rigidificação (materialidade) desse sintoma, em que não é incomum

existir uma amarra tal com o corpo que parece não ser possível localizar uma perda. O que não quer dizer que não há mais uma presença paterna na histeria. Essa ideia será melhor desenvolvida no quarto capítulo deste trabalho.

Um elemento importante que podemos dizer é que atualmente, no que concerne à construção do sintoma, se conta menos com o romance familiar ou com um vetor que se dirige ao ideal que legitimaria o lugar da lei. O que se conta na cultura hoje, de forma um pouco geral, é com uma proliferação de sintomas que pouco se encadeiam em associações, carregando nomenclaturas variadas, que parecem ser incidências iterativas do mesmo, que circunscrevem respostas isoladas de cada um. Parece estar em destaque uma nova relação com o gozo, nem melhor, nem pior, diferente.

Tratam-se de apresentações do gozo nos sujeitos que situam menos a implicação de cada um em seu sofrimento, na própria história, no tempo que circunscreve um antes e depois, e sim no acaso, em pedaços de momentos que não apontam para uma linearidade, mesmo que essa seja ilusória.

O mal estar presente na cultura, cenário em que a psicanálise nasceu na tentativa de respondê-lo, não desapareceu, entretanto, a expressão do mal estar parece ter mudado. Como o analista pode responder às novas formas do gozo? Levando em conta que a psicanálise possui um compromisso com a subjetividade de sua época, como pode a psicanálise dar algum depoimento a respeito das modificações na cultura sem permanecer isolada em si mesma?

Dizendo de outra maneira, as manifestações da clínica da histeria apontam se tratar de uma neurose que interroga de maneira privilegiada a função do pai. Em outras palavras Laurent aponta que determinada organização do sintoma histérico gira em torno do amor ao pai. E, segundo o autor, é o que permite que seu corpo possa se desfazer. O desmaio aqui pode ser um exemplo. Sublinhou Laurent:

É precisamente isso que está em questão na época, o amor do pai e a metáfora que ele implica; metáfora na qual por seu amor, para seu amor, o sujeito condescende em situar-se na diferença sexual. Por essa operação, o excesso do mais-de-gozar condescende em manter-se em uma relação com a diferença sexual. É preciso que concebamos o sintoma não a partir da crença no Nome-do-pai, mas a partir da efetividade da prática analítica (2013, p. 1).

Entretanto, sabemos que a histeria faz mais do que interrogar o pai. A histérica, por excelência, não sofre porque possui uma presença intensa do pai, ou mesmo, uma falta do pai. A questão para a histeria, como demonstrado nesse estudo, é outra: a histérica sofre com a presença de algo que todo o neurótico sofre, o encontro com uma estranheza familiar que não compõe com o Eu de cada sujeito, o que Lacan nomeou de objeto *a*, conceito que será desdobrado no próximo capítulo.

Esse encontro com algo que é estranho e familiar se relaciona a um gozo que incide no corpo e que embora possua uma articulação com o pai parece não se reduzir a ele, escapa ao pai, é o que ele deseja. Por exemplo, como vimos a Sra. K. Trata-se, portanto, de algo que não é colonizado pelo discurso do pai. Em outras palavras, embora esse gozo possua alguma articulação com o falo⁴, ele não é necessariamente só falo. O que está em jogo é um núcleo de gozo que não é abarcado totalmente pela instância paterna, presente em todos os indivíduos, permanecendo em uma dimensão opaca, sem possuir muita serventia e enganche no Outro.

Em nossos tempos podemos dizer que o pai ainda exerce função central no que se refere à construção do sintoma histérico? A histeria hoje ainda dirige perguntas ao pai? O que seria exatamente apostar, como apontou Laurent, na “efetividade da prática analítica”? Talvez contar com a efetividade da prática analítica possua relação com apostar na presença do analista, por intermédio de seu desejo, insistência, para que ele possa se oferecer como objeto e que através da contingência, um novo encontro, não garantido, possa acontecer.

Trata-se ainda de apostar no amor de transferência. A partir da transferência o analista pode despertar um novo gosto: a satisfação de falar e “a partir da pulsão ali engendrada, pode-se alcançar o amor e, quem sabe, instaurar por essas trilhas, um desejo que não seja anônimo, que possa dar algum tempero a essa vida que vai além da vida dos corpos” (OTONI, 2014).

⁴ Sobre o falo, importante conceito psicanalítico, porém não será aprofundado neste momento, Lacan o precisa: “Há um rolo, de pedra, é claro, que lá está em potência, no nível da bocarra, e isso retém, isso emperra” (IBID, p. 118). O falo como o significante da falta que circunscreve um limite, que retém algo, ele sustenta a falta. O falo nos sugere um certo enigma – o qual é efeito da operação da castração, princípio do significante mestre – que direciona um sentido que escapa ao Sujeito Suposto Saber, ao analista, ou mesmo ao pai da histérica, que teria supostamente o segredo sobre o seu desejo.

A pergunta que fecha esse capítulo e abre em alguma medida a discussão do próximo é: O lugar desse gozo pode ser separado do pai? Ou não é possível? Questão essa na ordem do dia, já que hoje a instância paterna parece não organizar tanto o gozo do ser, ou pelo menos, bem menos do que antes.

O pai “abusador” ou real, portanto, não exerce tanto essa figura de colonizador, não sendo mais recalcado na atual histeria e por sua vez, a mulher – como a Sra. K. de hoje – parece também não segurar tanto o gozo, não localizando-o. Posto isso, talvez a teorização do conceito de objeto *a*, que será desenvolvida no próximo capítulo, possa nos ajudar a pensar o modo de subjetivação da histeria na pós-modernidade.

2

Sobre a oralidade e o objeto a

2.1

Complacência somática⁵ e a oralidade de Dora

Neste primeiro parágrafo iremos resumir as questões principais referentes a esse capítulo e essas noções primeiras constituem o eixo fundamental desse capítulo.

De saída, apresentamos a oralidade: esta se relaciona com um movimento pulsional, presente em todos os seres falantes, que circunscribe a boca e suas vicissitudes como um lugar de satisfação. O que já podemos dizer é que a satisfação obtida através da pulsão oral é mais ampla do que a satisfação que se extrai da comida.

Já vimos que a oralidade é um eixo condutor no caso de Dora, ela foi muito destacada por Freud. Devemos abordar a questão da oralidade inicialmente a partir do tema da zona erógena.

Quanto à aceção de zona erógena: “Trata-se de uma parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade” (FREUD, 1901/1905 p.171).

Ainda em Freud, podemos acrescentar sobre a zona erógena:

A propriedade erógena pode ligar-se de maneira mais marcante a certas partes do corpo. Existem zonas erógenas predestinadas, como mostra o exemplo do chuchar. Mas esse exemplo ensina também que qualquer outro ponto da pele ou da mucosa pode tomar a seu encargo as funções de uma zona erógena, devendo, portanto, ter certa aptidão para isso. Assim, a qualidade do estímulo, mais do que

⁵ É importante retomarmos o conceito de complacência somática, já discutido no início do capítulo anterior. A noção de complacência somática possui relação com o que Freud chamará na citação destacada abaixo de “precondição somática”. Entretanto enquanto a precondição somática se refere à alguma inscrição que sempre esteve no corpo através dos elementos orgânicos, a complacência se circunscribe na direção de outra leitura em que o corpo é alvo, é depositário, está em uma função de condição de destino dos investimentos libidinais. Retomando a frase de Freud sobre a complacência somática: “Os processos psíquicos em todas as psiconeuroses são os mesmos durante um extenso percurso, até que entre em cena a ‘complacência somática’ que proporciona aos processos psíquicos inconscientes uma saída no corporal” (FREUD, 1901/1905, p.46).

a natureza das partes do corpo é que tem a ver com a produção da sensação prazerosa (IBID, p. 171-172).

É no eixo condutor da oralidade de Dora, de acordo com a leitura freudiana, que uma cena importante se destaca:

É que, no caso dela, um fato digno de nota proporcionava a precondição somática para tal criação independente de uma fantasia que coincide com a prática dos perversos. Ela lembrava muito bem ter sido, na infância, uma ‘chupadora de dedo’. (...) A própria Dora tinha clara na memória a imagem de uma cena de sua tenra infância em que, sentada num canto do assoalho, ela chupava o polegar esquerdo, enquanto com a mão direita puxava o lóbulo da orelha do irmão, sentado quieto a seu lado. Essa é a forma completa da autogratificação pelo ato de chupar, tal como também me foi descrita por outras pacientes que depois se tornaram anestésicas e histéricas (IBID, p.55).

A partir desse fragmento Freud aponta para uma satisfação que Dora obtinha com o seu ato de chupar e, portanto, é importante destacar a zona erógena oral de Dora como muito importante. Havia nesse ato uma satisfação corporal quase direta, já que não é tão dependente da cena familiar em que o pai está mais evidente, embora a cena em que esse ato se deu estava lá (para que haja vida entre humanos é preciso alguma cena). O irmão é o elemento que justamente compõe a cena, que facilita essa satisfação pulsional, já que também é alvo do investimento pulsional de Dora quando ela puxava sua orelha ao mesmo tempo em que chupava o dedo.

O oral era um elemento que de forma clara demarcava um modo de satisfação pulsional. Um ponto que merece destaque nessa cena do chupar o dedo é que há uma satisfação pulsional de Dora que não se remetia diretamente ao pai, há um esvaziamento da consistência dessa cena familiar. É o corpo que o gozo percorre de maneira mais direta em relação ao modo de satisfação amarrado à cena familiar, discutida mais especificamente como vimos no primeiro capítulo. Em outras palavras há nesse ato de Dora uma satisfação menos mediada em relação àquela satisfação que passa pela Sra. K., trata-se de um movimento que poderia se aproximar de uma satisfação auto erótica, em que não é referida diretamente ao pai.

A boca, para todos nós, é um lugar privilegiado de satisfação pulsional, uma zona erógena. Indo mais além, como se dá o surgimento de uma zona erógena? Há mobilidade entre as zonas erógenas? E quem as marcam? Embora a

boca seja uma região de satisfação pré-determinada o que podemos inferir é que é pelo próprio ato de chupar que Dora faz uma marcação em sua boca como um ponto de satisfação.

Nesse cenário da aceção da zona erógena, podemos articular que mesmo que haja um ponto de partida no corpóreo, uma região predeterminada, trata-se de uma marcação libidinal (que não se apaga) no corpo feita de maneira histórica, ou seja, durante uma vida, artificial no sentido de não ser caracterizada por um desenvolvimento simplesmente natural.

Lacan formulou: “As zonas erógenas estão ligadas ao inconsciente, porque é lá que se amarra a presença do vivo” (1964/1988, p. 188). O vivo se relaciona justamente com essa presença libidinal, um excedente, que escapa do que é representável na linguagem, de um sentido construído. Segundo Najles:

O significante não apenas possui função de traço que significa o que pode significar, ou seja, que mortifica o corpo e o faz falar, mas que possui, em princípio uma função de corte que separa do corpo um resto que não significa, como troços de corpo que gozam. Se trata aqui do corpo das zonas erógenas, do corpo vivo (2014, p. 73-74).

O termo freudiano que traduz essa inscrição arbitrária é *fixação*. “(...) a experiência analítica de fato nos leva a supor que experiências puramente casuais, na infância, são capazes de deixar atrás de si fixações de libido” (1916-1917, p.422). Desse modo, há um fator contingencial quando Freud pensou em fixação e, nesse sentido, adotamos o termo marcação. Para Freud, ao mesmo tempo em que há algumas regiões que já estão marcadas, há situações em uma vida que marcam o corpo, levando em conta assim uma dose de plasticidade. Portanto embora as primeiras marcações sejam importantes, há um espaço para que futuras marcações aconteçam. Essas marcações apontam para um determinado circuito libidinal no percurso de cada indivíduo.

Levando em conta o conceito de zona erógena, uma diferenciação entre complacência somática e precondição somática faz-se necessária. Embora complacência somática e precondição somática sejam conceitos que se articulam, tratam-se de movimentos diferentes já que implicam o corpo de forma distinta. Enquanto que a precondição somática consiste na existência de uma composição orgânica primeira para que algum vetor para o psiquismo possa se construir, a complacência somática é a possibilidade de escoar para o orgânico, que já estava

lá, um material que vem do psíquico. O corpo na complacência somática é sede desse conteúdo libidinal.

Vale lembrar do ensinamento freudiano: “Existem zonas erógenas predestinadas (...) mas qualquer outro ponto da pele ou da mucosa pode tomar a seu encargo as funções de uma zona erógena, devendo, portanto, ter certa aptidão para isso” (1905, p.171-172).

Um importante passo a mais que precisamos considerar quando debatemos a zona erógena é um ato que marca determinada região do corpo, e esse ato destaca certa região, como pedaço de corpo. A zona erógena como região pulsional se articula com um pedaço específico, que não é total, é fragmentário, um fragmento de corpo.

Quanto a essa ideia, veremos mais adiante que Lacan se interessa justamente por esses fragmentos corporais de gozo e para ler esse gozo ele prescindiu relativamente da história, do romance familiar. Trata-se de outro modo de lidar com esse gozo que parece não se esgotar no pai e a oralidade é o fio que reúne os elementos de gozo no caso Dora.

Sobre o corpo como região pulsional privilegiada, Brodsky frisou um ponto chave: “Considero que esta é uma indicação de ouro: não se deixar cegar na histeria pela insatisfação e pela falta-a-ser, mas sempre buscar o corpo, o ponto em que o recalado morde o corpo” (2007, p. 42). O corpo destacado com a sua presença no centro da cena do romance familiar, trata-se de outro modo de leitura da histeria, com a cena familiar mais esvaziada. O corpo assim ganha destaque em relação ao enredo familiar.

Além disso, podemos dizer que há um fragmento do corpo que está em jogo, e não mais o corpo como todo. O que está em relevo agora é o dedo de Dora.⁶ A oralidade em Dora investe um pedaço do corpo, que pode variar para outros pedaços, como demonstra a ideia da zona erógena, que está para além de ser uma zona pré-determinada ou não. A zona erógena implica necessariamente um pedaço do corpo, o que tem tudo a ver com a marcação que se faz em um ponto do corpo.

⁶ Agradeço a Marcus André Vieira por essa contribuição teórica, já que se trata de um ponto de virada fundamental.

É nesse momento da mordida no corpo que este é marcado como fragmento e, de acordo com Brodsky, é ali que a histeria é de fato constituída, ou melhor, outra leitura da histeria se torna mais evidente. Não está em jogo mais um núcleo histérico de toda a neurose, mas da histeria desencadeada, sintomatizada. O sintoma histérico como a tradução de algo que se apresenta em uma parte do corpo, outra maneira de lidar com o corpo que já se apresentava em um primeiro tempo.

Na obra *Um Caso de Histeria* Freud cita um breve exemplo de uma jovem senhora em que o erotismo oral estava em primeiro plano. Freud enuncia que atendeu essa paciente que lhe contou um estranho hábito. Citou Freud: “Essa jovem senhora, que nunca deixara o hábito de chupar o dedo, via-se numa lembrança de infância (...) mamando no seio de sua ama e, ao mesmo tempo, puxando-lhe ritmicamente o lóbulo da orelha” (1901/1905, p.55). Não coincidentemente esse fragmento de cena circunscreve também a oralidade na construção do sintoma histérico.

Embora Freud tenha colocado em relevo o fato de ser desinteressante uma hierarquia entre o psíquico e o somático, além do que uma divisão entre os dois seria artificial, ele sinalizou que a parte somática do sintoma histérico é mais estável e aonde é difícil uma substituição (p.56), enquanto que a psíquica é mais flutuante, talvez por esta levar mais em conta ideias e pensamentos que possibilitam uma variação maior.

Se isso é verdade, o que se marca no corpo, como ilustra o hábito repetitivo de Dora ao chupar o dedo, possui um estatuto importante – através de um recorte sem sentido no corpo – que coloca o corpo em cena, apontando para duas dimensões distintas e paradoxais: um suposto gozo que se extrai, que se perde, ao chupar o dedo e uma satisfação pulsional que se ganha com o mesmo chupar, delimitando assim um trajeto pulsional mais ou menos delimitado, sem que seja programável.

Ainda na montagem da dimensão pulsional de Dora, Freud aproxima alguns de seus sintomas corporais, como dito anteriormente, à obtenção de satisfação.

(...) era irrecusável a complementação de que, com sua espasmódica – que, como de hábito, tinha por estímulo uma sensação de cócega na garganta -, ela

representava uma cena de satisfação sexual *per os* entre as duas pessoas cuja ligação amorosa a ocupava tão incessantemente. Muito pouco tempo depois de ela aceitar em silêncio essa explicação, a tosse desapareceu – o que se afinava muito bem com minha visão (IBID, p.51).

Ainda nessa linha do sintoma corporal representar algo da ordem do sexual, Freud apontou que em Dora a irritação em sua garganta era passível de uma fixação por dizer respeito a uma zona erógena – uma área do corpo investida de libido - marcada pela presença de um caminho feito pela pulsão, demarcando o trajeto para a satisfação.

Sobre a zona erógena Freud acrescentou: “Ninguém há de contestar, penso eu, que a membrana mucosa dos lábios e da boca pode ser considerada como uma zona erógena primária (IBID, p. 55).

É relevante comentarmos que quando Freud nomeia essa zona erógena primária é muito mais para enfatizar que trata-se de um recorte primeiro dessa zona erógena, destacando que a boca é uma das primeiras zonas erógenas investidas pela libido. O que é bem diferente de dizer que trata-se de uma zona erógena genética ou inata, que foi justamente o que Freud não disse.

Em seguida Freud acrescenta outra ideia: “(...) A intensa atividade dessa zona erógena em idade precoce constitui, portanto, a condição para a complacência somática posterior do trato da membrana mucosa que começa nos lábios” (IBID, p. 55). Essa citação nos mostra que através da complacência somática a histórica localiza no corpo, de forma inconsciente, a libido. Ou seja, a histórica deposita a libido nos lugares ou pedaços do corpo que já foram marcados, não no corpo como um todo, como dito anteriormente. Dessa maneira, não é difícil que o excesso pulsional na histeria encontre nos fragmentos do corpo um lugar, uma sede.

2.2

A oralidade, a fixação oral

Foi esse grupo de sintomas orais: irritação na garganta, tosse, rouquidão, que representaram as relações de Dora com o Sr. K., que se intensificavam na ausência dele e apontavam para o desejo de Dora de ser uma esposa melhor para ele. Após essa ideia, sublinhou Freud: "Depois que uma parte da libido voltou-se

novamente para o pai, o sintoma obteve o que talvez seja sua significação última: representar a relação sexual com o pai pela identificação de Dora com a Sra. K.” (IBID, p.83). Portanto, ao colocar-se no lugar da Sra. K., Dora sustenta a fantasia de situação sexual subjacente a sua tosse.

A partir dessa citação de Freud quanto à posição de Dora, podemos frisar que Freud retorna ao romance no qual Dora está enredada. No entanto, o nosso intuito não é destacar o romance como Freud fez em vários momentos e sim recortarmos outra faceta: aquilo que estava ali, que não se reduz aos personagens da trama e nem possui um significado oculto. Isso que estava ali é a fixação oral, a própria tosse de Dora.

Outro sintoma importante fazendo parte da constituição subjetiva de Dora foi a afonia, que não estava ligada a um problema orgânico de Dora quanto à fala. Esse sintoma ilustrava também a pulsão oral privilegiada inconscientemente por ela. Como elucidou Freud “A afonia de Dora, portanto, admitia a seguinte interpretação simbólica: quando o amado estava longe, ela renunciava à fala; esta perdia o seu valor, já que não podia falar com ele” (1905, p. 44).

Uma faceta da afonia, dessa forma, era endereçada ao Sr. K., fazendo existir o Sr. K. como Outro e também uma maneira de fazer relação, através da afonia dirigida. Entretanto, como dito anteriormente, um núcleo dos sintomas de Dora passa a dirigir-se menos ao pai e ao Sr. K., se ancorando assim menos na novela familiar.

Outra cena que retoma a importância da oralidade em Dora foi o beijo do Sr. K. na jovem e, de alguma maneira, este ato atualiza a Dora chupadora de dedo. Na cena do beijo há um estímulo externo que se localiza na mesma zona, a boca, em que um investimento libidinal anterior já havia sido marcado.

O movimento a posteriori de Dora à cena foi defender-se sentindo um nojo do Sr. K. Freud acrescentou: “Os pensamentos ligados à tentação, portanto, pareciam ter remontado à cena anterior e revivido a lembrança do beijo contra cuja atração sedutora a pequena ‘chupadora de dedo’ se protegera, a seu tempo, por meio do asco” (IBID, p.74).

Esse ponto é de extrema importância quando desdobramos a concepção de marcação, já citada anteriormente. Dora, quando chupadora de Dora, já havia marcado primeiramente a boca como uma região privilegiada de prazer. O beijo é

algo secundário que faz com que essa região seja revisitada pela libido, a qual habita todos os seres falantes.

Já sobre a tosse e rouquidão, ambos os sintomas que rodeiam a garganta e também apontam para a dimensão do erotismo oral, Freud marcou existir uma “irritação real” (p.82) e organicamente condicionada na garganta, que ele denominou de “grão de areia em torno do qual a ostra forma a pérola” (IBID, p.82). Podemos pensar o grão de areia como uma metáfora da precondição somática para que a história de uma vida possa desenrolar-se a posteriori. Ou seja, diferentemente de uma marcação posterior, a analogia com o grão nos remete a uma parte do corpo, orgânico, que em si não possui sentido, mas que é a partir dele que surge um vetor em direção ao psíquico, à construção de uma narrativa histórica que compõe um enredo, inclusive familiar, com o cuidado de não nos perdermos nele. Ou, como disse Freud, é partindo desse grão que a ostra forma sua pérola.

A dimensão oral, nesse contexto, pensando em termos de precondição somática ou de complacência somática, é de grande importância não apenas no desenvolvimento psicosssexual de Dora, mas também, comumente, no de outras mulheres.

2.3

Oralidade de Dora com Lacan

Não é nenhuma novidade que Lacan abordou o caso Dora em inúmeros momentos de seu ensino começando brevemente com *A direção do Tratamento* (1958). Iremos destacar rapidamente o que ele pôde dizer sobre Dora neste texto, mas o que nos interessa é o que ele desdobrou a respeito de Dora posteriormente a partir de outras obras, como exemplo, o *Seminário 5*.

Em um primeiro momento, Lacan não deu tanta ênfase à questão do fragmento, do pedaço corporal, o que nos é caro nesta investigação. Por outro lado, nesse momento inicial ele seguiu claramente os passos de Freud. É só em um momento posterior, como veremos, que ele irá tocar na questão do objeto, que é um ponto chave nesta investigação.

Partindo do primeiro ponto, em *A Direção do Tratamento* Lacan corroborou o que Freud havia dito sobre a participação de Dora em seu próprio arranjo sintomático dizendo que Freud pôde introduzir a paciente em uma primeira localização “de sua posição no real”, mesmo que isso acarretasse uma precipitação dos sintomas.

Para exemplificar esta questão Lacan frisou em relação ao trabalho de Freud: “Outro exemplo notório é quando ele obriga Dora a constatar que, da grande desordem do mundo de seu pai, cujo estrago constitui o objeto de sua reclamação, ela faz mais do que participar; que ela se constituiu a cavilha dessa desordem, e que não poderia continuar sem sua complacência” (1958, p.602). Aqui complacência menos no sentido de um lugar no somático, e sim com o significado da participação subjetiva de Dora.

Dora, dessa forma, ganha um protagonismo outro na cena, mais do que incluída ela é o ponto de “cavilha” que faz girar a desordem, um pino, que amarra a cena, ligando os atores que nela estão. Porém ela não é sem libido, nela está presente a pulsão que faz com que Dora se movimente, seja um corpo vivo.

Quanto à faceta oral no que tange o desenvolvimento psicosssexual dos humanos, Lacan em seu Seminário *As formações do Inconsciente* (1957-58), já apontava para o movimento da satisfação sádico-oral presente nos seres falantes e esta estaria atrelada a uma necessidade, segundo ele, de morder. Uma mordida que circunscreve o corpo ao marcá-lo.

Quando com os Kleinianos, remontamos à gênese, exploração esta que certamente constituiu um progresso para a análise, somos conduzidos, na maioria dos problemas da evolução do sujeito neurótico, à chamada satisfação sádico-oral.⁷

⁷ Lacan acrescentou: “Observem, simplesmente, que essa satisfação se efetua como uma fantasia e, desde logo, como retorsão da satisfação fantasiada. Dizem-nos que tudo parte da necessidade de morder, às vezes agressiva, que tem a criança pequena em relação ao corpo da mãe” (1957-58, p. 262).

A partir da citação acima podemos localizar que Lacan associa o empuxo oral à noção de fantasia na medida em que não se trata da mordida em si, que ele chama de “real”, e sim do que ficou registrado no aparelho psíquico da criança a partir da interação com o corpo da mãe. É muito mais o que a criança pode ler e, em um segundo momento, contar a partir desse jogo de pulsões com o Outro materno do que o acontecimento em si.

Os objetos para Lacan, como por exemplo, o oral, cuja matriz primordial é o seio, são significantizados isto é, entram na dialética do discurso, na própria relação de um significante com o outro, do sujeito com o Outro, dessa maneira presentes na linguagem. (MILLER, 2012). E a instância da linguagem faz vacilar uma suposta diferença entre realidade e imaginação, pois o importante ainda continua sendo o inconsciente e seus traços, que estão na própria estrutura da linguagem. Como contribuiu Lacan: “É absolutamente impossível estabelecer uma distinção válida

O texto chave que nos auxilia para desdobrar nossa questão é a *Intervenção sobre Transferência* de Lacan [1966(1998)]. A partir desse texto, Lacan destaca uma terceira reviravolta dialética no escrito de Freud sobre o caso Dora, a qual se deu a partir da relação que foi criada entre Dora e a senhora K. Ou seja, o lugar de mistério que a senhora K. ocupava para Dora. A Sra. K. representava para Dora o mistério de sua própria feminilidade corporal, o que aparece claramente no segundo sonho de Dora.

De acordo com Lacan uma cena relevante, já mencionada, na história de Dora se destaca: “É Dora, provavelmente ainda *infans* chupando seu polegar esquerdo, enquanto que com a mão direita, ela puxa a orelha de seu irmão, um ano e meio mais velho do que ela” (1951, p.93).

É nessa cena que podemos dizer que há, nas palavras de Lacan uma matriz imaginária, o que nomeamos anteriormente de marcação, aonde vieram depositar-se as novas situações que Dora encontrou-se em sua vida, que se relacionaram com essa inscrição primeira. A expressão freudiana para a noção de matriz imaginária é *fixação*.

A partir do fragmento anterior de Lacan a respeito da matriz imaginária, de acordo com o autor, “podemos medir por aí o que significam agora para ela a mulher e o homem” (IBID, p.93). Em outras palavras, também o encontro com a diferença sexual.

Podemos dizer que Dora expressa uma faceta do desejo oral no ato de chupar o dedo, conforme apontado anteriormente. Outra apresentação da pulsão erótica oral é através da afonia manifestada por Dora quando o Sr. K. se ausenta e, dessa forma, Dora se depara em uma relação mais direta com a Sra. K. e permanece, em alguma medida, sem saber em que posição ocupar, já que a identificação feminina não é algo simples.

André (2011) sinalizou que a análise que Freud pôde fazer do caso Dora considera dois pontos principais: o amor denegado de Dora pela Sra. K. – que encobre seu amor inconsciente por seu pai e seu ciúme com relação a Sra. K. – e a prevalência da oralidade nas fantasias sexuais do sujeito. Iremos nos ater um pouco mais neste segundo ponto destacado: a oralidade em Dora.

entre as fantasias inconscientes e essa criação formal que é o funcionamento da imaginação, se não virmos que a fantasia inconsciente é desde sempre dominada, estruturada, pelas condições do significante” (1957-58, p. 263).

André retoma Lacan em *Intervenções sobre Transferência* e a cena, descrita por Freud, em que Dora chupava seu polegar ao mesmo tempo em que puxava a orelha do irmão, matriz possivelmente que se calcavam as situações posteriores que Dora viveu, para mostrar que existia uma dialética de três termos sustentada por Dora. O polegar nesse cenário como o terceiro termo que exerce a função de constituir Dora e o irmão – os outros dois termos – como casal homem-mulher.

Esse polegar que Dora se ocupava em chupar é, portanto, uma parte de seu corpo e ao mesmo tempo em que a aproximava do irmão, realizava também uma separação, já que o polegar é da Dora. É nessa tensão que Dora faz uma parceria sexual e que alguma identificação com o irmão se circunscreve.

Nesse contexto é importante relançar a afirmação proposta por Lacan ainda em *Intervenções sobre transferência*: “a mulher é o objeto impossível de se separar de um primitivo desejo oral e onde é preciso, entretanto, que ela aprenda a reconhecer sua própria natureza genital” (IBID, p. 94). Posto isso, torna-se essencial levar em conta a função da oralidade no que concerne a problemática da histeria e também a oralidade na relação indissociável com o sexual.

De acordo com a concepção de André:

Daquilo que Freud nos relata, tiramos duas conclusões: em primeiro lugar, que Dora encontrou em seu irmão sua primeira identificação masculina; depois, que ela manteve com ele uma relação que se pode dizer ‘sexual’ e cuja especificidade é a de ter sido construída sobre um gozo de tipo oral (2011, p. 174).

Entretanto o autor não interrompe sua análise com essa citação, ao contrário, prossegue no sentido de questionar qual era o lugar de Dora na cena. Que posição ela ocupava? Ela era a menina gozando de sua oralidade e provocando o desejo do irmão sentado ao seu lado? E, indo mais além, interroga André, não estaria ela identificada com a posição do menino, chupando a menina que estaria nela e perguntando o que pode ser a relação do menino a uma menina concebida como um objeto oral? A partir dessa última pergunta, indagamos: o lugar então da menina seria o do próprio objeto oral? Questão esta muito importante, já que demarca justamente a passagem de um corpo com algo que o excede, embora circunscrito no enredo familiar, para um fragmento de corpo, um pedaço, o próprio dedo de Dora.

É essa virada, também em relação à leitura que se tem do corpo, que inaugura, neste trabalho, o conceito de resto, que será desdobrado com destaque mais a frente, já que se trata de um conceito chave. Vale ressaltar que não se trata de uma passagem estanque ou cronológica: é muito mais uma passagem lógica que permite um retorno a um espaço ou lugar primeiro.

Em outras palavras, retomando essa passagem do corpo da menina tomado pela cena familiar ao dedo, como pedaço recortado que também é corpo, podemos dizer que em ambos há um continente obscuro que o pai não recobre, não dá conta. E esse núcleo não colonizado que se apresenta na cena familiar, mas que fica de fora do alcance do pai se chama feminilidade, como exemplo a Sra. K. como *A mulher*, que encarna um impossível. Assim como há algo na dimensão da satisfação do fragmento do corpo – o dedo aqui é ilustrativo como a oralidade – como resto, que também não é abarcado pela instância paterna.

Vemos, portanto, uma relação, uma proximidade, entre esses dois elementos - a feminilidade e a oralidade - que escampam à novela, já que parecem se bastarem, que quase não precisam passar por outra coisa como o pai, mas não são indizíveis. Então, é a sombra desse continente que estabelece a ligação entre a feminilidade e a oralidade; ambas importantes.

Para demarcar a questão da feminilidade, ratificando nossa visão como sendo algo que se localiza por fora do pai, André (1996) acrescenta “Como uma outra (a Sra.) pode ser amada por um homem que não poderia se satisfazer com ela (o marido ausente, ou o pai impotente)? (IBID, p.173).

2.4

Fragmentos de corpo

Reiterando um ponto significativo em relação ao fragmento do corpo, propõe André:

A questão de Dora bem poderia ser a seguinte: o que se torna uma mulher, se a relação de um homem a uma mulher se reduz à relação de um homem ao seio? E efetivamente os sintomas de Dora – tosse nervosa, afonia, alucinação de um cheiro de fumo – manifestam o apelo à pulsão oral experimentado desde que ela se encontre colocada numa situação de casal (IBID, p.174-175).

Dessa maneira, os sintomas de Dora, segundo André, se apresentaram, sobretudo, quando Dora se encontrava em uma situação de par, em alguma parceria. Era uma forma de resposta subjetiva da jovem à determinada situação. De acordo com Lacan é possível afirmar que há uma ligação inconsciente realizada por Dora entre sua posição na adolescência e a impressão registrada nela - que implica uma satisfação - a partir de suas relações infantis vividas com o irmão. O que é digno de nota é que essas experiências marcaram o seu inconsciente e a jovem precisa fazer um trabalho psíquico para dar alguma conta desse registro.

É possível dizer, então, que Dora se interroga sobre o que o Outro quer dela e, em um segundo momento, se identifica em uma dupla polaridade: identificação masculina por um lado, na medida em que ela se identifica à posição do Sr. K. ou à de seu pai para contemplar a Sra. K., e identificação feminina, por outro lado, na medida em que desejaria ser amada pelo Sr. K. e por seu pai à maneira pela qual a Sra. K. é amada pelo pai. Entretanto ao problematizarmos a questão de Dora ser objeto de desejo do Outro, por exemplo, a questão do gozo singular dela tende a ficar de fora.

Podemos dizer sobre o gozo: “Contudo, ser o objeto de desejo para o Outro não toca absolutamente seu próprio gozo. Este é o ponto que a histérica guarda como o mais precioso, ela é perita em fazer desejar, entretanto ela não quer saber do que a abala, do que a incomoda” (BRODSKY, 2007, p. 45). Esse ponto “cego ao olhar da histérica se relaciona com algum pedaço de gozo que a toma de alguma maneira, e que escapa a sua compreensão. Isso que a toma, e que gera angústia, se relaciona com a noção de objeto *a*, tratada por Lacan.

2.5

Alienação e Separação

De saída, torna-se imprescindível ampliarmos a nossa discussão incluindo os conceitos de alienação e separação, formulados por Lacan no *Seminário 11*, com o intuito de circunscrevermos o seu maior conceito e sua grande invenção, que nomeou de objeto *a*.

O ponto de partida é que as operações de alienação e separação produzem um sujeito, em outras palavras, o efeito dessa operação é a constituição do sujeito. Dessa forma, uma primeira formulação, é que para a orientação lacaniana, não existe um sujeito desde o nascimento, ou mesmo natural. Trata-se mais de uma operação lógica para que esse sujeito advenha.

De saída, a alienação aponta para a ideia de que é preciso uma alienação fundamental para que um espaço singular, a posteriori, seja criado. Ou seja, a criança, antes de nascer já é falada, no melhor dos casos, já se deposita sobre ela uma expectativa, há um lugar no desejo dos pais.

Ao nascer, a criança já está inserida em um banho de significantes, nomes atribuídos pelo Outro, que possuem a intenção de representá-la. Nesse momento, não está colocada uma diferença da criança e a mãe, por exemplo. Há uma continuidade, uma coisa só. É apenas em um segundo tempo, a partir de uma impossibilidade da mãe dizer tudo sobre a criança, ou seja, quando se presentifica um ponto cego na mãe, que alguns nomes podem dizer da criança, serem legitimados, e uma dialética é criada.

A criança, dessa forma, precisa alienar-se a esses significantes mestres para que possa ser alguém no mundo e mais a frente poder construir seus próprios ditos. Essa noção nos permite pensar, como muitos já a sabem, que não há, pelo menos em um primeiro momento, um sujeito sem nenhuma relação com o Outro, foi a partir de algum Outro que se deu o ponto de partida da constituição subjetiva.

Em relação ao sujeito afirmamos: “o sujeito como tal só pode ser conhecido no lugar ou *locus* do Outro. Não há meios de se definir um sujeito como consciência de si” (LAURENT, 1997, p. 34). Dessa forma, o sujeito não existe como uma essência que se pode apreender, não é em si nada, se ele possui alguma característica é de ser evanescente. Precisou Lacan “O sujeito é esse surgimento que, justo antes, como sujeito, não era nada, mas que apenas aparecido, se coagula em significante” (1964, p.194).

Sujeito e Outro assim estão ligados, sobretudo nesse primeiro tempo, da alienação. Como postulou Lacan, no *Seminário 11*, sobre o Outro: “O lugar em que se situa a cadeia significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito” (1964, p.193-194). O sujeito é o que será apresentado na própria

hiância entre dois significantes, é nesse espaço de um S1 para S2 que ele poderá ser representado. Para além disso, é a relação ao Outro que faz surgir a relação do sujeito com algo que ele perde, da ordem da pulsão, por ter que passar de alguma maneira pelo sexual. Sobre o sujeito e a montagem pulsional que que habita em cada um, a partir de uma história, vale retomarmos uma formulação de Vieira:

Não há sujeito prévio para Lacan. A pulsão, para ele, é uma montagem. Assim ele retoma as indicações de Freud. O sujeito é fruto de uma montagem contingente e não de uma série de acontecimentos na infância. É algo que emerge de uma história permanentemente construída e não de uma eterna atualização dos encontros infantis entre um diabinho pulsional e as repressões da cultura (2008, p.512).

Em relação à conexão estruturante entre sujeito e Outro Laurent contribuiu: “De fato, não podemos conhecer a nós mesmos como sujeitos; não existe autoconsciência de nós: somos obrigados a nos conhecer por meio dos outros” (1997, p.34). Em uma análise, é necessária uma alienação, uma certa aliança – a transferência aqui é ilustrativa – a ao menos um traço do analista, que pode ser um significante qualquer, para que logicamente, em um segundo tempo, se produza uma separação, em que algo mais singular do sujeito, que se refere ao seu modo de gozo, possa se delinear. Entretanto, não se trata de um movimento estanque ou cronológico, já que sabemos que um modo de gozo pode ser destacado no início de uma análise.

Por outro lado, também torna-se importante no processo analítico, uma separação dos significantes mestres que o sujeito costuma estar bem apropriado ao iniciar um tratamento, para que em um segundo momento possa fazer alguma alienação com o nome que realmente toca em sua posição singular de gozo. A interpretação do analista visa, ou deveria, a pulsão parcial que está na cena. Não mirar o objeto diretamente, missão esta impossível, mas circunscrevê-lo nas entrelinhas da cadeia dos significantes.

A decisão por alienar-se no Outro não é algo pensado e medido, já que não existe um Eu nesse tempo. É mais a ideia de um ato, que implica certa escolha forçada, de se definir através do Outro. E essa ideia mesma não exclui um certo paradoxo.

O objeto *a* se circunscreve nessa operação de separação, se extrai na operação de separação, produzindo assim a separação entre eu e Outro,

demarcando lugares que nunca são estanques, mas o que é decisivo é que um espaço é criado, o qual permite uma junção e disjunção, como o próprio losango, símbolo da pulsão na fórmula da fantasia aponta:

$S \diamond a$.

O objeto a , separador, é resto desse encontro do Eu e Outro, resto da divisão subjetiva, ele mesmo sustenta um desencontro fundamental à existência. Essa extração aponta para uma perda, que constitui uma falta: do lado do Outro e do sujeito. O objeto a presentifica que tem alguma coisa que não é nem do Outro, nem da criança, nem do analista, nem do analisante, se dá em uma espécie de área transicional.

Sobre a noção de falta vale a pena aqui retomar o comentário do Laurent sobre duas faltas quando o autor frisa: “Na primeira falta, quando o sujeito é definido por um significante-mestre, uma parte do sujeito é deixada de fora da definição total” (1997, p. 38). Essa falta, então, aponta justamente para a questão de que é impossível colonizar tudo, há uma parte do ser de gozo do sujeito que fica de fora dessa atribuição da representação.

Quanto à segunda falta, Laurent elucida-a dizendo que está em jogo uma tentativa do sujeito inscrever uma representação do gozo no interior do Outro, no texto de sua fantasia e, dessa forma, ele tenta se definir através dessa fantasia. Na tentativa de definição se cria outra falta na medida em que seu gozo é parcial, não - todo.

O gozo localizado assim no objeto a é sempre parcial, indizível em sua totalidade.

As pulsões não podem ser representadas como o Outro por inteiro. As pulsões são apenas parciais, como diz Freud, e Lacan reinterpreta isso ao dizer que a lógica do todo não pode aparecer no Outro. Não há meio de inscrever o quantificador ‘para todo’ ou ‘a totalidade de’ no Outro. Nenhum quantificador desses pode funcionar nesse lugar. Não-todo sujeito pode estar presente no Outro. Sempre há um resto (LAURENT, 1997, p.36).

A noção de presença de um resto será problematizada no último capítulo deste trabalho, levando em conta que há em debate a ideia de que não há lugar para o resto na pós-modernidade. Entretanto, em contraponto, para que a operação da alienação-separação “funcione” é fundamental considerar um resto, que diz respeito tanto ao sujeito como ao Outro. “Uma vez constituído o sujeito, no

entanto, deve-se levar em conta o fato de haver um resto – um resto que está tanto dentro do sujeito, definido sexualmente, quanto dentro do Outro”. (IBID, p. 37).

A tensão que o sujeito se refere seria a seguinte: ao mesmo tempo em que há o significante-mestre que coloniza algo do ser de gozo do sujeito, há também alguma coisa que fica de fora, já que o gozo do sujeito é mais do que um nome (s), por exemplo. Trata-se de uma experiência que marca o corpo, e nessa experiência há algo que escapa à representação, é um pedaço de gozo nomeado posteriormente por Lacan de objeto *a*.

Mesmo não sendo possível apreendê-lo, já que ele fica de fora da cena, ao mesmo tempo, de forma paradoxal, ele possui uma função de estabilizar a cena. Assim, como pedaço, uma faceta do objeto *a* pode se presentificar de alguma maneira.

É preciso, então, considerarmos esse gozo que fica de fora, ele também apresenta, sem dizer, o sujeito. Nessa linha, enfatizou Laurent:

No próprio momento em que o sujeito se identifica com esse significante, fica petrificado. É definido como se estivesse morto, ou como se lhe faltasse a parte viva de seu ser que contém seu gozo. Sempre que isolamos uma das identificações do sujeito, precisamos encontrar em seguida a fantasia ($S \diamond a$) que a acompanha, a fantasia que lhe traz algum gozo (IBID, p. 38).

Sobre a alienação ao significante-mestre é nessa cadeia de significantes que podemos precisar a lógica da fantasia do sujeito e se define sua posição subjetiva e em relação a não relação sexual, levando em conta o próprio sem sentido das palavras. Se considera um gozo – que é caro à psicanálise - não recoberto pela identificação. Nas palavras de Laurent: “O sujeito tem de ser conduzido ainda através de um outro labirinto, não o de suas identificações, mas o dos seus modos de gozo – as maneiras pelas quais ele transforma o outro que ama num objeto” (IBID, p.40).

É na própria alienação do sujeito no Outro que há uma redução de gozo, uma parte do seu ser fica perdida. O sujeito se define, portanto, não apenas por intermédio da cadeia significante, porém em termos de sua posição de gozo.

A alienação tenta encobrir essa última parte, enfocando aquilo que concerne à referência ao significante-mestre, no entanto, de alguma forma, sem que seja totalmente representável, o gozo vem à cena. Sobre o gozo é possível afirmar: “Não é um gozo verdadeiramente eliminado – eis o paradoxo –, pois ele

age, ele é eficaz, ele tem consequências. Pode-se mesmo dizer que todo o campo das neuroses é determinado pelo retorno desse gozo rejeitado” (BRODSKY, 2007, p. 37). Aqui há um lugar privilegiado ao resto, ao menos no campo das neuroses.

Entretanto, quando se trata de seres falantes, não é possível prescindir da cadeia significante. Em um primeiro momento o sujeito é uma parte perdida do Outro, por exemplo, o seio da mãe, e dessa forma, vive como que no lugar do objeto *a*. Em um segundo tempo, precisa se identificar com a parte perdida e se reinsserir na cadeia de significantes.

Sobre a alienação destacar o seguinte comentário de Lacan:

A alienação consiste nesse *vel* que – se a palavra *condenado* não suscita objeções da parte de vocês, eu a retomo – condena o sujeito a só aparecer nessa divisão que venho, me parece de articular suficientemente ao dizer que se ele aparece de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro ele aparece como *afânise* (1964, p. 206).

Dessa forma, nos deparamos com o paradoxo que se refere a uma presença, em que está incluída uma ausência, na medida em que dizendo sobre o sujeito, através de significações, há em uma dimensão uma impossibilidade de se dizer tudo sobre o sujeito. Lacan sinaliza a noção de separação “termina a circularidade da relação do sujeito ao Outro” (IBID, p. 208). Ou seja, enquanto a alienação está calcada na subestrutura da fusão ou união, a separação está fundada na subestrutura que se refere a interseção ou produto. A separação “vem justamente situar-se nessa mesma lúnula onde vocês reencontrarão a forma da hiância, da borda” (IBID, p. 209).

2.6

Pai e objeto *a*

Este produto que está em jogo na operação da separação podemos dizer que é o conceito que Lacan nomeou de objeto *a*. Essa operação, que possui como efeito o objeto *a*, se articula com o pai? Só é possível pensarmos em objeto *a* atrelado ao pai? É possível concebemos o objeto *a* como algo desprendido, um geral, sem relação com o falo, que justamente está do lado do pai? Se consideramos que só há resto a partir de um todo e quem sustenta o todo é o falo,

não fica simples pensarmos em objeto *a* sem falo. Entretanto, através de um exemplo clínico de anorexia mais adiante, iremos problematizar essa ideia.

Antes disso, é relevante visitarmos em Lacan, no *Seminário 10*, o lugar do falo com relação ao objeto *a*. Propôs Lacan:

Para dizer prontamente as coisas tal como se articularão no passo seguinte, direi que a função do falo como imaginário é exercida em toda parte, em todos os níveis que caracterizei por uma certa relação do sujeito com o *a*. O falo funciona em toda parte, numa função mediadora, exceto onde é esperado, ou seja, na fase fálica (1962-63, p. 283).

A partir dessa formulação de Lacan, um primeiro ponto a ser sublinhado é que uma certa relação do falo com o objeto *a* nos faz pensar que se trata da existência de uma relação possível, sendo precipitado dizer necessariamente que tudo que está ao lado do objeto *a* possui ligação com o falo.

Como vimos no primeiro capítulo deste trabalho o falo se refere à dimensão da falta, ao significante que representa a falta, esboçando assim um limite na própria estrutura da linguagem. Como demarcou Lacan sobre o falo: “Há um rolo, de pedra, é claro, que lá está em potência, no nível da bocarra, e isso retém, isso emperra” (IBID, p. 118). O falo como efeito da operação de castração⁸ demarca lugares, situa de alguma maneira o possível de se representar e aquilo que está para além da representação.

Será que é possível pensarmos, então, de fato que existe algum ponto do objeto *a* que não se reduz ao falo?

Outra questão é que ao falar do falo como evanescente, Lacan nesse primeiro momento é claro ao dizer que o falo não está em toda a parte, há um ponto de ausência do falo no lugar em que se esperava que ele funcionasse: na própria função fálica, que constitui o princípio da angústia de castração. O que parece nesse sentido é que existe, portanto, um ponto opaco inapreensível.

Por outro lado, Lacan, ainda no *Seminário 10*, realiza outro apontamento ao retomar o caso do homem dos lobos, de Freud, dizendo que o essencial não é saber onde está o falo. “Ele está, por assim dizer, em todos os lugares, idêntico ao que eu poderia chamar de catatonia da imagem da árvore e dos lobos empoleirados, que (...) olham fixamente para o sujeito” (IBID, p.284).

⁸ Conceito este que não será aprofundado nesta investigação.

Lacan complementa que o falo está no próprio reflexo da imagem, a qual ele sustenta com essa catatonia que é a do próprio sujeito, da criança paralisada pelo fascínio do que ela própria vê. O que ela vê na cena e, paradoxalmente, é invisível por estar em toda parte, “não é nada menos que a transposição do estado de estagnação de seu próprio corpo (...)” (IBID, p. 284). Esse estado do próprio corpo, que por analogia Lacan aproximou da árvore coberta de lobos, possui relação com o gozo, que Lacan diz que ultrapassa qualquer referência possível do sujeito, ou seja, está fora da representação, está presentificado sob essa forma erigida. Dessa forma, é possível dizer que esse pedaço de gozo ultrapassa as insígnias fálicas?

Lacan ainda adverte que é o sujeito tomado pelo seu próprio corpo que é o falo, em suas palavras, “o sujeito não passa de uma ereção nessa tomada que faz dele o falo, que o imobiliza inteiro, que o transforma em árvore” (IBID, p. 284). Para além da ideia do corpo todo ser tomado como falo, a nossa investigação privilegia muito mais os fragmentos corporais com suas nuances do que a ideia de corpo como todo.

Nesse momento, com dúvida, deixamos em aberto se é possível o objeto *a* prescindir do escopo fálico. Porém, o que é possível possuir alguma certeza é que o falo e o lugar do pai são elementos centrais na dinâmica do romance familiar, discutido com mais detalhes no primeiro capítulo dessa dissertação.

O objeto *a*, por sua vez, possui um ponto de articulação com o Outro - como visto a partir das operações de alienação e separação. Posto isso, em alguma medida se articula, portanto, com o pai e o falo. Por outra via, como uma dupla face, o objeto *a* nos parece que também encarna uma dimensão de ausência a qual parece menos compartilhável, por talvez ser mais sem sentido. Nessa faceta o objeto *a* ganha um lugar mais destacado ou mesmo solto.

A partir disso, outro ponto que merece um olhar especial por ir ao encontro de nossa questão é que com a teoria do objeto *a*, e não outra, o romance familiar permanece menos evidentemente no centro da constituição histórica. O que nos faz pensar que a teoria do objeto *a* é chave, pois muda a disposição dos elementos na mesa, já que não atribui tanto valor à história. O que, por essa via, parece caro no cenário atual em que a história encadeada, com o pai como pivô, perdeu espaço.

2.7

O paradoxal objeto *a*

O conceito de objeto *a*, formulado por Lacan, é um orientador importante para o trabalho na clínica psicanalítica, sobretudo aos nos debruçarmos nos ditos sintomas atuais. O Seminário *A Angústia* é um marco, pois é o momento em que Lacan introduz o que chamou sua única invenção – o objeto *a* –, aproximando-o da função da causa.⁹

Para fixar nossa meta, direi que o objeto *a* não deve ser situado em coisa alguma que seja análoga à intencionalidade de uma noese. Na intencionalidade do desejo, que deve ser distinguido dele, esse objeto deve ser concebido como a causa do desejo. Para retomar minha metáfora de há pouco, o objeto está atrás do desejo (LACAN, 1962-63, p.115).

Em Nomes do Pai Lacan elucida “O que é o objeto *a*, cujas formas fundamentais, tão longe quando pude levá-lo, lhes apresentei? O objeto *a* é o que caiu, do sujeito, na angústia. É o mesmo objeto que eu desenhava como a causa do desejo” (1963, p. 60).

Acrescentou Millot:

O objeto *a*, tendo sido destacado do corpo para completar o lugar do Outro como lugar do significante, é por essa via mesmo perdido para o sujeito e torna-se aquilo que causa seu desejo na tensão em direção a um impossível reencontro. Ele vem assim representar o gozo perdido e se afirma como o verdadeiro objeto da castração (1988, p.60).

Lacan, portanto, desenha o estatuto da causa, estabelecendo-o a partir do objeto do desejo, causa de desejo. O objeto de que se trata no desejo, objeto *a*, não deve ser situado no que quer que seja de análogo à intencionalidade ou à necessidade. Diferentemente do que é da ordem da intenção esse objeto causa de desejo deve ser situado, como destacou Lacan, no *Seminário 10*, próximo a algo que é recortado do corpo. Em suas palavras: “essa causa que se revela tão irreduzível (...) como a parte de nós mesmos, a parte de nossa carne que

⁹A noção de causa para Lacan advém a partir da estrutura da linguagem, em especial, na assunção da ideia do significante tocar o corpo. Dito de outra forma, Lacan ao elaborar a concepção de causa, partiu de uma posição de “fazer apreender o inconsciente, conceito freudiano” (LACAN, O *Seminário 11*, p. 26) – e apreendê-lo, a partir da noção de causa, não como lugar, superfície, entidade (“um dentro”), mas como efeito da linguagem; em particular, do significante (IBID, p. 26), o qual vem, em primeira instância, do Outro.

permanece necessariamente presa na máquina formal, sem o que o formalismo lógico, para nós, não seria absolutamente nada”. (LACAN, 1962-63, p.237). Como “máquina formal” podemos entender a mãe, ou mesmo, o desejo do Outro, fundamental a nossa existência.

Esse formalismo só faz nos exigir e nos dar os quadros de nosso pensamento e de nossa estética transcendental, captando-nos por algum lugar. Nós lhe damos não simplesmente a matéria, não apenas nosso ser de pensamento, mas também o pedaço carnal arrancado de nós mesmos. (...) É essa parte de nós que é aprisionada na máquina e fica irrecuperável para sempre. Objeto perdido nos diferentes níveis da experiência corporal em que se produz seu corte, é ela que constitui o suporte, o substrato autêntico, de toda e qualquer função de causa (LACAN, 1962-63, p. 237).

A partir da última parte do fragmento anterior podemos extrair a dimensão paradoxal intrínseca ao objeto *a*. É devido ao movimento do significante que se dirige ao corpo que algo se destaca desse corpo, ou seja, isso que cai, mas que fornece suporte e função a esse corpo, que passa a ser um corpo simbólico, atravessado pela linguagem, efeito de uma castração simbólica. Isso que cai, o objeto *a*, possui o estatuto de resto, algo da ordem do fragmentário, parcial, resto da operação de constituição de si, do sujeito, na operação de alienação-separação.

O paradoxal que está posto na lógica do objeto é que este algo extraído não é do sujeito e nem do Outro, fica numa espécie de uma zona entre, nessa tensão do sujeito e Outro, em que ao mesmo tempo em que a marca desse algo possibilita uma relação entre ambos, há uma não relação entre os dois. Essa operação propicia uma incompletude que funda o sujeito, como indeterminado, e que possibilita que surja a dimensão do desejo.

Como contribuiu Vieira: “O objeto *a*, por condensar o real como objeto, ainda que paradoxal, determina que ele não é, na experiência analítica, abstrato ou etéreo, mas sim corporal. Algo se encontra, diante de nós, *gegenstand*, mesmo se estranho ou indeterminado. (2013, p.1)

O paradoxal também se refere ao texto que está do lado do desejo do Outro, por exemplo, o que se fala da criança, ou mesmo, o que se faz com ela. Nesse texto está presente um ponto de incerteza, pois nunca se sabe exatamente o que fizeram e quiseram de nós. Por outra via, há o gozo, do lado da criança, que localiza uma certeza. Na clínica da histeria atual está em jogo essa dimensão paradoxal do objeto?

O objeto *a* se refere a um espaço, um modo de relação e que, pontualmente, pode ser encarnado por coisas do mundo (VIEIRA, 2009). Na análise se presentifica algo no “entre” analista e sujeito, objeto *a* transicional, que tem a ver com algo do analista e também do sujeito, que possibilita que a análise possua uma configuração que não é de intersubjetividade.

Posto isso, não há uma realidade em si já que esta é perdida ao se entrar no mundo, no discurso. Todavia o discurso, ou melhor, as palavras, não abarcam tudo. Há uma dimensão de gozo que não é representável, que não é capturado pelo significante ou pela estrutura da linguagem, entretanto, se circunscreve na dimensão da letra¹⁰, essa sempre singular, a qual deve visar o processo analítico. Entretanto, não é sem um discurso que o real pode se produzir; é nesse paradoxo que ele se circunscreve.

O real em uma análise nunca é puro, inefável. Mesmo quando se apresenta como fora do discurso, por ele está condicionado. Ele não é o real "em si", o indizível, mas o real emergindo em meio a cenas, lembranças, pensamentos, fantasias e deles relativamente indissociável. Em uma análise, como sintetiza Lacan, "isso fala" (VIEIRA, 2013, p.1).

Em relação ao paradoxo do objeto, Miller formalizou: “Isso é sem dúvida um paradoxo, mas que diz respeito ao fato dos objetos ditos *a* só possam afinarem-se com o sujeito do significante se perderem toda substancialidade, se estiverem centrados por um vazio que é a castração (2013, p. 4). Em outras palavras, enquanto os objetos são oral, anal, escópico, vocal e falo, os objetos situam-se em torno de um vazio e é nesta condição que diversamente o encarnam. Isto é, cada um desses objetos é especificado por certa matéria, consistência, mas é especificado por essa matéria na medida em que a esvazia (IBID, p.2).

Na clínica o material de trabalho é um real, não da essência, mas um real meio dentro do Eu, meio fora. Sobre esse ponto Miller aponta para o conceito de *extimidade*, como característico do objeto *a*. Essa formulação se aproxima com a ideia do êxtimo, que qualifica o objeto como externo e interno ao mesmo tempo. Nesse sentido não é possível apreendê-lo como unidade e, sobretudo, a *extimidade*, a partir da contingência, leva em conta o furo, que jamais pode ser recoberto, por nenhum objeto. É dessa forma que se apresenta para o sujeito a causa do desejo. Em relação à causa do desejo há sempre um abismo que o sujeito

¹⁰ Conceito proposto por Lacan que iremos nos referir mais adiante, sem nos aprofundarmos.

não pode reduzir, e que, no entanto, uma possível saída é tecer uma borda que contorna esse abismo, essa hiância.

Em suma, o objeto cuja extração é a matriz das relações primitivas, lugar de marcação, é o objeto *a*, que se aproxima da ideia de ser um complexo, nem da criança, nem da mãe. Como mencionamos, localiza-se em uma espécie de zona entre, mas que não é um meio termo.

Quando o sujeito se aproxima de algo que o fisga em seu corpo, o marca, nos aproximamos da dimensão do objeto *a*, que possui uma mesma função, com apresentações diferentes e típicas, como oral, anal, falo, voz e olhar. No entanto, é preciso considerar que são apresentações de objeto parciais e contingentes. Não são históricos ou necessários e nem cronológicos – assim não há a ideia de etapas de desenvolvimento, déficit em um determinado “estágio”.

Nesta dissertação fizemos um recorte em um ponto do objeto oral, já que são vários objetos, cada um com sua especificidade, e nosso intuito é de nos aproximarmos do particular do objeto oral, apostando que essa escolha poderá contribuir para a investigação de nossa hipótese neste trabalho.

2.8

Objeto oral, como resto

Partindo de uma escolha forçada de que na histeria o objeto oral ganha um relevo, aprofundaremos a seguir as atribuições desse tipo de objeto. Na lógica do objeto oral, de saída, a criança perde o seio e a mãe também. Isso é interessante problematizarmos: o seio não é da mãe, como há uma tendência a se pensar, ele está numa espécie de zona mediadora que faz consistir uma distância, ao mesmo tempo em que promove uma aproximação.

É claro que o seio se localiza organicamente no corpo da mãe, porém em termos de jogo pulsional, ele ultrapassa esse corpo orgânico, passando a ser um objeto que faz laço. Esse mesmo objeto, o seio, serve à mãe e à criança, o que podemos indagar é se se trata de um mesmo uso realizado por ambas.

Como ensinou Vieira há uma mediação produzida pelo objeto seio a qual não se caracteriza exercendo função de algo que faria com que duas partes entrassem em acordo. A ideia seria muito mais fazer consentir esse algo, nomeado

por Lacan, de objeto *a*, para que depois ele “desapareça”, do que uma negociação entre duas partes em que se alcança uma solução feliz. Trata-se, portanto de uma conjunção e disjunção de três elementos heterogêneos: mãe (Outro), criança, objeto *a* (VIEIRA, 2009).

A princípio só há o Outro, a criança como sujeito é produzida, a partir dos nomes, significantes que a mãe não pôde atribuir à criança. Podemos pensar que essa constituição da criança também leva em conta os nomes possíveis que são atribuídos, já que esses também são necessários para vivificar, dar um lugar, através do desejo da mãe, a um ser que a princípio possui pouco contorno a uma excitação pulsional.

De saída, a criança não escolhe os significantes que a representam, esses são ordenados pelo Outro. Porém é possível uma margem de manobra, um respiro, do lado da criança em um segundo tempo, seja por conta da recusa de alguns desses nomes ou mesmo da invenção dos próprios. Essa invenção não engendra uma liberdade, esta é suposta ou se ganha por acréscimo. A invenção está atrelada a responsabilidade de cada um com seus próprios ditos, mesmo na infância.

Ainda neste cenário, de forma um pouco esquemática, em um primeiro tempo, há um banho de palavras que a mãe dirige à criança, mas que não é possível a ela, subjetivá-las completamente, dar algum sentido a esse mar de gozo depositado. Permanece um resto sem sentido dessa experiência que não é nomeado. Apenas a posteriori, considerando que não é possível dizer tudo, em que se faz presente um ponto afônico, de impossível, ou seja, que só alguns nomes são dizíveis, a criança, então, pode se dar conta de que há uma parte dela que não é da mãe, há uma falta de saber na mãe e algo que falta na criança.

A mãe é aquela que dirige sua falta de saber ao pai, este também é atravessado pela falta de um saber todo, que limita sua explicação, inerente a própria linguagem. É justamente nessa falta que a criança passa a existir, o que é bem diferente de acreditar que ela já estava constituída desde quando saiu da barriga da mãe. É nesse ponto da falta que o objeto *a* está vestido mais como falo, significante da falta. Cada apresentação do objeto *a* segue uma espécie de mapa orientador, que exerce uma função operativa.

O mapa das atribuições do objeto oral propicia uma fusão, uma incorporação, ou mesmo uma recusa, muitas vezes a partir de uma disputa entre a criança e o Outro, por exemplo. Como destacou Lacan: “Venhamos à pulsão oral. O que é ela? Fala-se das fantasias de devoração, *se fazer papar*. (...) pois que nos referimos ao lactente e ao seio, e que o aleitamento, é a sucção, digamos que a pulsão oral, é *se fazer chupar*, é o vampiro (1964, p. 191). Com essa formulação, podemos pensar que o objeto seio se desloca da ideia de ser apenas da ordem do alimento.

Para além disso, postulou Lacan, que há algo singular no objeto seio que é “chapado”, que “chupa o organismo da mãe” (IBID, p.191). E com isso está indicada qual a reivindicação feita pelo sujeito de algo que está separado dele, ao mesmo tempo em que possui relação com ele, e uma demanda que se verifica nesse caso é a de se completar.

Na direção dessa concepção, a qual no objeto oral caminhamos para além da satisfação pela necessidade do alimento, Ansermet corrobora que qualquer objeto pode ser um objeto pulsional – já que este não é determinado – na medida em que mobiliza uma representação que estará associada a um estado somático, corporal. E o mercado vive da pulsão de cada corpo. (2010, p. 36).

Lacan, em *Nomes do Pai* pontua que a função do objeto oral só pode ser entendida se consideramos que o objeto que se separa do sujeito vislumbra um além, não no sentido de outro plano, algo que seria da ordem do mediúnico, entretanto um além do próprio sujeito, ao se referir à demanda ao Outro, ao se endereçar, na forma de apelo, ao desejo do Outro, neste caso, à mãe. Lacan ainda sublinhou

Esse ato em que a criança, de certa maneira espantada, vira a cabeça ao se afastar do seio, mostra que apenas aparentemente esse seio pertence à mãe. Fundamentalmente, ele pertence à criança. A referência biológica é aqui feita para nos instruir. Com efeito, o seio é parte do complexo nutricional, que se estrutura diferentemente em outras espécies animais. No caso, ele tem uma parte profunda e uma parte chapada no tórax da mãe (1963, p.66).

Em outras palavras, Lacan ensina que o erotismo oral está para além do ato de alimentação, embora como demarcou na passagem acima, o aspecto nutricional é considerado. No complexo mãe, bebê e seio há uma satisfação em jogo da ordem de um excesso, que aponta para um gozo que se produz, que escapa à

própria nutrição naquilo que tange o orgânico do corpo. Esse olhar da criança em direção à mãe retoma a noção do endereçamento ao Outro, é a partir dessa junção e depois separação que a criança passa a ser alguém.

Nesse jogo de linguagem e, em uma certa combinação dos objetos oral, anal, falo, olhar e voz, cada um com suas especificidades, a criança passa, em um segundo momento, a ser um sujeito, na medida em que é causada pelo desejo do Outro e precisa fazer algo com isso. “(...) o sujeito histórico se constitui quase que integralmente a partir do desejo do Outro” (LACAN, 1957-58, p.377).

É a partir da imersão na linguagem, da alienação do sujeito aos signos que vem do Outro, que o sujeito pode apresentar-se como dividido, o que dá legitimidade a instância do inconsciente que se apresenta, através dos equívocos, nos seres falantes. Lacan ressalta o lugar do Outro, fundamental nessa operação: “O que se produz da relação com o objeto mais primordial, o objeto materno, efetua-se desde logo com base em signos, com base no que poderíamos chamar, para dar uma imagem do que queremos dizer, de moeda do desejo do Outro” (IBID, p.263).

2.9

Retorno a Dora

A partir desses apontamentos a respeito do objeto *a*, quais são as vantagens para o caso Dora e, indo mais além, para a histeria?

Na histeria, de forma mais geral, não é incomum ao ocorrer alguma questão na vida, a histérica descarregar em uma parte do corpo um excesso pulsional que, por algum motivo, ficou sem lugar. Esse excesso de libido não é incorporado tanto pelo romance ou pelo próprio corpo; por outra via é no fragmento corporal – no que o corpo possui de parcial - que a libido se ancora. Isso tem tudo a ver com a noção de objeto *a*, como ensina Lacan, já que o objeto é sempre parcial e o seu estatuto não se constrói sem a presença de algum corpo. É algo no corpo (a marcação do significante) que traz sofrimento, também na histeria. Algo que está fora do possível sentido paterno. Como contribuiu Sotelo:

“A histeria sofre do corpo, mas do corpo atravessado pela palavra, isto é, pelo desejo e pelo gozo. A histeria coloca o corpo para falar em seus sintomas, na

paralisia das maravilhosas pacientes de Freud, ou nas nossas, porque não, maravilhosas anoréxicas também” (2007, p.136).

O objeto *a*, portanto, é uma forma de lidar com a histeria dando mais ênfase ao corpo, aos fragmentos corporais marcados.

A respeito do objeto *a* desdobremos a pergunta de Laurent: “qual é o objeto – oral, anal, escópico ou invocatório – em jogo na fantasia que lhe proporciona gozo?” (1997 p.38). Na histeria, conforme desenvolvido anteriormente, parece que é o objeto oral, prioritariamente, por onde o gozo circula. Não que os outros objetos não estejam em questão, porém nesta pesquisa apostamos em um recorte no objeto oral.

Isso posto, temos a impressão que pesquisar sobre o objeto *a* e as contribuições de Lacan advindas daí, assim como de outros contemporâneos lacanianos, nos ajuda a revelar o que estava em jogo na satisfação de Dora, indo mais além na histeria, que não se esgota naquilo que é conhecido do âmbito familiar.

De saída, quanto a Dora podemos dizer que ela se dirige a Sra. K. pois há algo nela que a fisga, esse algo nada mais é que um ponto de gozo, ligado ao impossível, que se circunscreve no corpo da Sra. K. e com o qual o pai de Dora não maneja com facilidade.

Uma das viradas de Lacan foi destacar esse gozo, separando-o um pouco das pessoas na cena e nomeando-o de objeto *a*, para apontar justamente que é um gozo resto. Esse gozo resto possui uma dimensão mais articulável com o Outro e outra nem tanto.

Nessa segunda faceta, mais singular, esse gozo resto se apresenta na oralidade de Dora, como exemplo, no próprio ato de chupar. Dessa maneira, há um ponto de gozo mais opaco no próprio fragmento do corpo de Dora, não só em Dora, mas na histeria, onde há claramente uma satisfação pulsional que encontra no fragmento do corpo, que pode ser o polegar ou não, um apoio. Sobre isso na histeria não se costuma querer saber muito, pois justamente o encontro direto com esse algo produz uma estranheza, ao mesmo tempo que porta algo familiar. É dessa forma que nos aproximamos do tão discutido objeto *a*.

Esse objeto, se apresentando como resto, através da oralidade de Dora demonstra que é possível uma satisfação pulsional menos remetida ao pai, se

apoiando menos no enredo familiar, o que pode por acréscimo nos ajudar a pensar em alguns casos clínicos atuais. Dora é exemplar para ilustrar também essa satisfação que se produz no fragmento do corpo, no ato de chupar o dedo, por exemplo, evidenciando assim o pedaço do corpo como objeto de satisfação.

É possível que esse gozo resto, objeto *a*, seja todo ele separado do pai e da mulher que o encarna em alguma medida? Em outras palavras, o objeto *a* é um jeito de pensar esse gozo excedente sem passar muito pelo pai, nesse sentido o objeto *a* já está mais “solto” em relação à novela familiar.

Nossa questão promove um passo a mais: esse resto ainda possui serventia hoje? Antes disso, é possível que esse gozo não passe nada pelo pai? Se for seria interessante para hoje em dia em que a figura do pai não é mais tão operativa no sentido de regular o gozo. É possível pensar em objeto *a* sem nenhuma relação com a ordem fálica? Talvez. Nesse sentido o pai viria em um segundo tempo como figura organizadora desse gozo. Antes de entrarmos nas questões que os tempos atuais nos colocam, por exemplo, se é possível prescindir do resto ou não, vale destacar com maior delicadeza algumas formulações em torno do conceito de resto.

3

A dimensão de impossível do objeto e a anorexia

3.1

Um recorte da psiquiatria sobre a anorexia

De saída, afirmamos que a anorexia é um quadro clínico investigado por diversos campos do saber e em cada um encontramos definições diferentes – algumas se aproximam e outras nem tanto. Essas nuances implicam manejos clínicos distintos no que diz respeito ao tratamento dos indivíduos anoréxicos.

Não é de hoje que a anorexia é investigada como um objeto de estudo. A denominação mais específica “Anorexia Nervosa” surgiu com Willian Gull a partir de 1873, referindo-se à “forma peculiar de doença que afeta principalmente mulheres jovens e caracteriza-se por emagrecimento extremo cuja ‘falta de apetite é decorrente de um estado mental mórbido e não a qualquer disfunção gástrica” (CORDÁS & CLAUDINO, 2002).

Já na visão da Classificação Internacional das Doenças (CID-10), manual que muitos psiquiatras seguem em seus trabalhos clínicos, nos deparamos com outra definição:

Anorexia nervosa é um transtorno caracterizado por perda de peso intencional, induzida e mantida pelo paciente. O transtorno ocorre comumente numa mulher adolescente ou jovem, como numa criança próxima à puberdade ou numa mulher de mais idade até na menopausa. A doença está associada a uma psicopatologia específica, compreendendo um medo de engordar e de ter uma silhueta arredondada, intrusão persistente de uma ideia supervalorizada. Os pacientes se impõem a si mesmos um baixo peso. Existe comumente desnutrição de grau visível que se acompanha de modificações endócrinas e metabólicas secundárias e de perturbações das funções fisiológicas (CID 10, 1992).

Nesse viés há uma ênfase especial em relação a uma internalização de uma “ideia supervalorizada”, que em tese viria de fora, do meio. Além disso, podemos ler que a psicopatologia gira também em torno do “medo de engordar”.

Além disso, levando em conta a classificação proposta pelo *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-IV)*, percebemos quatro importantes características no que concerne ao diagnóstico de anorexia nervosa.

Destacamos três delas: recusa a manter o peso corporal igual ou acima do mínimo normal, de acordo com a idade e o tamanho; medo intenso de ganhar peso ou tornar-se obeso, apesar do peso estar abaixo do normal; alteração significativa da percepção do peso ou forma do corpo (DSM IV, 2013).

Nesta perspectiva há um enfoque especial em relação à percepção supostamente inadequada da anoréxica quanto ao seu peso. Em outras palavras, é como se na realidade houvesse uma imagem real objetivamente percebida por todos e a anoréxica seria aquela que não partilha dessa percepção objetiva. Isto é, haveria um erro na sua forma de ler o fato que se apresenta. A questão não é que a anoréxica não percebe que está magra, ao contrário, indo mais além, é a sua interpretação que coloca em cheque o peso, o corpo. Ela vê que está magra, todavia, ela acha que isso é estar gorda. Assim, o que define é a sua análise interpretativa do fato; e a interpretação pode ser delirante, ou por outro lado, neurótica. Enfim, existem nuances a respeito do que seria uma interpretação e não é nosso objetivo aprofundar esse ponto nesta dissertação. Aqui podemos entender a interpretação como julgamento (EY, et al., s.d.).

Podemos dizer que certa visão psiquiátrica é de alguma forma reducionista, pois economiza a discussão em relação à interpretação ou à variação subjetiva que está atrelada à imagem que cada um possui de si, o que produz implicações, já que problematiza a própria noção de imagem. Afinal, o que é se sentir gordo? O que é se sentir magro? Tratam-se de definições inexatas, só podendo serem aproximadas pelo próprio indivíduo. Existe, nesse contexto, um fator subjetivo que é preciso considerar e que a psiquiatria das classificações costuma deixar de fora.

3.2

Sobre a anorexia do lado da psicanálise

Na concepção da psicanálise há inúmeros autores que trabalharam com a temática da anorexia. Nosso referencial é o ensino de Lacan e buscaremos circunscrever o que seria uma abordagem lacaniana da anorexia. Antes de discutirmos a visão lacaniana sobre a anorexia é importante destacarmos, sem nos aprofundar, algumas visões distintas da lacaniana.

Abraham e Melanie Klein, por exemplo, trouxeram contribuições importantes ao entendimento da anorexia. Os dois primeiros analistas orientaram seus trabalhos em direção às fases pré-genitais do desenvolvimento (BIDAUD, 1998).

Na visão de Abraham o “sentir-se gorda” é frequentemente associado a sentir-se mal. As pacientes com anorexia parecem não conseguir distinguir entre sentir-se gorda e ser-se gorda. Alguns especialistas defendem que a distorção da imagem corporal é uma característica específica da anorexia nervosa (Abraham, 2010). Nesse sentido, quando Abraham delimita uma diferença entre “sentir-se gorda” e de fato “ser-se gorda” ele também coloca a problemática da anorexia na esfera de um desajuste com a imagem corporal.

Já a partir da visão de Lemos (2005) “Tanto a anoréxica como a bulímica revelam o fracasso da elaboração psíquica, o mesmo que marca a passagem ao ato, ao real do corpo. O ato se refere, aqui, como recusa da feminilidade, numa promessa de sofrimento e gozo”. Ainda nessa linha, para André: A puberdade remete a adolescente ao sexo furo, ao vazio interno, ao dentro sem limites, que a representação da vagina tem bastante dificuldade em circunscrever. À angústia que acompanha essas representações, a bulímica responde com o ato de encher, e a anoréxica, com o de fechar todas as saídas (...) (1996, p.140). Podemos dizer que para estes pós-freudianos o que está em jogo na anorexia é uma recusa a algo da feminilidade. Veremos que Lacan propõe algo distinto.

No caso da Anorexia Nervosa, Brusset (1999) confirma as postulações do psicanalista Eric Bidaud (1998) de que essas pacientes, “intocadas pelo desejo do pai”, permaneceram aprisionadas e dominadas pela sedução materna. E, na adolescência, quando há uma convocação à ressignificação das escolhas objetais, a conflitiva se impõe e esse fracasso abre espaço para a instalação de um transtorno da ordem da anorexia. (BRUSSET, 1999). Nesse sentido, para essa visão, há uma articulação cara da anorexia com o feminino.

Como podemos ver a noção de que havia algo nessas pacientes que se referia ao gozo “intocado” pelo desejo do pai não é novo, Bidaud já tinha trabalhado essa questão. A novidade lacaniana nos permite outro passo.

A abordagem de Lacan inaugura a noção de *comer o nada*. Apoiado pelo conceito de objeto *a*, Lacan se aproxima do que seria o *nada* e o que pode a

anoréxica apreender desse *nada*. Essa noção será desdobrada com detalhes mais adiante.

Em relação ao ponto de vista da psicanálise sob abordagem lacaniana a questão da anorexia se distingue da abordagem psiquiátrica e da psicanalítica em geral, em alguns aspectos. No olhar lacaniano a imagem corporal é efeito de um trabalho subjetivo que passa necessariamente por um Outro (LACAN, 1998). Desta forma, a imagem que o sujeito possui de si é incorporada, ou melhor, construída. E não algo que possui uma essência em si, externa ao indivíduo.

A abordagem lacaniana não considera existir um ego padrão e os que não o seguem seriam desviantes. Por outro lado, o que é caro à visão lacaniana é que cada um possui seu próprio ego, no sentido tanto de portar uma singularidade que habita o ego ao mesmo tempo em que escapa a ele, como também da responsabilidade que essa construção subjetiva nos coloca.

Sobre o que escapa ao ego, é justamente nesse ponto que podemos pensar que o ego engana. Porta algo de uma vacilação, considerando que há algo de um trabalho construído, incluindo assim uma artificialidade em relação à imagem que se tem de si. É importante lembrarmos aqui a formulação lacaniana de que o ego possui essa função enganadora, uma estrutura de desconhecimento.

É a partir da função imaginária que podemos conceber e explicar o que é o ego na análise. (...) O ego aí se manifesta como defesa, recusa. Aí está inscrita toda a história das oposições sucessivas que o sujeito manifestou à integração daquilo a que se chamará em seguida na teoria, em seguida somente, suas pulsões as mais profundas e as mais desconhecidas. Em outros termos, nesses momentos de resistência, tão bem indicados por Freud, apreendemos aquilo através de que o movimento mesmo da experiência analítica isola a função fundamental do ego, o desconhecimento (LACAN, 1975, p.67).

3.3

A anorexia do ponto de vista lacaniano e o objeto nada

Como vimos com Lacan no capítulo anterior, em relação ao objeto oral, o seio é “chapado”, “chupa o organismo da mãe” (LACAN, 1964, p.191). Com isso está indicada qual a reivindicação feita pelo sujeito de algo que está separado dele, ao mesmo tempo em que possui relação com ele, e uma demanda que se verifica nesse caso é a de se completar.

Dessa forma, não apenas na gramática oral, mas do objeto *a*, há um ponto de ausência produzido que se refere a uma não relação do sujeito com o Outro. Em outras palavras, essa ausência se refere a um ponto no eixo corporal que escapa ao próprio indivíduo, se refere a um pedaço do corpo que caiu da cena. Esse pedaço é recortado a partir do encontro do sujeito com o Outro.

Podemos acrescentar, como já dito anteriormente, que há na dinâmica do objeto oral uma satisfação para além do alimento em si. Quando o indivíduo se alimenta, ele além de incorporar o alimento, incorpora simultaneamente um “a mais” pulsional. Esse “a mais” pulsional que o objeto oral apresenta não é algo concreto e será um fio chave pra discutirmos em seguida o estatuto do objeto nada na anorexia.

Dito de outra forma, sobre essa leitura do objeto oral, o alimento costuma ser um dificultador, já que há esse excesso pulsional que não se satisfaz, ou melhor como mencionamos, que não se esgota com a satisfação da necessidade do alimento. O próprio ato ou circuito pulsional de ingerir ou recusar, o que pode ser o alimento, mas não apenas, já circunscreve um gozo que se distingue da satisfação de uma necessidade alimentar.

Na concepção freudiana o instinto, que se relaciona com a satisfação da necessidade, se apoia na pulsão. Nos termos de Freud: “No chuchar ou sugar com deleite [da criança] já podemos observar as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta nasce apoiando-se numas das funções somáticas vitais, ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo auto erótica, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma zona erógena (...)” (1905, p.172).

Dessa forma, há uma satisfação da pulsão que faz um uso do organismo, mas está para além dele. Ambas noções estão atreladas e não se trata de uma satisfação se opor a outra. Indo mais além, o que podemos dizer, em relação à pulsão, a partir também da ideia de zona erógena já comentada, é que está em jogo na pulsão uma satisfação parcial.

Sobre a zona erógena, tomando como base o texto de Freud: *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905a), precisou Vilanova:

Freud nos apresenta em seu texto um corpo fragmentado, destacando em sua superfície zonas particulares afeitas a estas manifestações estranhas às funções orgânicas previstas, mas que nelas se apoiam. Com destaque, desde suas primeiras formulações sobre o tema, sobre a experiência de prazer que o bebê

experimenta ao sugar a chupeta, neste texto encontramos um retrato da articulação íntima da satisfação como um certo modo de conceber aquilo que se registra a partir da própria experiência e que estaria na determinação dessas áreas privilegiadas do corpo (2013, p. 70-80).

Nesse cenário, o objeto *a*, conceito lacaniano, possui duplo aspecto: presença e ausência. O que não deixa de ser próximo da ideia de um resto, já que o objeto *a* é resto de uma operação, como trabalhamos anteriormente, a da alienação e separação. Nessa linha, podemos dizer que o resto possui a atribuição de ser algo ao mesmo tempo em que não é.¹¹ Essa dobradiça é complexa. A faceta de presença do objeto *a*, que se refere a uma parcela de gozo que invade a cena e toca cada ser falante em seu corpo. Já a ausência se refere a uma falta e com a aposta que o Outro poderia explicar sobre o sintoma.

Trata-se, portanto, de um objeto ao qual não se tem um acesso direto, mas como demonstra Lacan (1962-63), a partir de suas elaborações em torno da angústia, este objeto se revela não por se dar a ver, mas pelos efeitos que sua aparição produz. O afeto da angústia atesta, portanto, com seu caráter eminentemente corporal, a manifestação da presença do objeto, onde deveria faltar, evidenciando o que do corpo não se encontra sob os contornos da forma (VILANOVA, 2013, p.90).

Em relação a “contornos da forma” podemos entender por orientação fálica, que daria um sentido, a forma ao corpo. Entretanto a presença do objeto traz à cena um gozo impossível de ser apreendido por uma forma. O objeto *a* é efeito do encontro do vivente com a linguagem, mas com aquilo que a linguagem não comporta e que desenha um furo, um furo lógico, que ressoa no corpo, como testemunha o sujeito (VILANOVA, 2013, p.90).

A nossa aposta é que o sintoma anoréxico poderá nos ajudar a esclarecer um pouco mais esse aspecto de um núcleo pulsional sem sentido, o qual a anoréxica faz um uso particular.

Pois bem, dito isso, Lacan introduziu algo novo: acrescentou que na anorexia é o aspecto pulsional que está em primeiro plano, pois o alimento é retirado de cena. Nesse sentido, para essa operação Lacan ensinou que trata-se, para a anoréxica, de *comer o nada*. Foi através do quadro clínico da anorexia que

¹¹ Vieira relembra a importância da noção de vazio como fundamental na gramática do objeto oral. O objeto oral seria oficialmente o alimento, mas o que insiste na satisfação, que é não toda, é um vazio, que fez com que Lacan nomeasse o objeto oral por excelência, como o nada. Se ele existisse como tal, e é a anoréxica que se aproxima mais dele. (2009, p.2)

Lacan indicou mais claramente que esse objeto é por excelência nada (2013), que está para além de um valor nutricional que a comida carrega.

Sobre a noção do nada, inaugurou Lacan:

Já lhes disse que a anorexia mental não é um não comer, mas um comer nada. Insisto: isso quer dizer comer nada. Nada, isso é justamente algo que existe no plano simbólico. (...) O que está em questão neste detalhe é que a criança come nada, o que é diferente de uma negação da atividade. (1957, p.188).

Para entendermos essa questão temos que ter em mente a sutil diferença entre o objeto oral, exposto acima, e o objeto nada antes de nos debruçarmos na relevante passagem de Lacan sobre o nada na anorexia.

Na concepção de Cosenza: “(...) Mas é um fato que Lacan distingue o objeto nada e o objeto oral. O nada de Lacan é mais bem um objeto *sui generis* que gravita no corpo pulsional e que paralisa as zonas erógenas, especialmente a zona oral, é certo, mas devido ao que se introduz na raiz do funcionamento da pulsão mesma”. (2013, p. 94). Dessa maneira, não há apenas uma zona erótica que o objeto nada se dedica, ele possui a particularidade de circular o corpo e adormecer, se é que podemos dizer dessa maneira, a parcialidade do movimento pulsional.

Partindo dessa citação, Cosenza comenta que trata-se de uma positividade na posição anoréxica em que rechaçando a comida a anorexia possui uma experiência de um gozo sem escanções. O objeto nada prescinde de um objeto concreto, por exemplo, a comida. A condição de anoréxica exige um trabalho incessante com o corpo. Para que esse tipo de gozo – sem intervalo - se mantenha convém à anoréxica manter um afastamento do Outro, já que não é novidade que se o Outro se aproxima inicia-se uma dialética e o gozo que se tende a experimentar é um gozo com perdas. (COSENZA, 2014). Dessa forma, se apostaria em um gozo parcial, levando em conta a dimensão da perda.

Sobre a experiência da anorexia com o gozo podemos ressaltar:

A dimensão que a experiência com esses casos refratários à abordagem do sintoma como mensagem vem revelar não está dada por este ou aquele objeto, mas pela necessária retomada da interrogação sobre a libido. (...) Isto que se apresenta nos termos de uma fixação de gozo, mas absolutamente fora de qualquer regulação, não nos pede nada, e coloca questões fundamentais sobre a ética que nos orienta (VILANOVA, 2013, p.108).

Sobre essa posição anoréxica de *comer o nada* podemos pensar que está em jogo uma posição subjetiva em que o único parceiro admitido é a própria imagem especular. Imagem na qual o sujeito nunca se reconhece inteiramente, há sempre algum equívoco. Nessa imagem há tanta libido na cena, que ocupa um lugar, a função, de parceiro. Com isso, é possível dizer que diante de tal parceria com a libido não “sobra espaço” para que uma parceria com o Outro, para além da imagem corporal, seja sustentada pela anoréxica.

Podemos assumir que a recusa da anoréxica frente à comida – que está atrelada ao *comer o nada* – e de alguma maneira uma recusa em receber algo do Outro - possui algo de constituinte. “Essa forma de o sujeito colocar-se diante do Outro, vale dizer, o estabelecimento de uma defasagem entre o que se obtém e o que se deseja possui algo de estrutural, sendo constitutivo do sujeito” (BASTOS & SILVA, 2006). A questão maior seria a radicalidade desse processo em que há nesse ponto uma cristalização do sintoma anoréxico que beira uma mortificação radical do organismo.

Sobre aquela importante citação de Lacan sobre o *comer o nada*, gostaríamos de ressaltar o comentário de Eidelberg: “O comer nada anoréxico deve ser distinguido da mera perda de apetite e da mera conduta oposicionista de ingerir alimentos. Lacan se remete à infância para falar dessa modalidade anoréxica, em distintos momentos e com diferentes aspectos: em sua articulação com o desejo, com o amor e com o gozo” (2009, p. 107). A anoréxica rechaça o alimento dado pela mãe, que obtura a falta, para dar lugar ao desejo. “Comer nada para defender o desejo” (IBID, p. 107).

Lacan apontou com essa proposição sobre o nada que há uma radicalidade na anorexia: a anoréxica come nada. Tal colocação aponta para um movimento, uma atividade, que é diferente do negativo de um comer. O nada é ambíguo na medida em que ao mesmo tempo que é nada, não podemos dizer que é um vazio total, pois de alguma maneira presentifica um condensado de gozo. É nesse próprio paradoxo que o nada se circunscreve. Para entendermos melhor essa dificuldade seguiremos com a anorexia orientados pela visão lacaniana.

Sobre o nada, a ideia é próxima do objeto *a*, é um operador, só que se apresentando como um vazio. Forçando um pouco, a anorexia incorpora uma parte de ar, que nada mais é que um vazio. Paradoxalmente, ela obtém uma

satisfação a partir do não comer e o que está em jogo aqui é o objeto *a* e, de alguma maneira, o Outro, está implicada, pois é justamente com a sua presença que o jogo comer e não comer se circunscribe.

Esse gozo retorna como resto que pode ser negatizado, ou mesmo “coisificado”, pela anoréxica. Porém, para além do que fazer com isso, com o destino, vale lembrar que o importante é que se trata do objeto *a* e, dessa forma, possui alguma relação com o Outro. Portanto, podemos dizer que é possível o objeto *a* se apresentar sem estar combinado com o falo? Aprofundaremos esse ponto mais abaixo.

Ainda sobre o nada, como debatemos, Lacan ao falar sobre a anorexia nomeou em alguma medida o objeto oral como nada e é o resto como nada que define a anorexia. Nesse contexto, a anoréxica revela o objeto na sua faceta de nada, ou seja, ao tentar se apropriar desse nada, de algo da ordem do impossível.

Nesse cenário vale destacar uma ponte entre a anorexia e a histeria na medida em que o objeto transformado em nada está próximo a uma zona cega, em que a instância paterna não possui uma ingerência total. Essa zona cega se aproxima de algo ligado ao impossível, que já comentamos quando falamos da feminilidade.

Nesse viés de um cotejamento da histeria com a anorexia também podemos fazer referência ao oral. É com a oralidade, também presente na histeria, que a anoréxica tenta incorporar o pulsional do objeto. Aliás, todo objeto *a*, no sentido de suas diversas apresentações, carrega algo do nada. O obscuro do nada, que porta algo do impossível, mais evidente na anorexia, é o que talvez construa a relação entre o objeto resto e a feminilidade.

A apresentação do objeto oral possui, portanto, a especificidade de poder ser negatizado e ser pensado, ao invés de um resto negativo, um positivo, como vimos com Lacan, quanto à anorexia, como o nada – um aglomerado de gozo, um excesso, circunscrito como vazio.

Podemos dizer que a cada comida que se come, também é ingerido uma parcela de algo pulsional, e esse algo incorporado produz satisfação. Essa satisfação porta a dimensão do sem sentido, já que a satisfação está para além da necessidade. Um sentimento que se tem quando se come uma determinada comida não é exatamente a comida, tem a ver com isso que chamamos de um núcleo

pulsional, que é nesse caso indissociável do alimento. Trata-se de um nada que em si não tem existência, mas é um excesso. O que não deixa de ser um paradoxo. A manobra da anoréxica é transformar esse núcleo pulsional em objeto, o qual para ilustrar Lacan nomeou de nada.

3.4

O objeto nada: uma vinheta clínica

Para debatermos de certa maneira o que está em jogo na anorexia torna-se relevante visitarmos o paciente do analista Ernst Kris. Kris foi um analista que foi membro da Sociedade Psicanalítica de Viena e trabalhou como professor do Instituto de Psicanálise de Viena. Além disso, foi cofundador e coeditor da revista *The Psychoanalytic Study of the Child* e junto a Anna Freud e Marie Bonaparte editou a primeira edição das cartas de Freud a Wilhelm Fliess. Como tentativa de elucidar o que seria o objeto nada Lacan se serviu das contribuições de Ernst Kris em ao menos na obra *Em A Direção do Tratamento* (1958).

Lacan comenta a respeito desse caso trabalhado pelo autor Ernest Kris, que foi retomado por Melitta Schmideberg. Resumidamente o conflito subjetivo desse sujeito era que se tratava de um sujeito inibido em sua vida intelectual e particularmente incapaz de conseguir publicar suas pesquisas – por conta de um impulso de plagiar do qual ele não parecia capaz de apossar-se. Para além do paciente ser plagiário ou não, Lacan destaca uma cena importante do movimento do paciente que vem a somar com a nossa discussão: o paciente diz que “há algum tempo, ao sair da sessão, vagueia por uma rua repleta de restaurantezinhos atraentes, para cobiçar em seus cardápios o anúncio de seu prato predileto: miolos frescos” (1958, p. 605).

Sobre o plágio, Lacan acrescenta que a questão não era o paciente roubar ou não, era que ele roubava o nada, comia o nada, precisava comer algo. Conforme elucidou Lacan: “Não era o fato de seu paciente não roubar que importa aqui. É que ele não... Sem “não”: é que ele rouba *nada*” (IBID, p. 606). Neste caso, não é a defesa do paciente contra a ideia de roubar que o faz acreditar que roubava.

Mais importante do que roubar ou plagiar, Lacan comenta que esse próprio relato do paciente, para além do conteúdo, possui um valor de *acting out*. Ou seja, tratava-se de um ato em que o paciente demonstra que queria comer o cérebro do Outro, no caso era o pai que encarnava esse Outro. Com isso, Lacan quis dizer que essa presença da ingestão dos miolos frescos aponta, em uma situação externa à análise já que isso se realiza fora da análise, a algo que está em acontecimento na análise. Posto isso, os miolos frescos seriam o representante das ideias que ele estava comendo fora da análise, entretanto que o paciente conta na análise.

O *acting out* explica a ingestão das ideias, que por excelência, são vazias. As ideias possuem a atribuição de serem em si nada. Em outras palavras, os miolos frescos são objeto *a*, já que ao mesmo tempo em que eles são alguma coisa, eles possuem função de ir além de serem algo, já que incluem um fora do sentido, vazio de significação.

Utilizamos esse exemplo do paciente dos miolos frescos para ilustrar a posição anoréxica em relação à gramática erótica oral: de dispensar os miolos em si e ficar apenas com o vazio dos miolos, ela não precisa mais comer os miolos. Para finalizar, o *acting out* demonstra bem o objeto oral, que como vimos é para além da comida, e estava nesse exemplo clínico no centro da questão. O objeto oral nada mais é, nesse exemplo, que os miolos frescos. Lacan aponta com a ilustração desse caso, dando destaque ao objeto oral, que a questão era comer a ideia do Outro, onde há uma dinâmica erótica em jogo. E não ao contrário em que supostamente haveria um pensar nas ideias ou mesmo uma questão de rivalidade fálica do paciente com o pai.

A própria noção de ideia, de uma maneira geral, é inconsistente, dessa forma, também é uma espécie de nada – fazendo um paralelo com a anorexia –, difícil de definir e se enredar nela não toca na real questão, já que a ideia, além de abstrata, passa sempre pelos outros de alguma maneira, já que a palavra, com exceção do neologismo, nunca é inédita já que já foi falada por outros, pois vivemos no Outro. Se há algo de único é o modo de manusear a palavra e, conseqüentemente, as ideias. Porém Kris, ao pensar a posição do seu paciente e guiar o tratamento, se atém à ideia de uma verdade: que ele não era plagiário. E isso, na verdade, era secundário a partir do recorte que fizemos do objeto oral (KRIS, E.,1997).

Naveau destaca sobre a posição do analista no caso: “A interpretação de Kris é a seguinte: o paciente se defende de roubar as ideias dos outros acusando-se de querer roubá-las deles. De fato, ele não rouba. Ele se acusa, então, de querer roubar, a fim de se impedir de roubar”. (2014, p.1). O que está em jogo aqui para Kris é roubar ou não roubar as ideias, tomar do outro ou não tomar, uma rivalidade, então, se apresenta.

Vimos, entretanto, que não é essa a questão, que pinçou Lacan. Sobre esse ponto, é o que chama, como elucidou Lacan: “analisar a defesa antes da pulsão que, aqui, se manifesta na atração pelas ideias dos outros” (1958, p.599). É a pulsão oral que é a mais importante e nesse caso aparece vestida pelo roubo das ideias dos outros, mas poderia estar associada à outra vestimenta imaginária.

O nada se relaciona às ideias, que por excelência, são sem consistência, vazias. O comer as ideias, o vazio, coloca em relevo o objeto oral, que possui um sem sentido. Os miolos frescos são aqui um exemplo preciso. Conforme advertiu Lacan o próprio pai do paciente já não dispunha das ideias e, dessa forma, havia esse traço comum do paciente com o pai, que faz com que o pai esteja vivo de alguma forma, alguma articulação com o pai é feita através desse ponto. O mais relevante é o pulsional que está em jogo no objeto oral que é ilustrado pelo empuxo à ingestão dos miolos frescos.

Ainda sobre esse caso, é importante destacar: “Kris lhe diz que lera seu texto: ele era original e os outros é que o copiavam. O sujeito não pode contestá-lo, mas, diz Lacan, ele se “lixar” para interpretação de Kris. Ao sair da sessão, vai comer miolos frescos. Assim, acentua Lacan, ele ensina a reconhecer um *acting-out*, ou o que ele designa como pequeno *a* ou a libra de carne” (MOTTA, 2005, p.5). Ele faz, em ato, dos miolos frescos o próprio objeto *a*, marcando que precisa comer algo e, assim, a oralidade está em destaque.

Como vemos esta dissertação possui uma relevância porque articula oralidade ao objeto *a*, ao nada, ao falo e ao pós-moderno. Dessa forma, permanecemos no âmbito da oralidade. Essa cena dos miolos nos parece ser a questão central no caso, para além de quem seria mesmo o dono da ideia.

Lacan enfatiza que o paciente apresenta sua “fantasia de comestível” (1958, p.607). Quanto a essa formulação podemos dizer que tem tudo a ver com a

cobiça do paciente nos cardápios em busca dos “miolos frescos”. Em relação ao diagnóstico, Lacan diz tratar-se nesse caso de uma anorexia mental.

Destacou Lacan: “Anorexia, no caso, quanto ao mental, quanto ao desejo do qual vive a ideia, o que nos leva ao escorbuto que impera na jangada em que a embarco junto com as virgens magras” (IBID, p. 607). Virgem magra aqui parece-nos uma referência a recusa da feminilidade como interpretação da anorexia bastante difundida no meio da anorexia na época de Lacan. Como vimos, porém, Lacan dá ênfase menos à recusa da feminilidade e mais no desejo por este gozo fora do sentido que Lacan nomeia como *comer o nada*.

Sobre a recusa da anorexia, Lacan corrobora: “A recusa delas, simbolicamente motivada, parece-me ter muita relação com a aversão do paciente por aquilo que ele cogita. Ter ideias era um recurso de que já o papai dele (...) não dispunha” (IBID, p. 607).

Para além de pensar o que o pai do paciente anoréxico realmente dispunha, algo que nos é inacessível e irrelevante, o mais importante é pensar que não faz muito sentido supor algo, alguma ideia, em relação ao pai. Nesse sentido, o que parece é que a dimensão do desejo, que implica necessariamente uma distância do que é almejado, permanece tamponada.

Dito de outro modo, para além da estrutura clínica do paciente, o que ele faz é comer algo que é um nada, pode até ser um cérebro: *os miolos frescos*. Como seria isso de negativar, ou não, os miolos frescos? Para isso visitaremos mais abaixo outro fragmento clínico de anorexia atendido em uma instituição para tentarmos aprofundar essa perspectiva do nada que está em jogo na posição anoréxica.

3.5

Outro (edípico): um curto-circuito?

A posição da anoréxica que muitas vezes gira em torno da questão se irá comer ou não é um movimento de gozo constante nesse quadro clínico, a qual absorve e obtura a sua subjetividade. É esse gozo em torno do comer ou não comer que a toma em seu corpo e faz com que suas necessidades vitais, importantes para sua sobrevivência, caiam em “esquecimento” por ela. Nessa via,

a anoréxica apreende um gozo que extrai desse jogo do comer e não comer, prescindindo da comida, que é o objeto, concreto, da necessidade.

Nessa linha a anoréxica incorpora apenas o lado pulsional do objeto, que é vazio, onde não é possível apreendê-lo em si mesmo. A comida fica fora de cena, entretanto o objeto oral não. Ao contrário, nesse contexto está em um lugar de destaque.

Veremos que esse movimento que a anorexia imprime a afasta do Outro, faz um curto-circuito no Outro. Isto porque a anorexia fica capturada pela satisfação pulsional em jogo na relação com o objeto oral e não se ocupa do alimento, do objeto de demanda que está ligado ao Outro. Já que é o Outro quem oferece a comida.

Indo além a anoréxica prescinde não do Outro de maneira mais geral, e sim daquela pessoa que responde à demanda, o Outro da demanda. Esse Outro é aquele que deseja alimentar outro ser, que quer cuidá-lo. Esse Outro pode ser nomeado de Outro edípico na medida em que ele quer algo do sujeito, deseja um mais além da comida em si, há uma expectativa em cena, uma demanda de amor, de um Outro “neurótico”.

Portanto, o Outro da demanda é sempre o Outro do desejo em alguma medida também. E, como dito acima, o Outro do desejo, esse que deposita algo a mais no sujeito é o Outro edípico. Na gramática pulsional da anoréxica é esse Outro, do enredo familiar – outro nome para Outro edípico - que é curto-circuitado, pois ela tenta prescindir desse Outro.

Uma possível consequência a esse movimento é que do lado do Outro se produz uma angústia e com a angústia o Outro se dirige à anoréxica, se ocupando ainda mais dela, fazendo dela objeto causa de desejo onde a anoréxica é tomada como falo. Ponto esse que iremos retomar mais adiante.

É interessante retomarmos nesse momento uma formulação lacaniana sobre o Outro primordial e a articulação com a anorexia. Ensinou Lacan que na anorexia: “O Outro primordial confunde seus cuidados com o dom de seu amor” (1958, p.634). Dessa maneira, há uma conjugação quanto aos cuidados do Outro no que se refere ao ato de alimentar com um quantitativo de libido que o Outro também transmite ao cuidar.

Digamos que existe algo no ato do Outro que está associado à dimensão da demanda que gira em torno do alimento, por assim dizer, dar ou não dar a comida. Quando o sujeito se relaciona com o alimento, por exemplo, também está se relacionando com o Outro em alguma medida, já que é alguém que encarna essa função de não só dar a comida, como de cuidar. Nesse sentido quando o sujeito come há uma dupla satisfação em jogo: a do próprio sujeito e também a de quem se ocupou em cuidar, por exemplo, a mãe (BASTOS & PENCAK, 2009, p. 348).

Podemos dizer, de outra forma, que nessa conjuntura há também a dimensão de uma quota libidinal nesse jogo de relação com o Outro que não é nomeada. Seria um vazio no sentido que se presentifica na cena, se transmite, mas escapa aquilo que o Outro pede ou mesmo ao que o sujeito demanda. Esse algo a mais de libido é fundamental no sentido de propiciar um desencaixe estrutural que se aproxima da dimensão do desejo e está para além do que se demanda.

A anorexia, nessa via, está mais próxima do desejo no sentido do pulsional do que da demanda que o Outro lhe fez ou da necessidade orgânica do comer. Até mesmo porque uma demanda nunca é exatamente satisfeita como foi pedida, há aqui um desencontro e o desejo dá testemunho disso. Vale ressaltar que desejo e demanda estão atrelados, é apenas para nível didático que fazemos uma separação forçosa.

Sublinhou Lacan: “mesmo o desejo da criança nunca está ligado à pura e simples satisfação natural” (1956-57, p.186). Há uma hiância que se circunscreve na operação do laço com o corpo e na relação com o Outro.

No jogo do Outro com o sujeito, o Outro tenta reduzir a falta supondo que ao sujeito falta o alimento. Ou seja, diante da angústia do não saber o que o sujeito lhe está demandando o Outro escolhe como saída a essa angústia do não saber a comida.

O sujeito, massacrado pelos cuidados do Outro, encontra como solução, como via de sustentação do desejo, a recusa do objeto oral. O sujeito propõe que o Outro busque um objeto de desejo além dele, fora dele, porque assim ele próprio encontrará o rumo do desejo. Recusar o alimento é, portanto, uma forma de assegurar que algo falta ao Outro, que a falta não pode ser reduzida à falta de alimento, e mais, que a falta é estrutural, não podendo ser suprimida por nenhum objeto (BASTOS & SILVA, 2006, p. 99).

Nessa linha, a recusa ao alimento possui um pano de fundo: destaca a ausência que todo o objeto *a* porta, nesse caso, na apresentação do objeto oral e produz uma falta do lado do Outro, inaugura assim um espaço.

3.6

Anorexia: o nada, o falo e o corpo

A palavra que aparece na anorexia não implica o sujeito, e sim se trata de uma palavra mais esvaziada. Cosenza propõe que a anorexia feminina histérica costuma manifestar-se na puberdade ou pós puberdade e, o mais importante, na visão do autor, é que a resposta anoréxica é uma construção do indivíduo, uma “solução ao impasse que encontra na assunção de sua própria posição sexual” (2013, p. 102).

Podemos dizer, que nas meninas, essa solução anoréxica seria em torno da pergunta do que é uma mulher, da própria feminilidade. Nesse sentido a anorexia nervosa seria: "uma modalidade pela qual a histérica buscaria se nomear como mulher através da imagem do seu corpo, procurando esgotar na imagem a pergunta sobre a feminilidade" (SORIA, 2001, p.42).

Além disso, um ponto interessante e até então não trabalhado neste presente estudo é que a resposta via anorexia seria uma tentativa, sob a ótica do autor, de sintomatização da própria puberdade. Ou seja, seria uma tentativa dessas mulheres de darem um lugar à puberdade através de um sintoma, seria uma saída à puberdade – que é um marco para todos os indivíduos.

A puberdade implica tomar uma posição sexual e esse é um ponto de embaraço em que há várias respostas subjetivas singulares possíveis. A anorexia é uma delas. Nos casos de anorexia histérica, o sintoma anoréxico é uma tentativa ou aposta do sujeito de produzir essa sintomatização desse momento inédito que é a puberdade. Podemos pensar então que se trata na anorexia histérica, através do sintoma, de uma demanda endereçada ao Outro? Uma mensagem que inclui um sentido fálico, a qual é sustentada no corpo como testemunha a anorexia?

Então na anorexia histérica, a anorexia é um sintoma neurótico de reação a tudo e o rechaço da comida possui uma função dialética-metafórica de demanda dirigida ao Outro, no lugar mesmo que o sujeito ocupa no desejo do Outro. O corpo

anoréxico do sujeito apresenta então, um lado fálico, está inscrito na significação fálica, e atua como catalisador do desejo do Outro (COSENZA, 2013, p. 103).

Portanto, de acordo com o autor, o corpo na anorexia está inscrito, por um lado, pelo registro fálico, mesmo que de maneira frágil, através do rechaço da comida dirigido ao Outro. Entretanto há algo no corpo que não é regido pela lógica fálica. Como introduziu o autor: “Não obstante, não compartilhamos a hipótese de que a anorexia histérica poderia remeter-se integralmente a uma lógica de tipo fálica. De fato, na maioria dos casos, a inscrição no registro fálico resulta precária e fraca para o sujeito” (IBID, p. 103). Isto porque o trabalho de “histericização” não produz efeitos imediatos, já que exige um tempo a mais em relação à histeria “pura” para que se realize a ativação da cadeia significativa, isto é, para que o sintoma entre em discurso.

Com o intuito de aprofundarmos essas questões destacamos dois pontos que caminham juntos, formulados pelo autor, que são importantes:

Certamente por um lado a cadeia significativa se mostra, em especial posteriormente, como instalada: S1-S2 está estruturada e, por outro lado, o saber inconsciente (de que S1-S2 representa a estrutura lógica elementar) aparece como inativo quando a anorexia se instala e se enraíza na vida do sujeito (IBID, p. 103)

A causa para esse núcleo “inativo” ou tamponamento do saber inconsciente está atrelada à presença do objeto nada com o qual se relaciona a anoréxica. Não se trata de uma impossibilidade, e sim, como marcou o autor, de uma “inoperatividade” que é efetivada pelo nada. Na hipótese de Cosenza: “é que a aparição da anorexia traz consigo no sujeito, a colocação do objeto nada no ponto de intervalo entre os significantes S1 e S2, produzindo, não a impossibilidade, mas a inoperatividade, a desativação posterior do funcionamento do saber inconsciente” (IBID, p. 103).

Posto isso, com a obturação da cadeia significativa o sujeito do inconsciente não advém, a divisão subjetiva não se produz, ou se produz com dificuldade. Há, conforme apontou o autor, nos primeiros tempos do tratamento, uma inércia importante produzida pelo objeto nada que caminha junto com alguma vertente fálica, nem sempre evidente. A partir disso, como consistiria o trabalho clínico com esses casos? Que caminho seria necessário para que a cadeia significativa pudesse se “desprender” do objeto nada e possibilitar algum discurso?

A respeito desse aspecto um caminho possível em relação ao manejo clínico com a anoréxica histérica poderia ser:

No trabalho com a anorexia histérica se trata originalmente de deslocar a economia libidinal do sujeito de uma condição na qual a ação de anulação do objeto nada desativa a função fálica, a uma condição na qual a relação se inverte e a função fálica efetue, na medida do possível, a significantização do nada mediante a elevação do seu estatuto ao de significante puro da falta-a-ser (IBID, p.103-104).

Existe, portanto, uma inércia no estado anoréxico propiciado pela presença do objeto nada que “paralisa” a função fálica em jogo. Uma via possível para o trabalho clínico é justamente apostar em uma inversão: produzir o meio de campo para que a função fálica ganhe predominância na cena e, dessa forma, o objeto nada possa circular pelas palavras, que algo do objeto possa ressoar pelos significantes.

Posto isso, em alguma medida o corpo na anorexia histérica, mesmo em algumas situações extremas, possui alguma articulação com o falo, e nesse sentido, podemos dizer que está em cena a noção do objeto causa de desejo.

Na anorexia histérica há em alguma medida uma mensagem que a paciente dirige ao Outro, mesmo sem saber, o que é um marcador de diferença importante em relação à anorexia psicótica¹², em que a relação com o Outro não é a mesma, já que há uma recusa original do Outro (COSENZA, 2014). Na primeira, o afastamento que se produz em relação ao Outro não é uma recusa radical, é uma maneira de perguntar ao Outro algo, ou mesmo demandar. E o Outro responde essa demanda, por exemplo, com angústia por conta do estado que a anoréxica pode chegar.

Ainda em relação ao cruzamento da anorexia com o registro fálico podemos articular: “Na anorexia, onde o *nada* aparece como uma tentativa de separação do Outro, o corpo se consome para abrir uma falta no Outro. Apesar de, aparentemente, situar-se no horizonte do descarnado, esse corpo esquelético, cada vez mais magro e fraco, traz consigo uma marca fálica, um valor de troca nas relações com o Outro” (BASTOS & SILVA, 2006, p.97).

¹² Como já mencionado na investigação deste trabalho utilizamos a noção de anorexia histérica. E não de anorexia psicótica, ou mesmo outros quadros clínicos. Sobre a anorexia psicótica há importantes questões que podem ser encontradas de forma mais aprofundada em: Cosenza, La comida y el inconsciente. Psicoanálisis y trastornos alimentarios, 2013.

O que nos parece, portanto, é que existe uma certa tensão: ao mesmo tempo em que na anorexia histérica o objeto nada efetua uma separação com o Outro (através da falta produzida no Outro) e, a relação com esse objeto levada às últimas consequências produz o corpo consumido, esquelético, existe também o rechaço da comida que é algo que de alguma maneira traz o Outro para cena, na medida em que, como vimos com Cosenza (2013), esse rechaço possui uma “função dialética-metafórica” (p. 103) de demanda endereçada ao Outro.

De maneira mais didática Cosenza sugere que pensemos em uma separação da clínica psicanalítica entre uma clínica do falo, que é orientada pela castração simbólica, e a clínica que possui em seu centro o objeto, que não possui como pivô o significante fálico. O objeto nada parece ser mais facilmente localizado na clínica do objeto. Entretanto, quanto à anorexia histérica nos deparamos teoricamente com a seguinte articulação:

A clínica do falo é uma clínica que opera no campo da neurose e em cujo seio é importante situar, no que concerne à anorexia, todos esses casos nos quais a solução anoréxica se constrói no marco de uma estrutura na qual o significante fálico, significante do objeto da falta no Outro, encontra seu lugar no sujeito e orienta, mesmo que de forma precária, seu desejo (COSENZA, 2013, p. 101).

Nesse contexto – de alguma orientação fálica mesmo que precária – a anorexia histérica encontra um lugar. Outro nome para forma “precária” é a inativação que a presença do objeto nada promove na função fálica. Entretanto, vimos que a posteriori, com o trabalho clínico, há uma tentativa de ativação da função fálica, que pode ser bem sucedida ou não. Além disso, como mencionamos, uma resposta não incomum que o Outro encontra ao deparar-se com o estado anoréxico propiciado pela parceria anorexia/objeto nada é tomá-la como falo, em que um olhar a mais de cuidado é depositado na anoréxica. É nessa dinâmica que a anorexia histérica se circunscreve.

Com essa divisão que Cosenza faz entre o campo fálico e do objeto não podemos deixar de lembrar a diferença que fizemos nos capítulos anteriores entre o campo paterno, fálico, e o campo do objeto. Nesse ponto do campo paterno, um pouco separado do objeto, é de grande valia retomarmos a cena em que Dora é a “chupadora de dedo”. A menina ao mesmo tempo em que chupava o polegar esquerdo, puxa a orelha do irmão. Por conta da presença do irmão, é possível dizer que a cena se circunscreve diante do cenário familiar. Talvez só

pela combinação com a presença do irmão que Dora pôde se satisfazer com o pedaço de seu corpo.

Porém, também podemos dizer que na própria cena, há menos uma presença paterna, comparado, por exemplo, com o momento em que Dora se articula ao triângulo, pai, Sra. e pai e Sr. K. Em outras palavras, há no próprio ato de chupar um esvaziamento da trama familiar, o que evidencia principalmente a satisfação obtida com o objeto oral, já trabalhado nesta dissertação, através da anorexia, e também em outros momentos.

Revisitemos a formulação de Freud em relação ao ato de chupar o dedo de Dora: “Essa é a forma completa da autogratificação pelo ato de chupar, tal como também me foi descrita por outras pacientes que depois se tornaram anestésicas e histéricas” (1905, p. 55).

A partir do olhar de Freud havia, ao menos nesse ato de Dora, uma “autogratificação”, em nossas palavras, existia nesse ato uma satisfação corporal quase direta, já que não é tão dependente da cena familiar em que o pai está mais evidente. O oral era um elemento que de forma clara demarcava um modo de satisfação pulsional e é o pedaço do corpo que o gozo percorre de maneira mais direta em relação ao modo de satisfação amarrado à cena familiar, como tratamos no primeiro capítulo. Trata-se de um movimento que poderia se aproximar de uma satisfação auto erótica, porém não podemos afirmar que é um movimento propriamente auto erótico.

3.7

Anorexia e o sexual

Já a respeito dos sintomas na anorexia¹³ podemos articular que estes costumam desencadear-se na puberdade ou pós-puberdade, como já comentamos, quando o corpo se “repulsionaliza” (COSENZA, 2014) onde o adolescente é chamado a ocupar uma posição sexual e assumir um lugar quanto ao desejo. É

¹³ É digno de nota que nessa investigação que faremos um recorte da anorexia histérica e não de outras estruturas que possuem outras modalidades de apresentação da anorexia como, por exemplo, a psicótica, já que o tema dessa pesquisa gira em torno da histeria. Sobre a anorexia psicótica há importantes questões em debate que não iremos explorar nesta dissertação. Algumas delas serão possíveis encontrar em: Cosenza, *La comida y el inconsciente. Psicoanálisis y transtornos alimentarios*, 2003.

comum surgirem mais frequentemente a anorexia em meninas. Será que o fato da mulher ser habitada por um gozo mais enigmático interfere nesse quantitativo mais acentuado? Há ainda debate sobre isso, sem que tenhamos uma consistência suficiente à questão.

Além disso, podemos discutir que está em jogo na anorexia, aquela que se orienta sob um pano de fundo de uma estrutura histérica, de uma resposta diante do encontro com o sexual, que possui ligação com o gozo e o desejo. Nessa conjuntura – do encontro com a posição sexual – algo fracassa e a anorexia torna-se uma saída possível. Podemos pensar que o que fracassa é em relação a uma parte da libido que fica de fora do registro fálico e a anorexia surja como resposta para lidar com isso.

Nessa linha de algo do sexual que escapa, torna-se imprescindível resgatar uma passagem freudiana a partir de suas correspondências com Fliess sobre o sintoma anoréxico. Afirmou Freud: “a neurose nutricional paralela à melancolia é a anorexia. A famosa anorexia nervosa [...] é uma melancolia em que a sexualidade não se desenvolveu. [...] Perda do apetite – em termos sexuais, perda de libido” (1892-1899, p. 247).

Nas palavras de Cosenza: “Na anorexia histérica feminina que se manifesta na puberdade ou pós puberdade, o sujeito constrói a resposta anoréxica como solução ao impasse que encontra na assunção da sua própria posição sexual” (2013, p. 102).

Portanto, nessa configuração da anorexia há uma resposta subjetiva ao encontro com o sexual. Ela própria já circunscreve uma solução que mantém uma unicidade da construção sintomática que não permite facilmente uma abertura ao sujeito, à divisão subjetiva. Essa solução prometida pelo sintoma anoréxico não é patológica, e sim um estilo de vida. Essa solução implica uma ausência de questão ou problema que a anoréxica poderia dirigir a alguém, já que há um encontro feliz com a anorexia. Trata-se de um sintoma egossintônico. Quando há um pedido de ajuda este costuma vir da família ou de outras pessoas ao redor.

Retornando a Dora, a qual tem nos ajudado nos desdobramentos dessa pesquisa, propomos um paralelo da anorexia com Dora, no ponto em que há uma incorporação do pulsional. Localizamos isso na anorexia, através do objeto nada. E também em Dora quando há um movimento da jovem em direção à pulsão oral.

Podemos pensar que a anoréxica seria uma espécie de Dora, porém sem o recheio do enredo familiar. Dessa forma, há um ponto de encontro entre elas. Resguardando as devidas diferenças de uma anorexia para outra, já que, como sabemos, cada sujeito possui a sua singularidade.

É válido destacarmos um importante paradoxo em relação ao curto-circuito no Outro provocado pela anoréxica. A partir do Seminário de Lacan *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* é possível destacar:

Neste Seminário, a anorexia mental se inscreve na tensão entre uma posição de gozo sem Outro, encarnada pelo *comer o nada* da anoréxica como prática pura de gozo fora do significante, e uma provocação dialética em direção ao Outro destinada a gerar nele uma falta através da angústia de morte (COSENZA, 2013, p.87).

Embora Lacan no Seminário *A Angústia* (1962-63) tenha localizado a presença do objeto *a*, um núcleo real, como algo irreduzível ao campo do Outro simbólico, a posição anoréxica presentifica uma ativação real da ameaça do desaparecimento, onde o sujeito anoréxico encarna no corpo a pergunta que dirige ao Outro familiar: “Podes me perder?”. Nesse intuito a anoréxica cava uma falta no Outro.

Entretanto, é preciso irmos além. Revisitando a citação anterior vemos que o curto circuito no Outro se circunscreve justamente porque ao mesmo tempo em que a anoréxica se relaciona com o Outro, através de uma pergunta, cavando a falta ou mesmo com o rechaço à comida, temos em cena também um gozo fora do Outro, através da noção de *comer o nada*, que não se reduz facilmente à associação significante. Essa segunda faceta promove, além do curto-circuito, um esvaziamento no Outro. É a partir desse ponto que se inicia a aposta em algum trabalho clínico.

3.8

Anorexia: um fragmento clínico

É possível pensar em resto sem de alguma maneira nos referirmos ao campo paterno? Acreditamos ser essa uma tarefa difícil já que pensar em resto pressupõe um todo que o sustenta, que extrai um gozo no corpo para que o resto advenha. Esse operador, em Freud e Lacan, parece continuar tomando o pai como

referência. Essa separação do objeto *a* com o falo, possível ou não, servirá ao pós-moderno? Talvez sim e aprofundaremos essa questão a partir do exemplo clínico de anorexia atendido em uma instituição.

O pedido de Joana que merece destaque, já muito magra, em uma das primeiras entrevistas, foi que o meu trabalho seria o de ajudá-la a emagrecer mais. Apostei que meu trabalho certamente era outro. Parecia não existir questão para ela sobre o estado em que se encontrava, mesmo estando à beira da morte em termos clínicos. Já muito magra dizia que estava feliz, pois sentia-se vazia. O que parecia era que existia um padecimento, sem sofrimento. As sessões, durante um tempo considerável, giravam em torno dos seus atos para emagrecer, além de dizer que uma saída era a morte. Para além do emagrecimento em si, o que podemos inferir é que já havia uma satisfação pulsional no próprio ato de emagrecer, de recusar o alimento no corpo e de escolher o que seria possível ingerir.

Assim, na apresentação anoréxica, ao menos nesse caso, está em jogo algo para além da identidade, da vontade de emagrecer. Seu pensamento é ilustrativo: Com a anorexia não tinha problema com relacionamento e com o laboral. Que solução a anorexia lhe proporcionava? A questão se aproxima mais de *comer o nada*, de extrair o pulsional do objeto. O nada aqui como um condensado de gozo formado por um vazio. Sua posição girava em torno de sentir-se bem, pois sentia-se “vazia”.

Retomando o que já falamos de outro modo, a anoréxica faz um movimento de extrair o pulsional do objeto e esse movimento se articula com o nada. Quanto ao nada, do qual Lacan afirmou estar em jogo na anorexia, parece se constituir como outra faceta do objeto oral na medida em que ele pode ser tão resto, tão sem sentido, que se torna nada, dessa forma, podemos pensar se é possível construir uma aproximação da histeria com a anorexia.

Nesse momento vale retomar a frase do psiquiatra: “ela não tem mais músculo nem gordura para perder. O coração é o próximo órgão que o organismo irá utilizar para alimentar-se”. No real do corpo não se podia mais localizar um resto, havia uma operação que tentava negativá-lo.

O paralelo entre a anorexia e a histeria pode ser feito através do objeto oral que é privilegiado em ambos os quadros clínicos: na anorexia o não comer como

avesso do comer e na histeria o sugar, chupar, por exemplo. Com Joana, em outros momentos, aprendemos que havia uma tensão entre os *acting out* e o gozo no corpo, já que ela parecia endereçar aos outros sua condição de “grave”. Dessa maneira, demandava do Outro uma intervenção na sua “gravidade” e é nesse ponto, da queixa que se estruturava através de uma demanda ao Outro, como se alguém devesse algo a ela, que talvez possamos também aproximar, ao menos nesse caso, a anorexia da histeria. Havia um Outro que parecia estar bem localizado.

Além disso, como dito, para além dos *acting out*, havia em Joana uma parte do gozo no corpo que não se dirigia, que ela tentava dar conta no próprio corpo anoréxico, ao se isolar com as estratégias que adotava para emagrecer. Essa faceta nos lembra da histeria no sentido de que também existe uma parcela de gozo que não se dirige, que encontra sede em uma parte do corpo. Em Dora, no ato de chupar o dedo, por exemplo. Na cena do dedo há uma presença do familiar, já que ela fazia isso junto com o irmão mais velho, no entanto é uma presença mais discreta. Há junto com esse elemento familiar, o irmão, um estranho. A estranheza que um sintoma carrega, de uma satisfação que não quer dizer nada, sem intencionalidade.

Um ponto de distanciamento entre os dois quadros clínicos é que o resto na histeria é mais “concreto”, um gozo que ao mesmo tempo “assusta” a histérica, é ao mesmo tempo o que lhe falta para completá-la. Na anorexia, especialmente, ao aproximar-se do resto encontra-se um vazio. Ao invés de chupar o dedo, que implica a ambiguidade de não se saber se está completando o corpo de gozo ou dele liberando um gozo, como ilustrou Dora, a anoréxica chupa um pedaço de ar, não sem gozo. Dessa forma ela se completa? Com seu ato, talvez a anoréxica preencha seu corpo com o vazio do ar ingerido. É possível? Joana ensinou ao dizer que estava “vazia”.

É por conta do nada que a anoréxica consegue que a mãe dependa dela. Dizendo “não”, a anoréxica descompleta a mãe e aponta para a falta desse Outro. A mãe, por sua vez, se posiciona como aquela que fica à mercê do capricho da anoréxica. E, mais do que isso, essa posição da anoréxica costuma produzir uma angústia do lado da mãe, do lado do Outro.

Na visão de Recalcati “O corpo anoréxico não é um corpo que, particularmente, fala (...). E sim, é um corpo que se encontra fundamentalmente em uma relação de iminência à morte (...) (2003, p. 133). Tal formulação é relevante quando se interroga sobre a consistência do sintoma anoréxico já que esse parece apresentar outra lógica: não se trata de um corpo falante que se depara com os tropeços da linguagem, onde é possível produzir um sujeito, ponto esse que discutimos quando aprofundamos a noção de inoperatividade da cadeia significante.

Uma possível direção em relação aos casos de anorexia é “descongelar a singularidade do sujeito” (COSENZA, p.72). O tratamento consiste em torno da “lógica inconsciente que preside a construção da posição anoréxico-bulímica” (IBID, p.73). Há nessa via uma questão das anoréxicas com o inconsciente, uma dificuldade de funcionarem de uma maneira neurótica mais clássica no que tange a relação com o gozo. Também é possível dizer que há uma fragilidade quanto à operação da função simbólica, embora não deixe de estar presente.

Um caminho é trabalhar em direção à valorização do enigma por parte da anoréxica, que permite uma abertura do sintoma anoréxico à dimensão da novidade. O que não necessariamente de operação feliz. Joana nos ensinou quando transitou do sintoma anoréxico ao sintoma dos cortes, não menos grave. Os cortes continuam algo de sua história. Quando convidada a falar, pôde historicizar o que antes aparecia apenas nos atos ou no real do corpo.

4

O pós moderno e a histeria rígida

4.1

Introdução à pós-modernidade

É possível usar a conceituação do objeto *a* no mundo de hoje em que supostamente não há muito lugar para o falo? Com Lacan é possível pensar objeto *a* sem pensar em falo?

No cenário atual em que sujeitos chegam ao tratamento cada vez mais parceiros de seus sintomas onde não localizamos facilmente um resto que portaria algum enigma, o resto ainda conta? A possibilidade de inclusão da angústia nesta problemática é ainda mais importante. Não estamos dizendo que se trata de antemão de angustiar os pacientes de hoje, o que seria um manejo um tanto selvagem. Uma via possível seria apostar que a angústia pode falar; poder suportarmos e não nos apressarmos com a suposta crença de que é possível eliminá-la. O que é possível, no melhor dos casos, é transformá-la em um motor para o trabalho subjetivo.

Se antes havia um Outro mais consistente atualmente verificamos, no caso a caso, um Outro que não é facilmente localizável. Se os sujeitos de hoje são consideravelmente diferentes do que antes, a aposta da psicanálise, por sua vez, não mudou tanto assim: a via é que o sujeito possa dar um tratamento ao gozo e, assim, dar algum outro destino ao resto que se produz com a perda de uma parcela gozo. Em outras palavras, no ir e vir da experiência analítica, uma virada se faz necessária: transformar as falas que giram em torno das histórias que enredam, em um dizer próprio, singular, com menos sentido. Para isso a redução ou perda de gozo, que tem a ver com a satisfação que se extrai das próprias histórias vividas, é um elemento central.

4.2

Eclipse do pai

Uma pergunta que temos que fazer é: será que essa teorização do objeto constituído como pedaço de resto de si mesmo que parece não possuir uma ligação direta com o pai é mais interessante em nossos dias? Como vimos não possuir uma ligação estreita com o paterno não quer dizer que a função do Outro não funcione de alguma maneira, até mesmo como operador para constituir o resto. Será que esse pedaço de gozo possui alguma serventia atualmente? Parece que sim, veremos os desdobramentos dessa questão um pouco mais a frente. O que é importante frisar é que há um pedaço do corpo, habitado pelo gozo, que escapa ao pai, mesmo lhe estando necessariamente referido (MILLER, 2005).

4.3

Eclipse do Édipo

A temporalidade em nossos dias parece ser outra: menos ligada a uma suposta linearidade de passado, presente e futuro e mais atrelada aos eventos contingentes presentes na história de cada um. Nesse sentido, o resto ainda possui serventia? Talvez uma serventia diferente.

O que se localiza hoje de maneira mais evidente é que, de saída, não há um mito que fornece estofo a uma história, uma ficção que articula protagonistas que situam desencontros e alguns encontros. Cada vez mais nos deparamos com sujeitos que vem ao nosso encontro com seus corpos, cada vez mais manuseados por si próprios, com quase nenhuma margem para os equívocos, que possuem seus corpos e nele, e com ele, não há limites. Mas isso é novo? A psicanálise, ou melhor, os psicanalistas, já analisam esses sujeitos. Sim, mas talvez seja necessário um esforço a mais de teorizar, com novos conceitos, o novo detalhe que o sujeito de hoje imprime, que talvez tenha a ver com um fazer diferente com o corpo.

Sem permanecer na nostalgia de amor ao Édipo ou mesmo no luto, é preciso que a psicanálise vá além. É preciso que ela possa localizar, também nos corpos falantes de hoje, aquelas marcas da língua, os nomes sem sentido, mais

íntimos que tocam o corpo de cada um de uma maneira sempre traumática e contingente. A psicanálise lacaniana aposta em que se possa dizer isso que não é um dizer qualquer, que não faz laço, que não se perde na história edipiana, que é a ausência mais viva de cada um, o que ressoa no corpo de cada um de uma maneira única.

Nesse sentido, de que maneira o objeto *a*, continua valendo? Miller, em *Sutilezas Analíticas*, é claro quando aponta que a ultimíssima clínica lacaniana não se opõe à clássica, há uma “dialética”, entre ambas. (12 de novembro, 2008/2009). Ou seja, no novo há o clássico. E no clássico, como no caso Dora, não podemos pensar que já havia o novo, no sentido do objeto de gozo mais singular que Dora extraia satisfação, de uma maneira menos compartilhada? Ao chupar seu pedaço de dedo, por exemplo.

4.4

A Anorexia e o Édipo

Lacan (2007) precisou que o objeto, em seu estatuto fálico, não é exterior nem interior, é o próprio corte, corte como ponto de cruzamento da própria banda de Moebius, lógica proposta por Lacan no Seminário da *Angústia* (LAURENT, 2007). Segundo Lacan, a amarração produzida pela banda de Moebius é inédita na medida em que há a articulação do interno e externo de uma maneira nova: há um indefinível em relação ao dentro e fora.

Na banda resta um ponto opaco que é o objeto *a*. O objeto aparece em sua forma radical não apenas como extração do interior do corpo, entretanto como produção, o próprio fazer esse corpo, que é construído através de uma operação, de um ato, e jamais de forma natural.

Laurent, ainda nesta conferência, não afirma não existir mais a extração do objeto *a* – já que esta seria uma formulação um tanto ousada – mas aponta que a forma com que se lê o a extração do objeto *a* já não é a mesma, já que não contamos mais com as mesmas categorias de leitura.

A extração do objeto *a* marca todos seus aspectos pela heterogeneidade de uma apresentação substancial do corpo: o que está dentro de mim está, ao mesmo tempo, fora e assegura assim o laço com o Outro pela extimidade do gozo. Esta

extração, esta forma, este saber sobre o gozo que se extrai de mim, como qualificá-lo? As categorias do verdadeiro, do falso, da vida, da morte, as bússolas polares já não funcionam. Temos que abordar os produtos do corpo, da obra ou do ato com outras categorias (2007, p.43).

A partir dos acontecimentos temperados pela contingência, atualmente trata-se mais da própria experiência corporal em si, do que buscar entender a mensagem velada que o corpo portaria. Nesse sentido, vemos um corpo em constante transformação, pela tecnociência, por exemplo, pelas constantes intervenções que se faz no corpo hoje. A dimensão do enigma, dessa maneira, não se encontra facilmente no cardápio.

De acordo com Laurent, a extração também se coloca para a própria psicanálise: “A psicanálise e o tratamento analítico também possuem este horizonte de extração. Extração de todas as repetições significantes possíveis até poder alcançar o efeito imprevisto, o acontecimento imprevisto” (IBID, p. 9). Através da abertura ao imprevisto, abre-se uma possibilidade diante da impossibilidade de saber que hoje se apresenta ao corpo.

Em nossos dias, ainda no fio proposto por Laurent, não há uma hierarquização dos objetos, um que possua um lugar diferente em relação ao outro, o que apontaria para a extração fundamental que “organiza” de forma mais edipiana o fantasma de cada um, a relação do sujeito com o Outro. Dessa forma, sujeito e Outro não são facilmente localizáveis.

Nessa linha, uma orientação para o analista é valorizar a estranheza, já que esta, como aposta, ainda pode advir. Para tal, conforme frisou Laurent: “O analista opera apenas com a condição de ele responder à estrutura do estranho. Deve produzir uma sensação de estranheza, em ausência tudo iria demonstrar que, por falta de tornar-se um estranho, não iria perturbar a defesa” (IBID, p. 10)

Sobre a anorexia nesse contexto podemos pensar que promove um curto-circuito no Édipo no sentido de que possibilita um gozo sem escanções, como mencionamos anteriormente. A anoréxica, como vimos, mantém uma distância com o Outro, tentando negar a existência do mesmo, no movimento de rechaçar o alimento, constrói uma solução mais isolada com o seu corpo. Uma invenção que possui um alto preço. Nesse sentido a anorexia é muito atual, está na moda literalmente, e tem o que ensinar à psicanálise. É na própria iteração de um modo de satisfação, quase autístico, que esse quadro clínico se circunscreve.

Se o Édipo é justamente o que introduz a castração a partir de uma lógica de identificações, o que limita e orienta o gozo, a anorexia subverte essa lógica edipiana ao prometer uma satisfação sem medida. É tão sem medida que o corpo pode desaparecer e a morte se aproximar. Não apenas parece introduzir um curto-circuito no Édipo, como também no próprio jogo da fantasia, na junção e disjunção do sujeito com o Outro em que um resto se produz.

Para pensar o estatuto hoje desse real que se extrai a partir do encontro do sujeito com o Outro, ou mesmo, se podemos dizer que há da mesma maneira o resto levando em conta que muitos sujeitos não topam mais se alienar no Outro para depois desconsistí-lo, torna-se interessante trabalharmos sobre a ideia proposta por Lacan e, desenvolvida um pouco mais por Laurent, que se chama Histeria Rígida. Interessante já que, a grosso modo, nessa histeria, segundo os autores, a dimensão do resto, produto da operação no encontro com o Outro, não é fácil de ser localizada.

4.5

Histeria rígida

No texto “Falar com seu sintoma, Falar com seu corpo”, argumento para o VI ENAPOL, em novembro de 2013, em Buenos Aires, Laurent aponta que “os corpos parecem ocupar-se deles mesmos” (2013, p.1). Ou seja, há atualmente um uso do corpo, por exemplo, pela biologia, que recorta-o sem que se produza enigma ou equívocos. São ainda marcas feitas nos corpos, mas distintas das representações, S1s, que davam aos corpos alguma bússola. Agora os corpos permanecem por sua conta e risco. E que risco!

Esse encontro da biologia com o corpo em que se produz corpos operados, geneticamente modificados, parece não ser semelhante ao encontro das palavras com os corpos, produzindo um sintoma, como pôde ler a psicanálise. Trata-se de uma mudança de paradigma, atravessada pelo discurso capitalista? Que posição ética para a psicanálise nessa nova problemática? Que consequências teóricas podemos extrair a partir dessa nova clínica que se apresenta?

Freud descobriu que o sintoma era justamente o que poderia fazer o corpo falar e falando um novo arranjo poderia ser feito com aquilo que proporciona um

sofrimento para cada um. Esse novo arranjo com o gozo possibilita que se viva o sofrimento de outra maneira. Como contribuiu Laurent, a partir de Freud, o que resta é o “sintoma na medida em que ele interroga cada um sobre o corpo a incomodar o corpo. Esse sintoma, por ser presença do significante do Outro em si, é a marca identificatória, corte. Nesse lugar, o surgimento traumático do gozo se dá” (IBID, p.2). Um gozo mais real, material.

Na histeria, por exemplo, o núcleo pelo qual gira a construção do sintoma histórico é o amor ao pai. Isso também quer dizer que a histérica extrai um sintoma a partir do Outro do qual está enamorada. Esse amor ao pai implica necessariamente uma parcela do gozo da histérica. Esse eixo do amor ao pai, de acordo com Laurent, “que faz com que o corpo histórico esteja sempre prestes a se desfazer, o que faz dele a *ferramenta*, segundo a expressão de Lacan. É precisamente isso que está em questão em nossa época” (IBID, p. 2).

Essa é a chave importante, a partir da visão lacaniana, para concebermos não mais a leitura do sintoma com a referência na crença do Nome-do-Pai. O Nome-do-Pai é uma leitura possível, não a única maneira de abordar o sintoma. É importante que o analista possa incluir outra lógica, que não a paterna. Dessa forma, o analista pode se aproximar da amarração, sempre única, que cada sujeito constrói com o próprio furo. Como mencionamos anteriormente, Laurent destaca que é preciso se basear “na efetividade da prática analítica” (IBID, p.2). Essa formulação de Laurent iremos desdobrar mais adiante.

Nas palavras de Laurent: “Essa prática obtém, através de seu manejo da verdade, alguma coisa que toca o real. A partir do simbólico, alguma coisa ressoa no corpo, e faz com que o sintoma responda” (IBID, p. 2). Isto é, há semblantes que podem ter efeitos de real em que com as falas dos corpos esses efeitos reais vivificam o ser falante. A questão que se impõe é como falam os corpos hoje? Mais importante ainda: como se lê essas falas? Com que ferramentas? De que maneira a histeria rígida, ainda um pouco enigmática para nós, se aproxima disso?

No *Seminário 24*, Lacan formula: “Tento introduzir alguma coisa que vai mais longe que o inconsciente. Não se trata do Lacan do retorno a Freud, mas do Lacan do adeus a Freud”. (1976-77, p.5). Ou seja, do que Joyce pôde ensinar à psicanálise, sobretudo em relação ao conceito de letra, a partir de sua escrita. A proposta, então, seria contar com outra maneira de ler o inconsciente, mais além

da mensagem a ser decifrada, e estarmos atentos à remontagem das peças avulsas que compõem e descompõem o inconsciente, real, de cada ser falante.

Conforme sinalizou Laurent: “Para explicar o sonho, é necessário sem dúvida apelar para as coisas que remontam ao “próprio tecido do inconsciente” (2013, p. 2). Ou seja, se trata menos de um conteúdo ali velado e mais de marcas que foram escritas na superfície do inconsciente.

De saída, no *Seminário 23*, Lacan localiza o falo a partir de um novo lugar. Há, portanto, uma mudança espacial para o falo. Nessa direção, o que é completamente novo é que longe de ser o falo como significação, conforme ele ensinou nos Escritos, o falo ganha um novo lugar, mesmo que suposto. Ou seja, a partir do capítulo “A invenção do Real” e “De uma falácia que testemunha do real”, Lacan inaugura um novo espaço para o falo: de semblante e o que dá testemunho do real. Assim falo e real, até então distantes conceitualmente, se aproximam. Portanto, é importante dizer que “essa nova posição do falo, fora da metáfora paterna, permite a Lacan retomar a questão da histeria” (IBID, p.3). Então, a partir dessa visão inédita, podemos ler que há um algo do falo, dessa nova noção de falo, que não é regido pelo Nome-do-Pai.

A referência que Lacan utiliza, artística, para modificar o rumo conceitual é a peça *Retrato de Dora*, escrita por Hélène Cixous. Nessa peça, o que surpreende a Lacan é a maneira como a peça é realizada. Isto é, o que Lacan estranha é a peça ser produzida de uma maneira muito real, e explica, “quero dizer que a realidade, por exemplo a dos ensaios, no final das contas, foi o que dominou os atores”. (1975-76, p. 102).

As palavras de Laurent nos ajudam nesse ponto: “Portanto, foi realizada de tal maneira que não é o texto que dominou os atores, mas a pragmática mesma do dizer. Isso ajuda a se desfazer da ideia de que o significante organiza um texto organizando os atores” (2013, p. 4). Há aqui uma torção importante, em que nesse espetáculo é o próprio ato dos corpos que desperta a atenção de Lacan, e isso foi fundamental para que reformulasse o conceito da histeria.

A atriz que interpreta Dora, na leitura de Lacan, está bem embaraçada e não se apresenta como a histérica mais clássica. Sobre esse ponto, o que chama a atenção de Lacan não é apenas o que os atores dizem, e sim a maneira que falam

os corpos. Ou seja, é o próprio ato de colocar-se na cena que afeta o corpo dos atores.

De acordo com Lacan, sobre o essencial da peça que chama sua atenção: “Temos ali a histeria... que eu poderia dizer *incompleta*. Quero dizer que, com a histeria, é sempre dois, pelo menos desde Freud. Ela aparece ali reduzida a um estado que eu poderia chamar de material” (1975-76, p.102). Incompleta, pois falta justamente o elemento que faria com que ela fosse entendida, ou compreendida, já que o sintoma histérico, pelo menos assim formulou Freud, portava um sentido. Como dito anteriormente, é um sintoma que portava uma mensagem endereçada.

Nesse aspecto material, mencionado por Lacan, há por excelência um fora de sentido, que dispensa o nome-do-pai como interpretante. Nessa via o conceito lacaniano de *lalíngua*¹⁴ que também se orienta pelo sem sentido, pode nos ajudar a ler com mais ferramentas essa histeria atual, ainda sob investigação clínica e teórica. Segundo Laurent, o que Lacan considera relevante na Dora de Cixous é que a peça apresenta a histeria sem o sentido, o que a torna impossível de compreender, entretanto vamos fazer o bom esforço de dizer algo sobre ela. Lacan aponta: “Isso constitui alguma coisa muito impressionante e muito instrutiva: é uma espécie de *histeria rígida*”. Nesse sentido seria uma histeria sem seu parceiro, por isso incompleta, uma Dora sem o sentido.

De onde Lacan extraiu o termo “rígido” ao nomear histeria rígida? No *Seminário 23*, Lacan o apresenta a partir do nó borremeano, que não iremos desdobrar aqui, mas Lacan deixa evidente que é rígido, porque se mantém sozinho, unido. Ou seja, o sujeito não necessita do nome-do-pai, e isto é chave para discutirmos a questão que a histeria rígida coloca. A histeria da peça, dessa maneira, está sozinha, não precisa da leitura do Nome-do-Pai. E o Nome-do-Pai¹⁵ é justamente o que tentaria “resolver” o gozo pelo sentido, interpretando-o, produzindo sobre ele um saber.

¹⁴ Conceito que não iremos desdobrar nesta investigação.

¹⁵ Posto isso, se o nó como suporte do sujeito segura o gozo de alguma maneira, não há necessidade do Nome-do-Pai, se não, o Nome-do-Pai exerce a função de *sinthoma*. (Conceito que não iremos desenvolver nesta investigação). Nome-do-Pai é apenas uma possibilidade, não a única. Dessa forma, há uma torção a qual nos interessa: “do sistema falante ao sintoma como escrita” (LAURENT, 2013, p. 4).

Dizendo de outro modo, o que é fundamental na cadeia rígida, que anda sozinha, presente nesta constituição histórica, é que “trata-se de uma cadeia tal que nela há uma apreensão do gozo e do sentido sem necessidade de passar pelo Nome-do-Pai, pelo amor ao pai, pela identificação com o pai” (IBID, p.6). Se há uma apreensão do gozo, parece que não podemos dizer que é o mesmo que uma perda de gozo, tão fundamental na experiência analítica.

Com o intuito de seguir na investigação da histeria, Lacan trabalha o conceito de identificação, quando diz por exemplo, que mais importante do que uma identificação com o pai, o que está em jogo é uma identificação com um único traço do pai, e não mais o mito que carrega um sentido, por exemplo, presente no pai da horda, como ensinou Freud. A virada de Lacan é retomar a questão da histeria não mais a partir do mito e sim, por outro lado, a partir da própria experiência analítica.

O que Lacan chamou de “material”, que estava presente na Dora de Cixous se relaciona com a repetição de um mesmo, que não faz cadeia significante, que não sugere um sentido, ao contrário, prescinde deste. Em outras palavras não é uma repetição regida claramente pelo recalque. Essa ideia de algo material se relaciona com o real e nas palavras de Laurent: “O real, em compensação, é a repetição material do mesmo na medida em que é o gozo que se repete” (IBID, p. 11).

De acordo com Laurent esse “material” é apreendido do real do gozo, ou seja, nesse material há o real da substância gozante em destaque:

Lacan propõe assim um inconsciente que não é mais constituído de efeitos dos significantes. Propõe outra versão de um inconsciente que não é constituído pelos efeitos dos significantes em um corpo imaginário, mas, sim, um inconsciente constituído desse nó entre o imaginário, o simbólico e o real. Inclui a instância do real que é a pura repetição do mesmo (...) (LAURENT, 2013, p.11).

Nesse sentido, a histeria rígida ensina que se trata de um novo inconsciente? Para além de suas formações que testemunham os significantes? Que implicações essa outra leitura possui para o corpo? O que a histeria evidencia é o recorte em torno do real traumático da língua no corpo. O inconsciente como discurso, mais transferencial, é algo que a posteriori, pode ou não ser construído.

4.6

A histeria e o Nome-do-Pai no contexto atual

Como poderíamos falar de histeria sem Nome-do-Pai? Dito desse modo não se trataria especificamente da psicose? O que garante, que sem incluir o Nome-do-Pai, continue sendo histeria? O que é certo é que se trata de uma mudança de perspectiva.

O corpo que fala foi a grande descoberta de Freud. E isso se relaciona com um acontecimento no corpo, em que algo disfuncional pode falar, o que caracteriza a histeria. Indo mais além, o que se costuma atrelar a histeria é um par, dois elementos, onde o pai é o exemplo primeiro. Outros elementos entrarão em cena.

Aprofundaremos esse enfoque a partir do livro *A histeria sem Nome-do-Pai* (2014) que é produto de uma investigação precisa sobre o tema realizada por alguns psicanalistas integrantes da Escola de Orientação Lacaniana de Buenos Aires (EOL). Um ponto de partida que utilizam os autores e que nos parece essencial é que iniciam esta investigação colocando entre parêntesis o que já é sabido em relação ao conceito de histeria, um pouco da construção de Freud e também de Lacan. Isso porque é importante cuidar dos conceitos, no sentido de que podem banalizar-se, ganhar uma consistência desmedida, a ponto de não ser mais necessário pensar sobre o tema, porque já se sabe. “O que sabemos é a parte com Nome-do-Pai da histeria. Colocamos essa parte entre parêntesis e sobra a histeria em seu maior enigma, ou seja, no que pode ou não ter de real” (2014, p.13).

Com o intuito de “garantir” esse movimento, de ir para além do saber sabido, os autores voltam à etimologia do termo histeria: doença do útero, em que no próprio significante se circunscreve um enigma.

O próprio Lacan já havia nos convidado a isso quando inaugura conceitos, por exemplo da *letra*, que estão fora da dimensão paterna. Por exemplo no *Seminário 24* promove uma subversão, ou seja, que entre Freud e a histeria, ele fica com a histeria, pois há algo que a histeria dita e Freud, o primeiro, escutou como pôde e com isso inventou uma teoria.

O convite de Lacan é que se possa ir mais longe, mais longe na direção de irmos por fora do Nome-do-Pai. Para desenvolver esta nova ótica sobre a histeria Lacan recorre à peça de sua amiga francesa, Hélène Cixous, quem já comentamos anteriormente. Um dos pontos que chama a atenção de Lacan na peça é que ele percebe que Dora está bem, porém há um incômodo nos outros atores, o pai de Dora, Sr. K., Sra. K. e Freud. Sobre a peça é possível pensar com Lacan: “os personagens que estão incômodos, aqueles onde a relação do que dizem com o seu corpo (...) não está bem assentada, a expressão ‘histeria incompleta’. É um termo novo. Ao contrário, para a atriz que faz Dora, nos diz que poderia nos dar uma ideia do que seria uma histeria rígida” (2014, p.16).

Lacan observou na Dora de Cixous os mesmos sintomas de Dora: o trauma aos 14 anos, a bofetada, a relação com a Sra. K. Entretanto, a Dora de Cixous rechaça qualquer tentativa de interpretá-la, onde se evidencia uma leitura da histeria a qual não estamos acostumados. Em outras palavras, não estamos acostumados a pensar o sintoma histérico sozinho, ao contrário, sempre em articulação com o intérprete, que se apresenta para decifrar um sentido suposto. Esse interprete é o que conhecemos por Nome-do-pai, um organizador.

Segundo os autores: “O que assombra e o que instrui Lacan é que a Dora de Cixous nos apresenta um estatuto do sintoma histérico sem seu *partenaire*, em disjunção completa do interpretante e do aparato de sentido que sempre vimos acompanhando-o. Para Lacan, Cixous nos permite ver o sintoma histérico, mas reduzido ao que chama seu estado material. Essa referência nos permite então poder falar da histeria sem Nome-do-Pai” (IBID, p.31). Se há algum interpretante no cenário, trata-se dela própria. Podemos dizer que a Dora de Cixous emerge em sua estrita singularidade?

“E isso não quer dizer que ela fique muda: ela continua falando o que para ela quer dizer realmente o seu sintoma. Porém rechaça todas as interpretações que venham do Nome-do-Pai próprio da histeria.” (IBID, p. 16). A atuação de Dora da peça ensina, portanto, que há algo no sintoma que não é interpretável, que porta uma dose de sem sentido, mais solitário, e talvez algo do ser de cada um.

Dito de outro modo o que Laurent apresenta em seu texto é que Lacan percebeu que a Dora de Cixous armou, sem interpretante, um nó, uma amarração,

com o sintoma. Há um irreduzível, ligado à histeria como tal, que está para além de uma medição.

Isso de alguma maneira não era novo na época de Freud. “Já temos ‘histeria rígida, diferenciada de histeria incompleta, e de pronto temos que o ponto mesmo de descobrimento de Freud, mais além de sua própria noção de inconsciente, é o real da histeria mesma”. (2014, p.20). Real esse não endereçado, que não busca uma resposta. Dito de outra maneira, o que está em jogo são históricas que não sabem o que dizem. Não se trata de nos referirmos à histeria de uma maneira pejorativa, mas se trata de um não saber o que dizem, ou melhor há um tanto nesse dizer que é indizível.

Lacan, portanto, contribui nesse sentido quando se distancia de Freud no ponto de conceber o inconsciente como representações inconscientes e sim, por sua vez, como palavras que não representam nada. Conforme contribuíram os autores nesse livro, Lacan explicita que sua virada foi pescar que no inconsciente habitam palavras, e que essas, em si, são sem sentido. Palavras que não compreendemos, porém nos guiam. É nesse tecido que consiste o inconsciente para Lacan.

Sobre o corpo na histeria podemos assumir: “Se se é ser falante, se trata de um corpo afetado por palavras sem sentido, mas que governam a sexualidade de cada um. Creio que Lacan chama esse ponto da histeria como tal, ou seja, a real” (2014, p.20). É importante considerar que há, portanto, outra abordagem em relação à histeria. Há algo na histeria que não se negativiza com o triângulo edípico, que não é totalmente velado pelo Nome-do-Pai. Isso é radical, abre a perspectiva para pensarmos a histeria rígida, a histeria que não é regida pelo pai como morto, com a função do Nome-do-pai operando.

Essa mudança de olhar promove implicações na clínica. Não basta dizer que há uma clínica atual, novos casos de histeria, é fundamental que possamos ler esses casos de uma nova maneira. São novos casos, “mas a espera de uma maneira de escutar que não seja a que se reitera na leitura dos sintomas a partir do Nome-do-Pai” (IBID, p. 23).

A Dora de Cixous propõe uma subversão, assim como outros casos que se apresentam na clínica de nossos tempos. Se damos ênfase ao ponto não representável é possível perceber que ela é levada a momentos de importante

indistinção com o Outro (IBID, p.34). Sobre esse ponto de indistinção em relação ao Outro temos como exemplo uma cena na peça em que Dora está em frente ao quadro de Madonna e, a partir de um jogo de imagens que vão se repetindo no decorrer da obra, Cixous mostra Dora pequena nos braços de Madonna e em seguida projeta uma sequência de imagens onde substitui Madonna, a Sra. K. e Dora. O mais importante é que em um determinado momento se transmite uma indistinção, onde na peça não se sabe mais quem está falando.

Esse ponto é importante para a questão formulada nessa dissertação, no que se relaciona à participação do Outro na histeria. A questão é que esse Outro pode estar sob um terreno de indistinção para a histérica, o que dificulta que ela “aceite” alguma resposta que venha desse Outro.

Ainda nessa vertente, podemos ir ao próprio Freud, retomando o caso de Elizabeth Von R. em *Estudos sobre a Histeria* (1895). Freud fica intrigado com as dores na perna da paciente. Descartada a possibilidade de causa orgânica, Freud permanece com o enigma do sintoma histérico enquanto tal. Surge, então, a associação das dores na perna com a atenção constante que a jovem necessita oferecer ao pai, doente. Nesse sentido temos a identificação histérica ao pai. Com a hipnose, Freud consegue que a paciente fale, e fale. E surge algo que não tem só a ver com cuidar do pai doente. Surge precisamente uma cena que inclui o corpo da paciente e o que parece é que não se reduz ao paterno.

A paciente lembra de uma sensação de uma paixão – que podemos ler por sexualidade - por um jovem durante uma caminhada. Enquanto precisa cuidar do pai enfermo há esse outro elemento, essa sensação corporal, e de acordo com o que lembrou os autores: ela relembra um estado um pouco indizível de certa emoção durante essa caminhada. Entretanto, em seguida, vale destacar, depois dessa cena, que se configura o segundo tempo em que ela encontra o pai, e com esse segundo encontro, tampona algo do sintoma histérico “real”. O encontro com o pai é apenas em um momento posterior.

Quando a paciente chega, depois da caminhada, e se depara com o pai, tratam-se de duas representações inconciliáveis e por isso atua uma força de desalojamento, uma repressão falida em alguma medida, já que retorna de forma substitutiva no sintoma. O material recalado inclui as sensações corporais produzidas pelo encontro com o jovem durante a caminhada. O custo para o

aparelho psíquico do recalque das representações é que estes se expressam no sintoma conversivo, outra forma de incluir o corpo na cena, de dar lugar a esse afeto no corpo.

Por que essas representações são inconciliáveis? Pelo quarto mandamento, eu diria, para insistir em como se apresentou a referência ao Nome-do-Pai. Porque há que honrar o pai e a mãe, e estando o pai doente a filha deve cuidá-lo e não permitir que nenhum desejo a distancie de seu dever. E como se permitiu uma coisa que está para além disso, e que começou a sentir algo no corpo em relação a esse jovem, porque está contra esse quarto mandamento, tem que sufocá-lo e substituir todo esse afeto pela sua transformação, sua conversão em um sintoma no corpo, que Freud chamou “expressão somática” (IBID, p. 23).

Essa citação nos é cara no sentido de que evidencia, que antes da lei paterna incidir, há um encontro das palavras com o corpo. O pai chega em um momento secundário, tentando organizar algo desse gozo ainda sem sentido. Isso é chave para pensarmos que há algo que passa por fora da interpretação do Nome-do-Pai. Se por um lado podemos dizer que para que haja alguma interpretação é preciso um Outro, que lê algo que se produziu no corpo, esse algo também porta um sem sentido que escapa ao pai; são palavras soltas que tocam em algo do ser de cada corpo falante. Não se relaciona com isso o real do sintoma?

Evidentemente a raiz real do sintoma é outra coisa, e por fora dos diversos Nomes-do-Pai. Quando Lacan nos convida a considerar o real do sintoma para além do Nome-do-Pai, todo o aparato interpretativo do levantamento da repressão secundária caduca, como aparato de produção de sentido sempre retroativo (IBID, p. 24).

Em suma, o fundamental é a leitura que se tem do sintoma, é o que irá definir o que vem antes e depois, e aqui a ordem dos fatores muda o jogo.¹⁶ “O acontecimento é histeria metafísica. Os sentidos serão produzidos depois, retroativa e interminavelmente. Não há histeria sem revisão histórica nem história sem revisão histórica”. (IBID, p. 26).

O exclusivo da psicanálise é que em sua prática considera necessário incluir o desejo como ferramenta fundamental de leitura do que se pôde fazer, e do que está por vir, em relação ao acontecimento que marcou de maneira singular o corpo de cada um.

¹⁶ Se consideramos o sintoma como *acontecimento de corpo* (1975-76), a definição de sintoma que propõe Lacan em seu último ensino, em alguma medida é sempre um sintoma histórico. O que promove o acontecimento de corpo é a incidência das palavras. Dessa forma, acontecimento de corpo inclui essa dobradiça: o real do sintoma histórico e o mito que se produz com ele.

Um dos ensinamentos de Cixous aos analistas é em relação à importância de não tomar por sabido o que é o gozo fálico, o qual temos certa ilusão de conhecê-lo, quase sem questões. Na Dora de Cixous há um esforço em dizer que o acontecimento corporal não se explica já que não possui ressonância com a suposta norma da significação fálica.

Como precisou Indart (2014):

Podemos dizer, é um debate, que o trauma é uma intrusão de gozo fálico. Entretanto, esses casos nos levam a interrogar muito isso, porque antes de mais nada teríamos que saber o que é o gozo fálico. E não sabemos. Sabemos se o colocamos como equivalente à significação fálica e, então, estamos com esse Freud que a histeria rígida recusa (IBID, p. 44).

A questão, portanto, é que não há um outro sintoma histérico. E sim, o que muda é a leitura que se faz do sintoma histérico. Seria interessante deixarmos uma abertura ao mistério, a uma parcela de não saber, em relação ao sintoma histérico. Nessa vertente, a pergunta que formula Indart (2014) é fundamental: “Como voltamos a supor um enigma em relação ao acontecimento de corpo que lemos como um sintoma histérico? (IBID, p.45).

Portanto, esses casos transmitem que há um enigmático, que há algo que passa no corpo que não se reduz à leitura fálica e, portanto, eticamente, essa leitura analítica não deve ser a única, sobretudo hoje. Além disso, faz diferença, para que a surpresa possa ter lugar na clínica, deixar em aberto um ponto de não saber sobre o gozo fálico.

No sintoma histérico, se tratamos de pensá-lo por fora do Nome-do-Pai, o que significa por fora de tudo o que sabemos sobre o sintoma histérico e suas interpretações, a parte ‘acontecimento de corpo’, se seguimos essas descrições, permanece misteriosa. Justamente se trata de dizer algo, que o Nome-do-Pai tenta localizar na significação do falo como tal. E essas mulheres tratam de dizer que o que experimentam não tem nada a ver com isso (IBID, p.45-46).

Nesse enfoque, por quê utilizar ainda o termo histeria? O que faz com que não inventemos outro nome, outro conceito, que nos ajudaria a sair do paradoxo, ou de uma possível confusão? Indart acrescenta que Lacan nos advertiu, no seu último ensino, que há algo que só adveio por conta da histeria, isto é, algo de verdade sobre a não relação sexual. “Se não tivesse um sintoma com certas características, não teríamos chance de chegar a essa verdade. E o único exemplo que dá é a histeria. Há, pelo menos, um sintoma, um acontecimento de corpo,

vinculado estritamente ao trauma da não relação sexual. E conhecemos isso como histeria” (IBID, p. 46).

Uma formulação de extrema relevância a nossa investigação sobre a histeria é que não se trata na histeria de Cixous de algo completamente novo, e sim que há algo desde Freud que podemos verificar hoje. Ou de forma retroativa, há um núcleo histórico que se apresenta hoje, que já estava na época da Dora de Freud. Esse núcleo histórico do real do sintoma histórico é destacado ou não, dependendo da leitura que escolhemos adotar. Essa perspectiva foi a que tratamos de circunscrever nessa dissertação. Sobre esse aspecto podemos destacar:

No caso da Dora de Cixous, os sintomas que tem e sobre os que fala remitem, em primeiro lugar, ao encontro traumático com o Sr. K. Ela fala do encontro com um homem, no momento em que sabe dessa possibilidade como depois, quando se encontra efetivamente com um. Isto é assim. Não é que falam de outra coisa nem que façam um sintoma de outra coisa. Nisso, Cixous segue exatamente a sintomatologia que Dora mostrou a Freud (IBID, p. 46).

Possivelmente podemos dizer, então, que tanto na Dora de Freud como na Dora de Cixous, há algo que está em jogo que escapa às palavras quando a associamos ao sentido. Esse algo real escapa também à organização proposta pelo imaginário, porque quando se aproxima disso, se produzem fenômenos de indistinção, por exemplo, quando falamos anteriormente da indistinção do que é do sujeito e do que é do Outro.

Há algo presente na Dora de Freud quando esta rechaça a interpretação de Freud e, em seguida, interrompe o tratamento, e também na Dora de Cixous quando sai sozinha, vai buscar a cura sozinha, porque se dá conta que não há interpretação possível para seus sintomas e, assim, inicia um esforço de dizer sozinha. “Não me interessam mais essas interpretações, mas continuo falando a partir do sintoma; tenho algo a dizer do trauma sexual, e tenho algo a dizer de um Outro gozo” (IBID, p. 47). Cixous se deu o trabalho de escrevê-la, sem referir-se a um Sujeito Suposto Saber, para apontar um limite às interpretações.

Lacan foi mais claro quando localizou que o sintoma histórico alude à questão do feminino enquanto tal, conceito que não iremos aprofundar neste trabalho mas que já comentamos em alguma medida, em que há algo que orienta o pulsional e que corre por fora do sentido, do discurso. A histeria rígida não está distante disso já que tem relação com o fracasso da função do intérprete, ou seja,

que há algo na histeria que conhecemos como discurso que fracassa. Entretanto, há um real do sintoma histérico que está presente na Dora de Freud e na Dora de Cixous.

Dessa forma, o convite é que possamos estar atentos ao real do sintoma histérico, que está tanto na histeria de Freud como na histeria de Cixous. Para isso é necessário inverter a lógica que tendemos a pensar. O interessante é: o sintoma se produz, corporalmente, em um primeiro momento e, posteriormente, é que é possível construir a solução proposta pelo Nome-do-Pai. “Diante do trauma não há pai que vale porque por definição não pode estar aí. Vem depois, se vem, para legislar ou interpretar. Quando dizemos histeria sem Nome-do-Pai se trata de uma maneira de situar o sintoma como tal, em sua emergência real e contingente” (IBID, p.49). Nesse sentido, não é uma regra necessária a chegada do pai para ordenar algo. Trata-se também de uma operação secundária.

O Nome-do-Pai é uma resposta à pergunta sobre a relação sexual, entretanto, não a única. Lacan sugere que possamos nos instruir com Cixous para termos uma ideia da histeria para além da interpretação.

É importante recortarmos a seguinte diferença: Lacan localiza primeiro o trauma e depois o pai como a função que vem atribuir uma possível resposta ao trauma da não relação sexual. É importante mantermos fresca essa sutil diferença e necessariamente essa ordem temporal.

Tratam-se de duas posições éticas distintas. Uma situa o próprio furo no sentido do sintoma e a outra, em um momento posterior, já é um sentido criado para essa faceta incompreensível do sintoma. Distinguir essas duas vertentes favorece que o analista possa situar-se de outro modo na clínica, o que implica não seguir escutando o sintoma como uma falha da função paterna (VITALE, 2014, p.50-51). Portanto, trata-se de um exercício clínico não atrelar gozo à decadência da função paterna; são dois terrenos conceituais distintos.

Podemos pensar que na histeria sem Nome-do-Pai tratam-se de mulheres que estão atravessadas pelo enigma que a sexualidade introduz, e com o trauma que advém desse encontro, o que não é diferente na histeria clássica. A diferença seria que na histérica de hoje está em jogo mais o trauma a partir do sexual em si do que o trauma a partir da intervenção do Outro na subjetividade de cada uma. A questão é que a solução ao encontro traumático na histérica de hoje é ainda mais

por conta própria; a invenção, a partir do trauma, aqui é ainda mais central (BENITO, 2014).

Na obra de teatro *O Retrato de Dora* todos os atores fracassam como Sujeito Suposto Saber sobre o gozo, tanto Sr. K., a Sra. K. e o próprio Freud. Que outro lugar ao analista que não o de Sujeito Suposto Saber, onde se supõe um Outro prévio? A convocação que a clínica apresenta é que cada vez mais teremos que dar lugar às intervenções singulares em cada caso, a partir das invenções de cada sujeito, e que a comodidade que se aproxima da posição de intérprete, certamente mais conhecida, não caminha como outrora.

Por fim, seja como for, a psicanálise ficou marcada por ler a histeria através da interpretação, movimento esse *quase* natural. Nesse sentido, não é simples imaginar o analista fazendo algo diferente disso. É certo pode ser que haja novos picos de ouro, enigmáticos, como foi para Freud em sua época. Para Lacan, algo da histérica afetou muito a Freud. Nossa aposta é que possamos seguir afetados, cada analista a sua maneira, pelo enigma que atravessou Freud e seguirmos trabalhando com o próprio de cada sujeito, que busca uma análise.

5

Conclusão

Vimos, portanto, no percurso deste trabalho que há uma parte da satisfação pulsional, de gozo, um pedaço de real, que escapa à leitura que faz o pai. Mais uma vez, vale lembrar o pai no sentido de uma instância linguageira que atribui uma ordem ao que é apenas um excesso pulsional sem sentido. O pai continua lendo nos tempos de hoje, porém há um resto que não se representa. Esse resto sempre existiu e cada um está convidado a encontrar uma maneira de lidar com ele.

A posição do analista na direção de orientar-se pelo real do gozo seria a de não atribuir muito valor ao sentido. Caso o façamos uma análise poderia ser interminável, pois sempre é possível atribuir um sentido a mais. Deste ponto de vista o inconsciente não se esgota.

Nosso ponto de orientação é o real como furo no sentido. Dizer furo implica que existem palavras que não fazem sentido e com elas o analista também trabalha, elas são o cerne da experiência analítica.

Para Lacan, essas palavras, S1s, onde um sujeito pode alienar-se, indica aonde está o furo. Para Lacan, o discurso analítico há de produzir esses significantes sem sentido, significantes mestres da alienação ou da identificação fundante do gozo de um sujeito (NAJLES, 2014).

Tratamos de abordar na presente investigação a maneira como ao mesmo tempo o objeto *a* é o que estabelece uma tensão, uma junção e disjunção, uma presença e ausência com o Outro, e o que se relaciona com o sem sentido do gozo e também com o sentido, com o fantasma que cada neurótico precisou lançar mão para se situar na vida.

O que nos parece importante ao nosso estudo é que não há identidade do sujeito consigo mesmo, ou seja, não há uma palavra que dê um nome à identidade de si consigo mesmo. Em seu lugar temos a identificação que é produzida.

Podemos dizer que na origem de cada vivente há um furo, que o último Lacan, no *Seminário 20*, define como *a relação sexual que não existe*. É preciso

que venha algo para tapá-lo, talvez um tratamento ao furo, o que situaria o sujeito em relação ao Outro (NAJLES, 2014, p.82).

Então isso que serve para tapar é produzido em um segundo momento. Para construir uma identidade, o ser falante somente possui a identificação que, por outra parte, lhe vai dar uma identidade falha. Como sempre falta a palavra para dizer o que falta, cada um toma emprestado alguma palavra que seja a mais próxima dessa falta. Nesse sentido, podemos dizer que há um furo inaugural e depois a tentativa de se apropriar de algum significante do Outro, o que é falho ou frágil, como resposta a esse furo.

Não se aproxima disso o sintoma? Incluir o estranho aonde a princípio era o familiar, o conhecido. O estranho pode produzir um sintoma, uma pergunta sobre o que não funciona. O trabalho analítico se orienta na direção que o paciente possa consentir com o sintoma, poder localizá-lo e com ele fazer algo. E o que não anda se aproxima do gozo de um corpo, mais distanciado do Outro. Trata-se nessa dialética do universal/singular, do familiar/estranho, de uma *extimidade* e com ela é possível algum arranjo próprio. Essa é a aposta.

Nosso desafio com esta dissertação, portanto, foi o de colocar na cena a tensão promovida pelo núcleo real do sintoma, o gozo que nele vivifica o corpo, com algo do sintoma que é possível de ser ordenado pelo complexo familiar. Dessa forma, nessa dialética, há um núcleo real do sintoma impossível de ser recoberto pelo sentido, onde não há lei que o abarque. O final da análise é o momento privilegiado em que os sentidos não possuem mais a importância de outrora. Certamente o inconsciente continua trabalhando, entretanto há uma redução das interpretações, já que o ser falante encontra, essa é a aposta, um novo fazer com o material que insiste em uma vida. (BELAGA, 2014).

Nosso estudo, portanto, não possuiu como objetivo resolver essa tensão – do sentido oferecido pelo pai e do sem sentido do gozo – o que seria uma pretensão. Nem mesmo dizer que a aposta psicanalítica é por um real completamente sem sentido, sem alguma relação com o Outro, o qual entendemos que não é necessariamente o mesmo que a ordem paterna. Lacan ensinou que conceber o real como aquilo que exclui todo o tipo de sentido é exatamente o oposto da nossa prática. (MILLER, 2013).

A psicanálise continua viva quando considera que algo do corpo de cada um não é colonizado, que tem a ver com um furo, com o fato de que não há relação sexual. Com isso o sujeito inventa uma maneira de fazer uma borda, um certo remendo singular, que a partir desse furo que é único para cada um.

Esse remendo escapa ao pai. É justamente o que a psicanálise se propõe a ler.

Referências bibliográficas

- ABRAHAM, S. (2010). **Distúrbios alimentares**. Lisboa: Ed: Texto.
- ANDRÉ, Jacques. (1996). **As origens femininas da sexualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ANDRÉ, S. (1998). **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ANSERMET, F.; MAGISTRETTI, P. (2012). *Los enigmas del placer*. Buenos Aires: K.atz Ed.
- BASTOS, A.; PENCAK, S. (2009). **Anorexia mental e feminilidade**. Em: Revista *Ágora*, Rio de Janeiro: Vol. 12, n. 2.
- BASTOS, A.; SILVA, A.N. (2006). **Anorexia: uma pseudo-separação frente a impasses na alienação e na separação**. Em: *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro: Vol.18 nº.1.
- BELAGA, G. (2014). *Trauma, angustia, sintoma: desafios de la biopolítica*. – 1ª ed. – Buenos Aires: Grama Ed.
- BIDAUD, B. (1998). **Anorexia–Mental, ascese, mística. Uma abordagem psicanalítica**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.
- BREUER, J.; FREUD, S. (1895). **Estudos sobre a histeria**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 15-297.
- BRODSKY, G. (2007). **A alquimia histórica**. Em *Revista: Latusa* nº 12. Rio de Janeiro: EBP-RJ, pp. 35-45.
- BRUSSET, B. (s/d). **Anorexia mental e bulimia do ponto de vista de sua gênese**. In: URRIBARRI, R. (Org.). *Anorexia e bulimia*. São Paulo: Escuta, 1999, p.51-60.
- CORDÁS, T.A.; CLAUDINO, A.M. (2002). **Transtornos alimentares: fundamentos históricos**. Em *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo: v.24, supl.3, p.3-5.
- CIXOUS, H. (1976). *Le Portrait de Dora*. Em: Théâtre d’Orsay (Compañía Renaud-Barrault), França: 26 de fevereiro.
- COSENZA, D. (2000). *Tratamiento analítico de la anorexia-bulimia en una comunidad terapêutica: la experiencia de La Vela*, in *Estúdios de Anorexia y Bulimia*. Buenos Aires: Ed. Atuel.

———. (2013). *La comida y el inconsciente: Psicoanálisis y transtornos alimentarios* – 1ª ed. – Buenos Aires: Tres Haches Ed.

———. (2014). **Entrevistas NODVS Domenico Cosenza. Barcelona 2014.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VrRsphe0m8>>. Acesso em: 1 de fevereiro de 2015, às 11 horas.

DSM-IV-TR. **Manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.** (2002). 4 ed. Ver. Porto Alegre: Artemed.

EIDELBERG, A. [et al.] (2009). *Porciones de nada. La anorexia y la época.* 1ª ed. Buenos Aires: Del Bucle ed.

EY, HENRY; BERNARD, P.; BRISSET, C. Trad. Paulo Cesar Geraldês, Ulysses Vianna Filho. **Manual de psiquiatria.** 5.ed., rev. e atual. Local: s.l., Masson, Atheneu, s.d. 1.257p.

FREUD, S. (1950 [1892-1899]). **Extratos dos documentos dirigidos a Fliess.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. I.

———. **A Interpretação dos sonhos** (1900). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. IV.

———. **Fragmentos da análise de um caso de histeria.** (1905[1901]) In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. VII.

———. **Três ensaios sobre a sexualidade** (1905a). In: Freud, S. Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 1996. v. VII.

———. **Conferências introdutórias sobre psicanálise** (1916-17). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVI

———. **Psicologia das massas e análise do ego** (1921). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVIII.

———. **Sexualidade feminina** (1931). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XXI.

FULK, S.B.; CAMPOS, T.S. (2010). **Anorexia: da urgência de uma nova prática clínica.** Em *Revista: Tempo psicanalítico.* Rio de Janeiro: vol. 42 nº 1.

GOROSTIZA, L. (2014). *Anfibologías de lo Real.* Em *Revista: Lacaniana de Psicoanálisis,* Buenos Aires: ano IX, nº 16, abril de 2014.

INDART, J.C. (Org.); VITALE, F. (2014) *De la histeria sin nombre del padre I*. Buenos Aires: Grama.

KRIS, E. (1997) **Psicologia do ego e interpretação terapia analítica**, Em: **Revista Latusa**. Rio de Janeiro. nº 1.

LACAN, J. (1953 – 54/1976). **O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

———. (1956-57/1995). **O Seminário, Livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

———. (1957-1958/1999). **O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

———. (1964/1985) **O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

———. (1966/1998). **Intervenção sobre a transferência**, in *Escritos*, São Paulo: Perspectiva Ed.

———. (1958/1998). **A direção do tratamento e os princípios de seu poder**, in *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

———. (1963/2005). **Introdução aos nomes-do-pai**. In: *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

———. (1998). **O estádio do espelho como formador da função do eu**. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

———. (1962-63/2005). **O Seminário, Livro 10: A angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

———. (1969-70/1992). **O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

———. (1972-73/1985). **O Seminário, Livro 20: Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

———. (1975-76/2007). **O Seminário, Livro 23: O sintoma**. (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

———. (1976-77). *Le séminaire: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, aula de 16 de novembro de 1976, publicada em *Ornicar?* N.12, p. 5.

LAURENT, E. (1997). **Alienação e separação I**. In. FELDESTEIN, R.; FINK., B.; JOANUS, M. **Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 31-41.

———. (2007). *Un psicoanálisis orientado a lo real*. In. Carretel - Psicoanálisis con niños, Robert y Rosine Lefort: La invención de una práctica con niños orientada a lo real, Buenos Aires: Editorial Grama, n.º. 8, 2007, pp. 39-48.

———. (2012). **O tratamento das escolhas forçadas da pulsão**. Em **Revista: Responsabilidades**. Entrevistado por Fernanda Otoni Brisset. Belo Horizonte: v. 2, n.º. 1, p. 21-31, mar./ago.

———. (2013). **Falar com o próprio sintoma, falar com o próprio corpo**. Argumento VI ENAPOL, Buenos Aires, 2013. Disponível em: <www.enapol.com>. Acesso em: 29 de Janeiro de 2013 às 15 horas.

LEMONS, I. (2005). **Bulimia e anorexia: patologias da falta e do excesso**. In: Barbacena: Mental v.3 n.º.5.

MANOEL, M. (2005). **Angústia: acting-out e passagem ao ato**. Em **Revista: Latusa Digital**. Rio de Janeiro: ano 2, n.º 19.

MILLER, J-A. (1998). **Os signos do gozo**. Buenos Aires: Paidós Ed.

———. (2005) **Introdução à leitura do Seminário da angústia de Jacques Lacan**. *Opção Lacaniana*, n.º.43. São Paulo: Edições Eolia, p. 7-91.

———. (2011). **Sutilezas analíticas**. Buenos Aires: Paidós Ed.

———. (2013). **O ultimíssimo Lacan**. Buenos Aires: Paidós Ed.

———. (2013). **Jacques Lacan e a voz**. Em **Revista: Opção Lacaniana online nova série** ano 4, n.º 11.

MILLOT, C. (1988-89). **Nobodaddy, a histeria no século**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

NAJLES, A.R. (2014). *Delicias de la intimidad: de la extimidad al sinthome*. 1ª ed., Buenos Aires: Grama Ed.

NAVEAU, P. (2014). **Desejo do analista. Un réel pour le XXIe siècle. IX. Congresso da AMP, 14-18 abril 2014. Paris**. Disponível em: <http://www.congresamp2014.com/pt/template.php?file=Textos/Desir-de-lanalyste_Pierre-Naveau.html>. Acesso em: 31 de janeiro de 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. (1997.) **CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. 10ª rev. São Paulo: Universidade de São Paulo, vol.2.

OTONI, F. (2014). **Dessa vida que vai além da vida dos corpos**. XX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano. Belo Horizonte. 21 a 23 de Novembro. Disponível em: <<http://www.encontrocampofreudiano.org.br/2014/05/dessa-vida.html>>. Acesso em: 31 de janeiro de 2014, às 19 horas.

RECALCATI, M. (2003). *Clínica Del Vacío. Anorexias, dependencias, psicosis*. Madrid: Síntesis Ed.

SORIA, N. (2001.) **O corpo na anorexia: da imagem ao semblante**. Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, nº 35, p.38-42.

SOTELO, M.I. (2007). **Clínica da urgência**. Ilustrado por Héctor O. Pérez; com prólogo de Leonardo Gorostiza. 1ª ed. Buenos Aires: JCE Ed.

VIEIRA, M.A. (2008). **O trauma subjetivo. Em revista: Psico**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: v. 39, nº 4, pp. 509-513.

———. (2009). **A presença do outro**. Curso Livre do ICP-RJ realizado no primeiro semestre de 2009 na Seção-Rio da Escola Brasileira de Psicanálise por Marcus André Vieira. Rio de Janeiro.

———. (2009). **Variações sobre o inconsciente a céu aberto, Seminário II (Delírio e laço social)**, Falasser, nº 5, João Pessoa, Escola Brasileira de Psicanálise-PB, pp. 72-87.

———. (2013). **"Silêncio" (isso não é um silêncio). Opção Lacaniana online nova série** ano 4. nº 11.

VILANOVA, A. (2013). **Um corpo se escreve: do traço à trama**. Tese de doutorado. PUC-RIO. Orientador: Marcus André Vieira. 241f.